



**MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO:
ENSAIOS SOBRE O PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX**

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

Orientação: Luiz Eduardo Fontoura Teixeira

Co-orientação: Themis Fagundes

Autora: Maria Eduarda S. Lima

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso

2018.1

Orientação: Luiz Eduardo Fontoura Teixeira
Co-orientação: Themis Fagundes
Autora: Maria Eduarda S. Lima

À Carlos e Vera

[e aos momentos de elevação sem os quais a
vida não teria sentido algum.]

RESUMO

O presente trabalho, motivado pela memória afetiva que carrego de minha cidade natal, se define por um ensaio propositivo para o Parque da Cidade Roberto Burle Marx, maior parque público de São José dos Campos-SP. A paisagem do parque é composta pela sobreposição de diferentes momentos históricos: as instalações de uma antiga fazenda, um complexo fabril desativado, jardins projetados por Roberto Burle Marx e diversos edifícios modernistas de autoria de Rino Levi, muitos destes subutilizados. Desse modo, o ensaio é o resultado de um debruçar-se sobre o existente, tomando-o como substrato fértil para a imaginação das possibilidades contidas nesta condição. Este se comunica-se por meio de aquarelas, que se tornam a substância que dá forma à imaginação e expressa qualidades e dimensões que não poderiam ser contemplados pela representação técnica. Pretende-se aqui, antes de planejar e demonstrar a exequibilidade de tais ações, estimular e convidar o leitor a co-imaginar estes possíveis, envolvendo-os com a singularidade do Parque.

SUMÁRIO

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DESTE TRABALHO (OU INTRODUÇÃO) // P.8

APRESENTAÇÃO DA CIDADE // P. 16

A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS // P. 36

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX // P. 60

ENSAIOS PROPOSITIVOS: CONVITE À IMAGINAÇÃO // P.106

BIBLIOGRAFIA // P.148

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DESTE TRABALHO

CAPÍTULO 1

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DESTE TRABALHO

Este trabalho se inicia com o desejo sentido de agora, em vias de finalizar a graduação, realizar um estudo sobre o lugar em que nasci e vivi grande parte da minha vida. Um desejo de me debruçar sobre sua história, entender suas relações e dar a minha contribuição, produzindo também algo que fizesse referência ao universo dos familiares e amigos que deixei quando me mudei para Florianópolis.

Empresto as palavras do Professor Alcimir de Paris que definiu o TCC como “um trabalho autoral, e sendo assim, autobiográfico e autorreferencial”. A partir desta definição, assumo que os temas e a forma em que são apresentados neste trabalho, são manifestações dos valores que, construídos ao longo de minha vida e trajetória acadêmica, me formam hoje como pessoa e futura jovem profissional.

As inquietações iniciais estavam relacionadas principalmente à três questões: a história joiense, principalmente em sua evolução durante o século XX, o uso do patrimônio edificado e o crescente protagonismo dos espaços privados no cotidiano da cidade. Para responder tais questões, foram realizadas pesquisas historiográficas e sociológicas, assim como estudos com foco na questão urbana e no papel do arquiteto na contemporaneidade.

No curso de minhas investigações, a memória - tanto coletiva quanto afetiva - se mostrou como um dos eixos norteadores do trabalho. Ao mesmo tempo em que realizava uma reflexão crítica acerca das narrativas históricas oficiais da cidade e seus símbolos, resgatei minhas memórias e de meus familiares sobre os espaços em questão. No entanto,

para responder às minhas inquietações, ainda se fez necessário realizar uma análise das questões que envolvem o espaço social joseense através de seus principais parques.

A partir de tal análise, reafirma-se o recorte espacial para a realização do ensaio propositivo: o Parque da Cidade Roberto Burle Marx. A questão da memória entrelaça-se com o local não só pela memória afetiva existente mas pelo fato de que este parque é registro da história da região em que se insere. O ensaio parte de um ímpeto imaginativo fertilizado pela situação atual e a potência de vir a ser contida nessa condição.

Dentro deste estudo, tomo a concepção bachelardiana da imaginação. O autor nega a etimologia da palavra, que sugere que esta seja a faculdade de formar imagens, para apresentar um conceito em que a imaginação mostra-se como a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, libertando-nos das imagens primeiras. Para ele, o vocábulo que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. Neste sentido, a imaginação não é a criação de uma imagem estática, mas o fluxo mental em constante movimento durante a ação imaginadora. (BACHELARD, 2001)

É a partir deste fluxo criativo que o trabalho se desenvolve. Além disso, outro aspecto que impulsiona as percepções apreendidas em meu processo é a condição de exilada em minha própria cidade natal.

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DESTE TRABALHO

EXÍLIO E CRIATIVIDADE

O exílio é uma condição em que um indivíduo é destituído não apenas da ocupação de um determinado território, mas também de suas práticas cotidianas. Em oposição à negatividade que o conceito de exílio possa representar, o filósofo tcheco Vilém Flusser enxerga nesta condição uma virtude. Em seu texto “Exílio e Criatividade”, Flusser apresenta o exílio como fonte de criatividade à medida que revela as estruturas ocultadas pelo hábito.

Ao estar em meio ao desconhecido, o exílio exige um esforço de compreensão e apreensão que resulta em um estímulo à criatividade. Parte da criatividade nesta perspectiva se dá através da comunicação. O trabalho de tradução necessário para a comunicação no exílio é um trabalho criativo: é preciso ligar signos, gestos, fonemas, radicais, memórias. Flusser revela ainda que a resistência à cegueira do hábito, representada por um ato de um *afastamento*, pode ser considerada um estado exílio mental, portanto desejável para a reprodução da criatividade. Desta forma, o filósofo convida-nos a viver em constante estado de exílio, buscando olhar, como se fosse pela primeira vez, algo que nos parece familiar.

Percebo que minha própria trajetória de vida teve diferentes momentos de exílio. O primeiro, em Florianópolis, em que o estudo da disciplina de arquitetura e urbanismo e a própria vivência universitária me proporcionou ressignificações de conceitos como cidade, rua, casa, lar, espaço, universidade. E o segundo durante o intercâmbio na Hungria que representou inicialmente um ato

de coragem, mas que significou entre muitas outras coisas, a oportunidade da vivência de uma cidade mais democrática e com um espaço público vibrante.

Em Budapeste, ainda durante o intercâmbio, tomei contato o livro “Aquarela para Urban Sketchers”, de Felix Scheinberger. Este guia, além de instruir o leitor sobre os materiais e técnicas básicas, apresenta a potência narrativa das escolhas que compõem o desenho, das cores e aos gestos, do preenchimento aos espaços vazios, dos contrastes e complementações:

“el color está vivo, está cargado de emoción y nos transporta a un lugar completamente nuevo.”
(SCHEINBERGER, 2015 : p.22)

A evolução do meu aprendizado em relação à técnica se deu a partir do guia, mas sobretudo pelo exílio que me inspirou a registrar minhas vivências e apreensões. Desde então, esta se tornou um interesse pessoal e prática cotidiana.

O último estado de exílio que me encontrei foi resultante da decisão de realizar o trabalho de conclusão sobre São José dos Campos. Depois de anos estudando e morando em Florianópolis, São José que já foi lar, se tornava então *exílio*. Neste processo a cidade que eu já conhecia, mostrava-se sob uma nova perspectiva, resultado também dos exílios anteriores. Esta condição me exigia buscar maneiras de me reaproximar da cidade.

Desde que comecei a fazer desenhos, percebi a potencialidade que estes têm de envolver

“se quieres que tu cuadro transmita significado, su tema o sujeto debe ser significativo para ti”
(SCHEINBERGER, 2015 : p.89)

“Haz que importe. Entonces el tema dejará de ser solo un tema y adquirirá alma” p. 89
“artistas deben ser auténticos y expresar algo sobre su mundo.” “cada color cuenta una historia”
(SCHEINBERGER, 2015 : p.59)

as pessoas. Isso ficou ainda mais evidente durante meus primeiros trabalhos de campo, já que muitas vezes o desenho era o estopim para uma conversa que se desenvolvia muito mais aberta e espontânea do que se fosse eu quem solicitasse uma espécie de entrevista. Neste sentido, o desenho se revelou como uma ferramenta de aproximação com os habitantes da cidade ou ainda uma forma de acessar as afetividades destes com os espaços representados. A partir disto, define-se o desenho em aquarela como linguagem de comunicação deste ensaio.

A escolha pela aquarela em detrimento ao uso da representação técnica, ou de recursos de fotográficos como a foto-montagem, reside no fato de que estes determinam todos os pormenores materiais, traduzindo-se em imagem acabada e que não potencia o movimento imaginativo descrito por Bachelard. A partir das fluidez das aquarelas, lacunas e imprecisões tornam-se espaços para o movimento da imaginação.

A imaginação como faculdade humana de deformação e mudança, nos possibilita não estarmos conformados com o que se apresenta como real e o que nos impulsiona a criar novas realidades. Assim, fomentar esta ação se torna profundamente necessário para para a construção do futuro.

Por isso, A intenção do trabalho não é imaginar-se sozinho, determinando autoritariamente o que deve ser feito, mas principalmente ativar no outro o imaginar destas possibilidades. Esta abordagem também parte de uma reflexão sobre o papel do arquiteto na contemporaneidade, que se

desloca da posição de controle total da obra, para representar um agente catalisador de mudanças que serão engendradas por processos coletivos.

Portanto, não pretende-se então espacializar com precisão técnica dimensões e escalas, mas comunicar as características do lugar, atmosferas e qualidades. Dentro desta perspectiva, as aquarelas formam narrativas, convites à imaginação; as pessoas representadas ganham protagonismo nos desenhos porque são elas que dão sentido ao lugar; elas estão presentes não só por uma questão de *escala humana*, mas devido a uma à *dimensão social e relacional*.

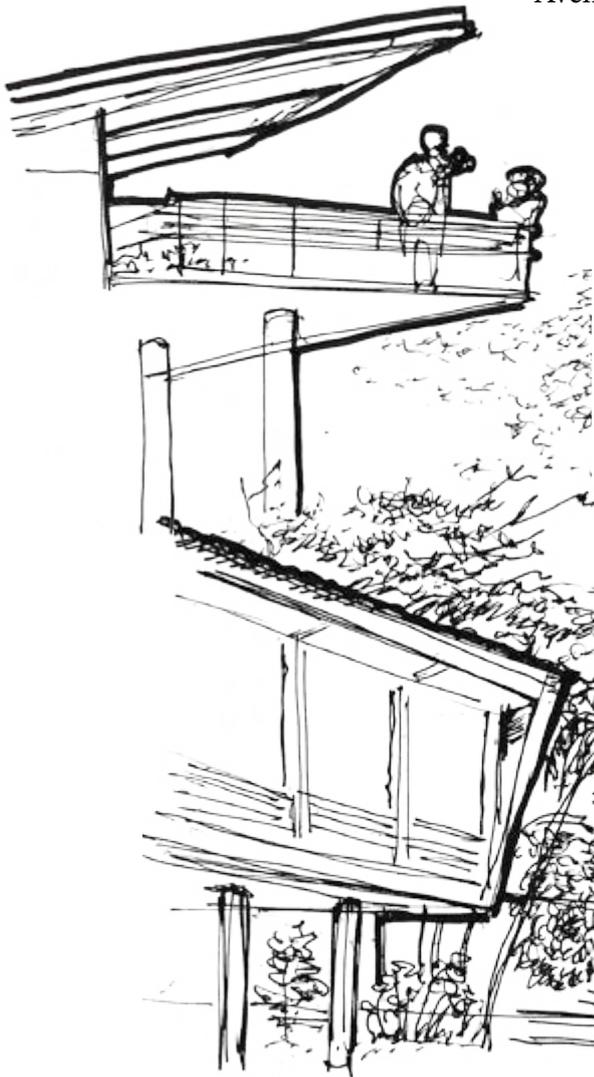
Assim, a proposta se comunica através de uma expressão carregada de subjetividade demonstrada pelas distorções, texturas e ênfases. A partir disto, busco um contato com a subjetividade do leitor, envolvendo-o com o espaço e convidando-o a imaginá-lo comigo. É a partir desta interação que completa-se o sentido da obra.

Apesar deste convite a co-imaginar os espaços aludir a um exercício puramente subjetivo, a intenção do trabalho é estar ancorado no real e a partir dele, ir em direção ao possível, respondendo a demandas existentes. Portanto, fez-se necessário, como já foi mencionado, realizar uma pesquisa historiográfica a fim de entender e captar estruturalmente os potenciais e desafios encontrados hoje no recorte espacial. Estes dados serão apresentados nos capítulos que se seguem e se desdobram no ensaio propositivo.

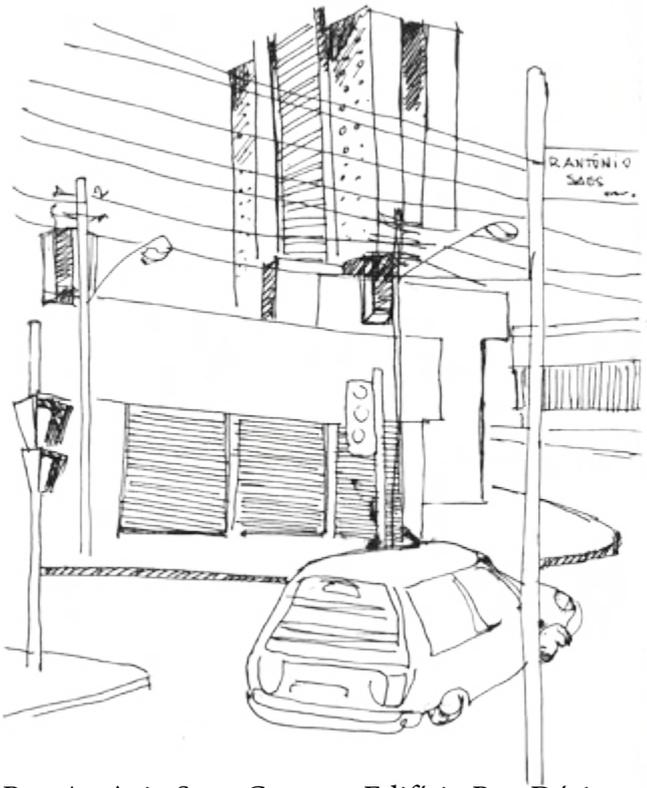
Alguns desenhos presentes no caderno de campo:



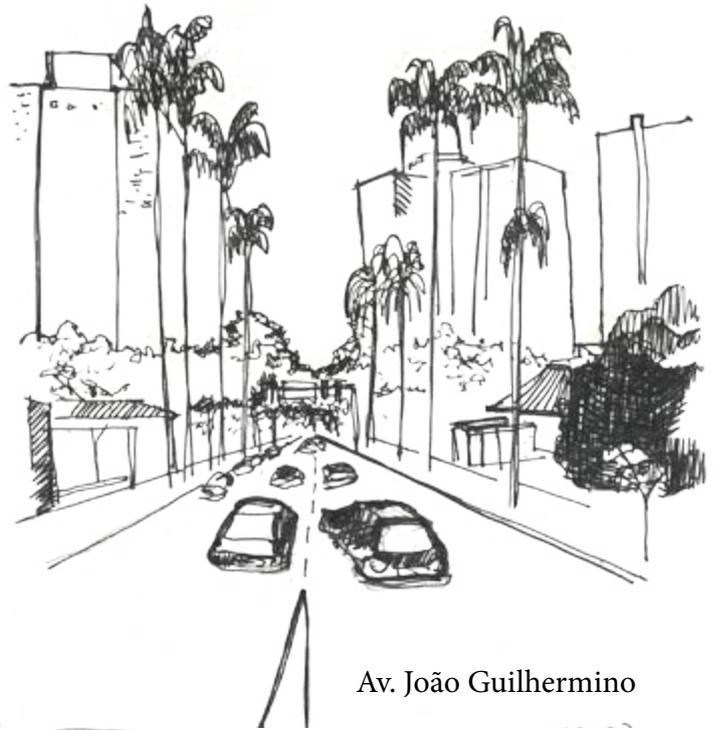
Avenida São José - Orla do Banhado



Residência Olívo Gomes - Parque da Cidade



Rua Antônio Saes, Centro e Edifício Ruy Dória



Av. João Guilhermino



Rua Antônio Saes, Centro



Vendedores Ambulantes, Terminal Central.

DUDA LIMA
27 01 97



Prédios Abandonados da Argon, Banhado

APRESENTAÇÃO DA CIDADE

LOCALIZAÇÃO

CAPÍTULO 2

APRESENTAÇÃO DA CIDADE

São José dos Campos
Brasil, SP, Vale do Paraíba.



São José dos Campos é um município localizado no interior do Estado de São Paulo, em região administrativa conhecida por Vale do Paraíba.

Sua localização é bastante privilegiada dentro do contexto nacional: a cidade se situa entre São Paulo e Rio de Janeiro e seu parte do seu perímetro faz divisa com o Sul de Minas. Está ainda relativamnete próxima ao Porto de São Sebastião no Litoral Norte Paulista.



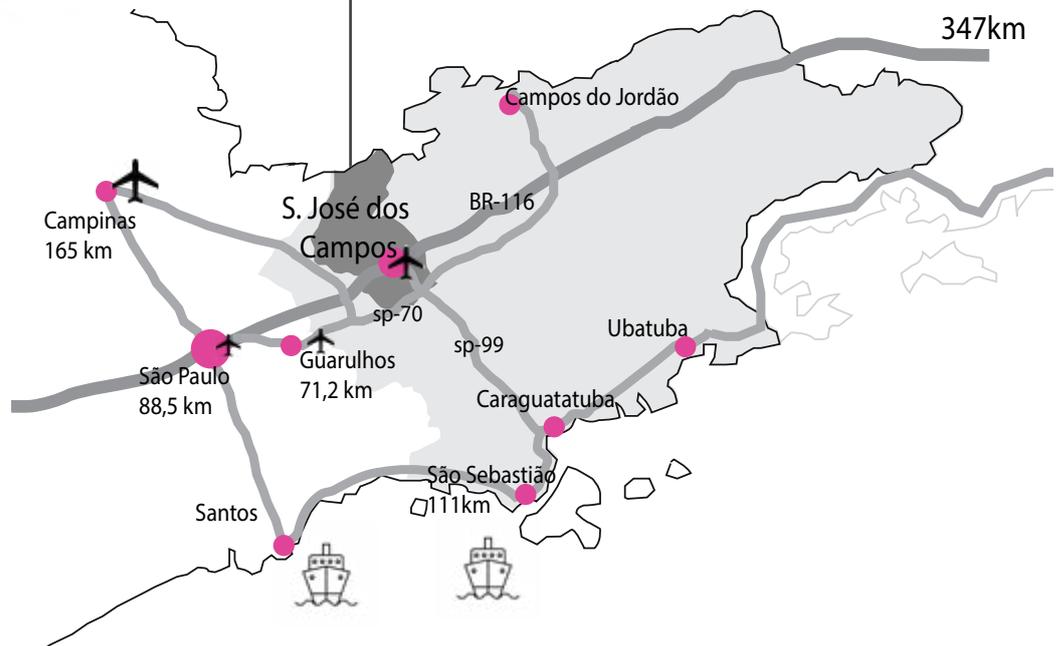
A região do Vale do Paraíba situa-se a Leste do Estado de São Paulo e é compreendida pela bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul.



1.099,6 km² **ÁREA TOTAL**

615.022 **HABITANTES (CENSO DE 2010)**

0,807 **IDH (CENSO DE 2010)**



Mapa Distâncias. Criado pela autora com base no mapa presente em COSTA, 2008 p. 53. Fonte: Secretaria de Meio Ambiente SPMA, PMSJC

APRESENTAÇÃO DA CIDADE

VALE DO PARAÍBA

O RIO

“O Rio Paraíba do Sul nasce na Serra da Bocaina, a 1800m de altitude, na divisa dos municípios de Areias, Silveiras e Cunha; recebendo o nome de Paraitinga. Corre em direção sudoeste recebendo as águas do Rio Paraibuna, no município de mesmo nome, a partir de quando começa a receber o nome de Paraíba do Sul. Prossegue nesta região até atingir as montanhas de Guararema, onde encontra os degraus que unem as cordilheiras da Serra do Mar e da Serra da Mantiqueira que formam obstáculo natural a sua expansão, provocando o desvio do seu curso numa curva de quase 180 graus, formando o famoso “cotovelo de Guararema”. Desde então passa a correr em direção contrária, passando por Jacareí, entrando na bacia terciária de Taubaté. Segue daí em direção à sua foz, em forma de delta, no município de Atafona, no Estado do Rio de Janeiro, próximo a São João da Barra, percorrendo uma extensão de aproximadamente 1100 km.” (LOBÃO,

A região do Vale do Paraíba abrange três estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Dividindo-se em Vale do Paraíba Paulista, Fluminense e Mineiro.

Situado no extremo leste do estado de São Paulo, o Vale do Paraíba paulista confronta-se ao norte com o Estado de Minas Gerais; a leste com o Estado do Rio de Janeiro; ao sul com o Litoral Norte de São Paulo; a oeste com a Região Metropolitana de São Paulo e a noroeste com a região metropolitana de Campinas. Está cercado ao norte pela Serra da Mantiqueira e ao sul pela Serra do Mar (LOBÃO, 2007).

A região apresenta um panorama econômico diversificado. Ao longo da Rodovia Presidente Dutra, que se desenha paralelamente ao Rio Paraíba do Sul, há um dinâmico eixo industrial e complexa infraestrutura urbana; em outras áreas localizam-se os municípios cuja atividade econômica é centrada na agricultura de subsistência e nas atividades turísticas, ainda em processo de desenvolvimento (LOBÃO, 2007).

O vale do Paraíba, pertencia à capitania de São Vicente, região de economia de subsistência. Durante o século XVII iniciam-se as expedições em direção ao interior para serem criados assentamentos, visando assegurar o domínio do território e avançar na busca de metais preciosos. (OLIVEIRA, 1999)

1600

Durante o início do século XVIII, a região tem um acréscimo populacional e crescimento econômico em função da exploração de metais preciosos na região das Minas Gerais. Após o declínio desse ciclo, a região passou a produzir cana de açúcar, principalmente na região de Guaratinguetá, Lorena e Pindamonhangaba. (LOBÃO, 2007)

1700

Já no final do século, a economia cafeeira avança para esta região, sendo o município de Santanna de Areias, pioneiro na produção intensiva de café no Estado. Durante o século XIX, o Vale do Paraíba ganha relevância nacional devido ao cultivo do grão, base da economia nacional da época. (LOBÃO, 2007)

1800

Com o declínio do ciclo cafeeiro no primeiro quartel do século XX, inicia-se o processo de industrialização, ainda que de maneira tímida e que se acelerará a partir da segunda metade do século XX, com a implantação da siderúrgica Nacional em Volta Redonda (RJ) e a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, que liga Rio de Janeiro a São Paulo através do Vale do Paraíba. (COSTA, 2007)

1900

Atualmente a rede urbana do Vale do Paraíba demonstra-se como uma faixa conurbada e relativamente difusa (COSTA, 2007). O processo de metropolização vem se impondo da década de 1970 através de uma conurbação embrionária a partir da Via Dutra, (que também foi o eixo onde se instalaram a maioria das indústrias), conurbação essa na qual São José dos Campos se destaca como metrópole emergente. Isto pode ser verificado pelo caráter regional de seu setor de serviços, que dá suporte à intensificação dos fluxos e relações entre São José e as cidades do seu entorno (COSTA, 2007)

2000

MG

TAUBATÉ

**PARQUE DA
CIDADE**

SJC



An aerial photograph of the Rio de Janeiro state (RJ) in Brazil. The state's boundary is outlined in white. A large area along the Paraíba do Sul river valley is highlighted with a yellow-green border, indicating a green axis. The river itself is a dark blue feature winding through the landscape. The surrounding terrain is mostly green, representing forested areas, with some brown patches indicating cleared land or urban areas. The letters 'RJ' are printed in white in the upper right corner of the image.

RJ

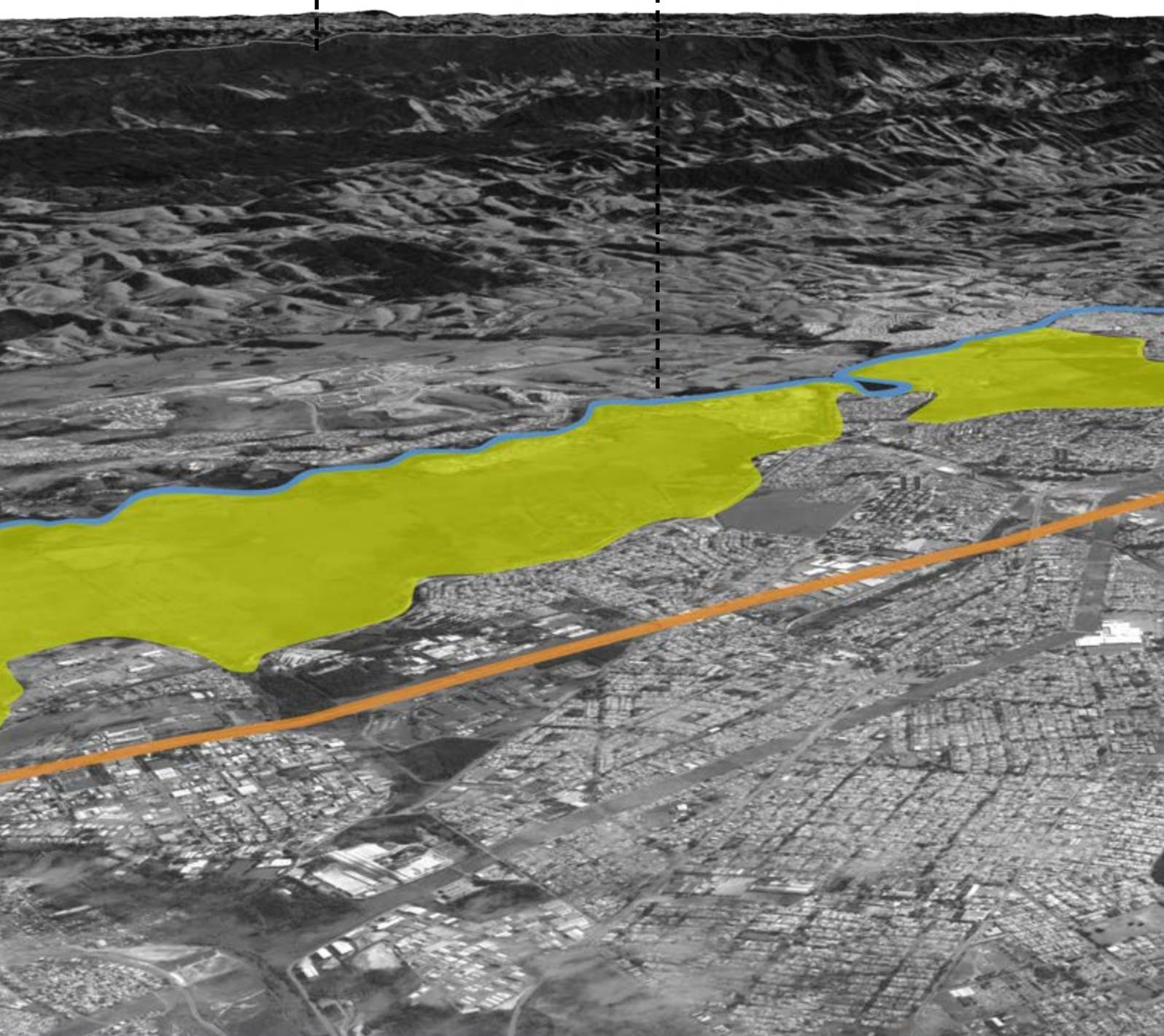
Nesta imagem é possível identificar não só a faixa de conurbação urbana difusa, que dispõe paralelamente ao Rio Paraíba e a Rodovia Presidente Dutra, mas também os eixos verdes resultantes das Áreas de Proteção das Várzeas do Rio Paraíba do Sul, eixo do qual o Parque da Cidade faz parte, embora classifique-se como Parque Urbano e não como Unidade de Conservação.

APRESENTAÇÃO DA CIDADE

PAISAGEM: PRINCIPAIS ELEMENTOS

Serra da Mantiqueira

Rio Paraíba do Sul



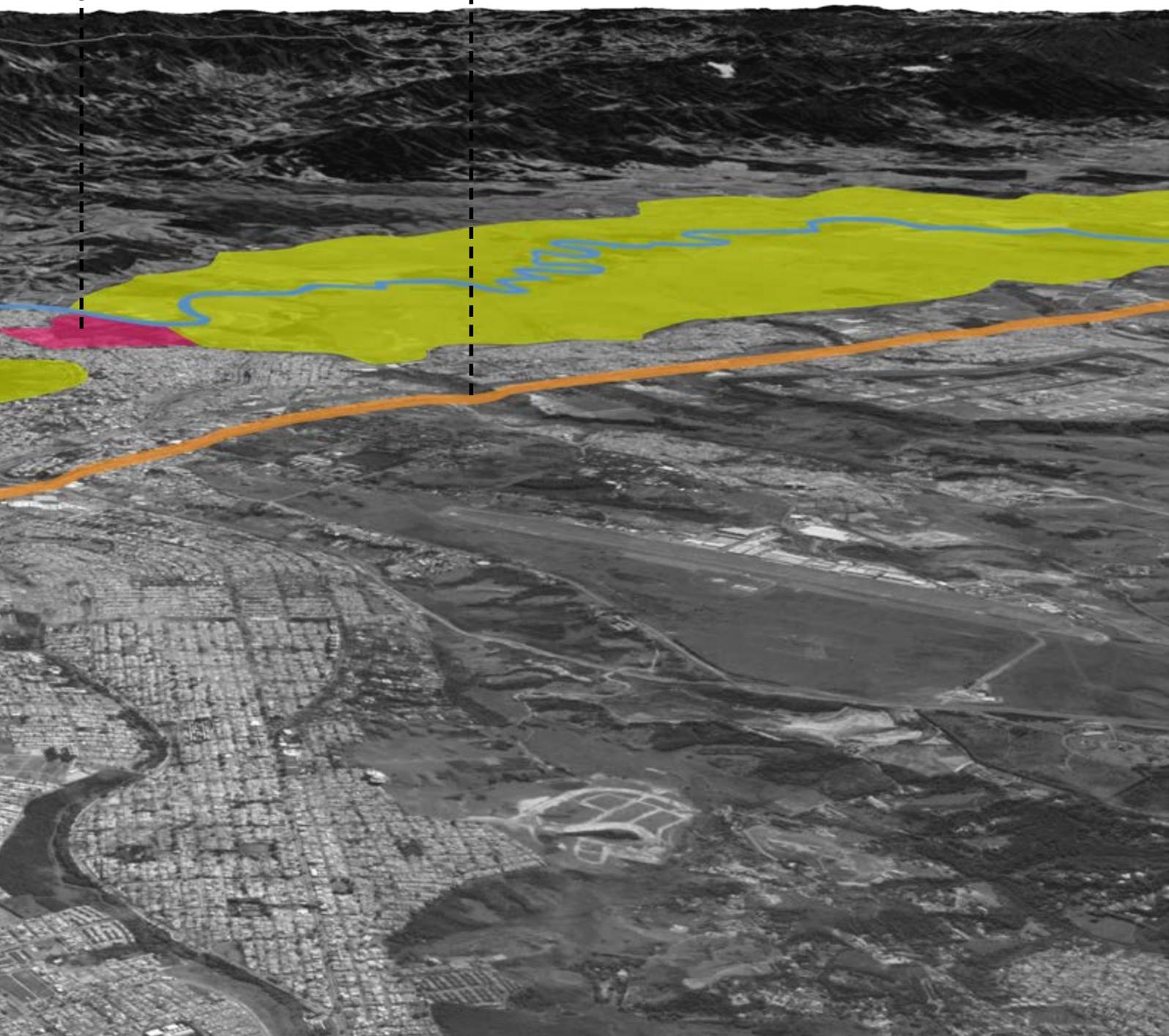
Rio Paraíba do Sul e São José dos Campos

Por percorrer terrenos muito diferentes, o Rio Paraíba do Sul é rico em contrastes durante seu percurso apresentando quatro seções distintas bem caracterizadas ao longo de sua extensão. São José dos Campos se localiza no trecho definido por curso médio superior, apresentando curso calmo e sinuoso (LOBÃO, 2007).

Vista Sul-Norte de São José dos Campos. Google Earth, 2018. Editada pela autora com base na Figura 2 do Diagnóstico Síntese do Plano Diretor de São José dos Campos, 2017: Elementos da Paisagem Urbana: Sistema Rodoviário, Ferrovia, Hidrografia e Área de Proteção Ambiental IV.

Parque da Cidade Roberto Burle Marx

Rodovia Pres. Dutra



APRESENTAÇÃO DA CIDADE

HISTÓRIA

São José dos Campos -SP, é um centro urbano de destaque nacional, sendo a principal cidade da região do Vale do Paraíba Paulista. A cidade é sede de empresas como Embraer, General Motors, Johnson and Johnson's, Petrobrás, institutos de pesquisa militar e estratégica como Instituto Tecnológico e Aeroespacial (ITA) e Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (INPE). Como consequência da intensa atividade industrial a partir de 1960, desenvolveu-se nas décadas subsequentes o setor de comércio e serviços, fazendo com que a cidade se tornasse a principal polarizadora dessas atividades na região do Vale do Paraíba e Litoral Norte de São Paulo.

Parte do que hoje é seu território teria sido ocupado por jesuítas no final do século XVI, aproximadamente em 1585, às margens do Rio Comprido, hoje divisa natural entre São José dos Campos e Jacareí. Em meados do século XVII, após conflitos entre jesuítas e aldeões paulistas, jesuítas passam a ocupar uma planície a cerca de quinze quilômetros da antiga aldeia, na atual localização do centro. (OLIVEIRA, 1999)

O desenvolvimento nos próximos séculos foi lento. Fora do eixo do caminho da Estrada Real e posteriormente sem grandes produtores de café, pouco progresso foi notado até meados do século XIX, quando a vila passou a demonstrar sinais

de crescimento econômico, devido em parte, à produção de algodão durante a década de 1860. (OLIVEIRA, 1999)

Entre o final do século XIX e início do XX, as atividades econômicas predominantes na cidade eram de natureza agrícola, sem significativa expressão econômica. A cidade aparentemente sem recursos ou meios para garantir sua sobrevivência, se torna um destaque local a partir dos empreendimentos sanatoriais, iniciando um processo de centralização de investimentos, população e equipamentos. Na segunda metade do século, a partir das dinâmicas de desindustrialização da cidade de São Paulo, assim como outros municípios do interior, passa a receber indústrias de grande porte e institutos de pesquisa, tornando-se pólo econômico e tecnológico.

São José se identifica atualmente com uma imagem cidade industrial embora perceba-se a gradativa diminuição da participação da indústria na economia, demonstrando a iminência de uma reorganização produtiva que se apresenta como mais um desafio para a administração local.

O perfil de cidade industrial é realidade em transformação, mas ainda faz parte do imaginário popular e dos discursos oficiais. Há ainda, principalmente por parte dos órgãos oficiais e meios

de comunicação, o discurso de que São José dos Campos é uma cidade desenvolvida. A presença do grande número de indústrias e a importância nacional dos institutos de pesquisa instalados endossam esse argumento, assim como as frequentes notícias colocando a cidade em rankings de satisfação, qualidade de vida, etc.

Um olhar mais atento, no entanto, pode identificar que a produção de riqueza não acompanha uma evolução no quadro social da população. A cidade do futuro segue marcada pela segregação espacial e por grandes diferenças sociais, evidenciadas também pela discrepância com que o Estado oferece os serviços urbanos nas diferentes regiões da cidade.

APRESENTAÇÃO DA CIDADE

NARRATIVAS JOSEENSES

DOS ARES AO VÔO

A história de São José dos Campos dentro do contexto paulista possui certas particularidades. Diferente de outros atuais centros do interior como Campinas e Ribeirão Preto, o município não é herdeiro do Ciclo Cafeeiro, ciclo este que consolidou a rede de cidades paulistas e promoveu a concentração de recursos para o processo de industrialização.

A evolução da cidade durante o século XX se deu através de ciclos bastante particulares, sempre acompanhados de forte apelo discursivo por parte dos órgãos oficiais. Primeiramente através das atividades sanatoriais e posteriormente com a chegada das indústrias de aporte financeiro internacional.

A partir do início do século XX, os governantes municipais passaram a procurar alternativas econômicas que garantissem o crescimento do município, dentre elas se destacaram o incentivo à instalação de indústrias a partir de isenções fiscais e fomento aos serviços de tratamento sanatorial para a tuberculose, através de elogios constantes ao clima favorável da cidade nos almanaques da época (ALMEIDA, 2008).

Como apresenta o artigo “São José dos Campos e a vocação de criar marcas de distinção para a cidade”, os símbolos oficiais acompanharam e são prova da criação de ideias de vocação da cidade com objetivos de legitimação dos diferentes modelos produtivos pelos quais São José passaria durante o século XX. (MACHADO, 2017)



Neste contexto, a fase sanatorial aparece como resultado da forja de uma vocação que residia no clima aparentemente favorável para o tratamento das doenças do peito. Iniciado pelos por elogios constantes ao clima favorável nos supracitados almanaques, o apelo discursivo esteve presente também no nível dos símbolos de representação política. Em 1926, tem-se a criação do Brasão da cidade com os dizeres: “Aura Terraque Generosa” (Generosos são meus ares e minha terra).

Sua proximidade com São Paulo e Rio de Janeiro, a coloca numa posição estratégica para absorver os doentes das capitais, os quais, devido às grandes aglomerações, representavam maiores riscos de contágio para a população saudável, tornando-a ponto estratégico para as questões de saúde destes estados. (ALMEIDA, 2008)

A fase sanatorial proporcionou uma época de intervenções sanitárias no espaço urbano, que incluíam a reordenação de ruas, remoção de cortiços e a construção de instalações sanitárias, entendidas então como medidas profiláticas em relação à doença, sendo de extrema importância para o desenvolvimento da estrutura urbana de São José dos Campos.

Este desenvolvimento ocorre a partir do Decreto 7.007 de 1935 que dá a cidade o título de Estância Climatérica e Hidromineral do Estado, fazendo afluir para a cidade investimentos estaduais para a melhoria da infraestrutura urbana, num momento em que a maioria dos municípios brasileiros passavam por dificuldades financeiras



(COSTA, 2007).

A estrutura urbana modernizada e a localização da cidade foram decisivos para o desenvolvimento das próximas décadas. As estratégias de consolidação das áreas interioranas atraíram para São José institutos estratégicos de desenvolvimento nacional ainda na década de 1950, após criação da Rodovia Presidente Dutra, que corta o território joseense ao meio para ligar a cidade de São Paulo a então capital do Brasil, Rio de Janeiro. (CHUSTER, 2010)

A partir do momento que a cidade passa a receber as indústrias e a cura da tuberculose é encontrada, os discursos em relação a sua vocação mudam, demandando assim a criação de novos símbolos que reforçassem essa vocação. No ano de 1960, é criado mais um elemento de representação oficial: a bandeira joseense, que apresenta a engrenagem como símbolo central, em clara referência ao tema fabril, elemento que vem reforçar o apelo discursivo agora da vocação industrial da cidade. (MACHADO, 2017)

A partir da chegada da indústria aeronáutica ao final dos anos sessenta, o avião passou a ser um símbolo recorrente, representando uma imagem de modernidade e progresso. Percebe-se então a tentativa de apagar os elementos do passado sanatorial, estigmatizado por uma doença relacionada na época a desvios morais, em busca de escrever uma nova história.

O brasão de armas de São José dos Campos, de autoria de Afonso de Taunay e José Wasth Rodrigues, foi adotado pela Lei Municipal 180/1926.



A bandeira de São José dos Campos foi instituída pela Lei Municipal 655 (1960). O desenho é de João Vitor Guzzo Strauss. Descrição: Blau de prata, treze listras, figura de uma roda dentada em ouro simbolizando a riqueza sempre ascendente do município. Faixa em prata, sinuosa, representando o Rio Paraíba do Sul Três estrelas simbolizando os três distritos: São José dos Campos, Eugênio de Melo e São Francisco Xavier.

1900

1920

1940

CIDADE DOS BONS ARES

Produção Agrícola de Subsistência
Entrepósito comercial com o Sul de Minas

Produção de Café porém sem
representatividade em escala regional.

1887 - EFCB - É Construída Estrada
Federal Central do Brasil, que passa a
conectar São José dos Campos ao Rio de
Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

1923 - Inauguração Mercado Municipal
1925 - Nova Estação Rodoviária - Av. Sebastião
Gualberto.
1928 - Estrada de Rodagem Rio-São Paulo

1º Fase de Industrialização:

Característica: Administração Familiar, relação
paternalista.

**Louças Santo Eugenio (1920), a cerâmica Santa Lúcia
(1922), Tecelagem Parahyba (1925), Cooperativa de
Laticínios (1938)**



Tecelagem Parahyba

Fase Sanatorial

1924 - Sanatório Vicentina Aranha,
1926 - Brasão da Cidade "Aura Terraque Generosa"
1935 - Estância Climatérica Mineral do Estado
1935 - 1945- Obras de reordenamento urbano com os
Prefeiros Sanitaristas
1953 - declínio das atividades sanatoriais



Sanatório Vicentina Aranha



1960

1980

2000

CIDADE DO AVIÃO

CIDADE EMPREENDEDORA

1951 - Construção da Rodovia Pres. Dutra

2º Fase de Industrialização

Característica: Indústrias de bens-duráveis de aporte financeiro internacional e áreas estratégicas do desenvolvimento nacional.

1949- Rhodosá Quimicos

1947 - Início das Obras do Centro Técnico de Aeronáutica (CTA);

1950 - Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)

1953 - Johnson and Johnson's / 1955 - Ericsson

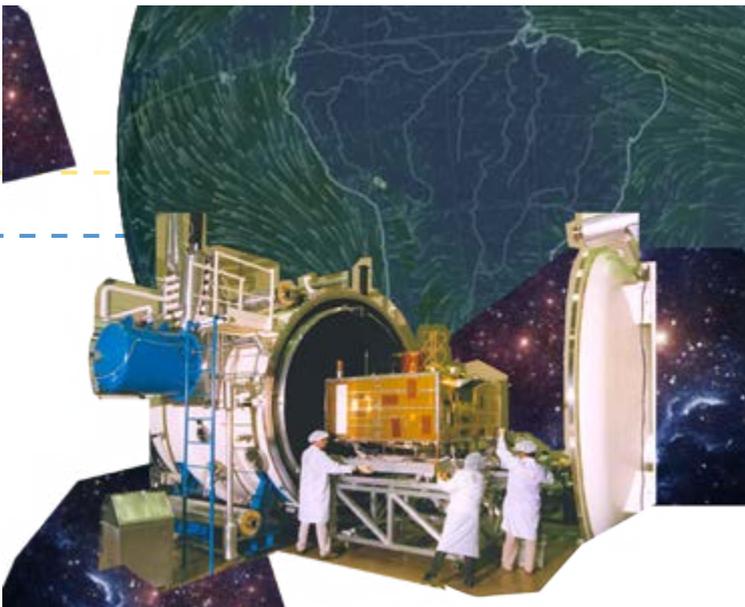
1958 -1959- General Motors

INPE

Cidade do Avião

1969 - Embraer INPE

1971 - Abertura do Parque Santos Dumont



1993 - Satellite Gerador de Dados

1993 -Enceramento Teecelagem Parahyba

1996 - Criação do Parque da Cidade Roberto Burle Marx

Cidade empreendedora

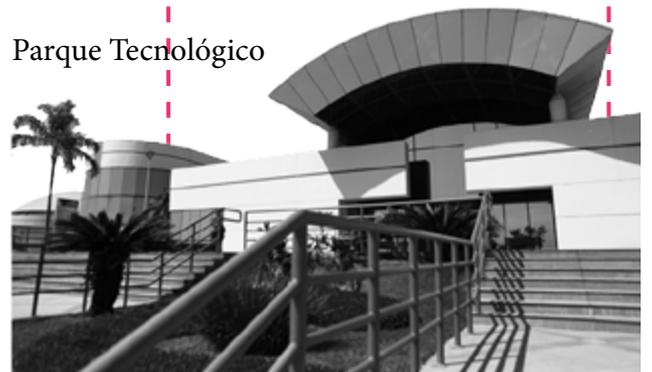
2006 - Criação do Parque Tecnológico

2007 - Parque Vicentina

Aranha

2014 - Dia do Empreendedor

Parque Tecnológico







No âmbito do Planejamento Urbano, Costa, 2007 demonstra que os planos tinham o objetivo de assegurar que a cidade atraísse cada vez mais indústrias, sinalizando um planejamento desenvolvimentista focado no progresso econômico da cidade, mas que pouco deu espaço para a melhoria das questões de bem-estar social.

Com a chegada das grandes indústrias, São José teve uma transformação urbana bastante acelerada, atingindo taxas altíssimas de crescimento populacional, como pode-se verificar nos dados da tabela.

Tabela 2.1 - Evolução populacional do Município 1940-2000

ANO	POPULAÇÃO		
	TOTAL	URBANO	RURAL
1940	36.279	14.474	21.805
1950	44.804	26.600	18.204
1960	77.533	56.882	20.651
1970	148.332	132.482	15.850
1980	287.513	276.901	10.612
1991	442.370	425.515	16.855
2000	539.313	532.717	6.596

Fonte: IBGE - Censo Demográfico, 2000.

Fonte: COSTA, 2007.

Como consequência direta na configuração urbana da cidade temos seu tecido disperso de crescimento tentacular: a sistemática expulsão das populações mais pobres das áreas centrais ou valorizadas, criando bolsões de pobreza nas periferias que se conurbam nas divisas com as cidades vizinhas. Ainda, influenciada pelo ideário do *citymarketing*, abre-se os espaços da cidade a exploração pelo capital financeiro, reforçadas e legitimadas pelas notícias e rankings de qualidade de vida.

Com o atual declínio da participação da indústria na economia da cidade São José, resultado de questões macroeconômicas, a cidade tem tentado novamente criar valores e símbolos de distinção agora baseados no título de “Cidade Empreendedora”, focada em tecnologia e inovação. Destacando-se nesta fase a criação do Parque Tecnológico e recentemente pelo anúncio da construção de uma ponte estaiada para o trânsito de veículos, em uma das áreas mais valorizadas da cidade intitulada pela prefeitura como Ponte da Inovação.

Revela-se a partir da adoção desta alcunha, a predominância das tendências neoliberais na administração das cidades. Neste sentido, a busca por competitividade na atração de investidores, demonstra-se através da valorização de modelos urbanísticos mercadológicos. Dentro deste contexto, onde o espaço público para o usufruto da população é negligenciado em detrimento de grandes obras de cunho rodoviário, ou de infraestrutura a favorecer o mercado imobiliário; o consumo torna-se principal atividade de lazer.

Assim, os valores e símbolos da sociedade de consumo se mostram cada vez mais presentes, sejam no tecido urbano ou no ideário popular. Shopping centers são o principal ponto de encontro e entretenimento da maioria dos cidadãos, principalmente os jovens, apontando para priorização dos espaços privados frente ao espaço público.

Em contraposição ao ideário de cidade desenvolvida sustentado pelo citymarketing, o

arquiteto chileno Alejandro Aravena em explana que a qualidade das cidades pode ser medida pelo o que se pode ser realizado gratuitamente em seus espaços. E adiciona que em muitos casos onde não se pode melhorar a renda das populações desfavorecidas, o espaço público se torna uma das principais ferramentas para a melhoria da qualidade de vida. É por esta perspectiva de democratização da qualidade de vida é que se pretende olhar para o espaço público de São José dos Campos neste trabalho.

Apesar do avanço dos espaços de consumo sobre a cidade, o espaço público joseense resiste. A cidade possui três parques em áreas centrais, sendo eles parques as principais alternativas públicas de lazer. Devido à rápida transformação e sua história relativamente recente, são poucos os pontos de ancoragem da memória coletiva. Os edifícios tombados participam timidamente do cotidiano da população, eventualmente passando por reformas e pinturas, mas na maioria dos casos permanecendo fechados ou subutilizados. Neste contexto, estes parques despontam ainda como os espaços de ligação com a memória urbana que tem destaque no cotidiano da cidade.

A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Uma análise sobre seus três principais parques

CAPÍTULO 3

A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Se os parques de São José representam a principal alternativa de lazer fora dos espaços de consumo, tornou-se necessário investigar quais os fatores que influenciam o potencial de apropriação de cada um deles.

Foram escolhidos então os Parques Roberto Burle Marx, Vicentina Aranha e Santos Dumont para a realização da análise. Localizados nas áreas centrais ou com grande proximidade a elas, estes locais participaram da história da cidade em seus ciclos produtivos e têm forte ligação com a memória urbana joseense.

Contudo, tais parques possuem particularidades referentes à sua história, espacialidade, inserção, administração e utilização. Nestas diferenças reside a relevância deste estudo, pois podem sinalizar processos políticos, sociais, culturais e econômicos que impactam na maneira que serão apropriados pela população.

Dois deles (Parque Vicentina Aranha e Parque Santos Dumont) já foram importantes sanatórios durante a Fase Sanatorial. Ainda na década de 20, ocorre a primeira fase de industrialização, que tem como marco a Tecelagem Parahyba, da qual o atual Parque da Cidade Roberto Burle Marx faz parte. O parque guarda não só um patrimônio fabril típico do início do século vinte, mas importantes obras do modernismo brasileiro.

À direita: Parques Roberto Burle Marx, Vicentina Aranha, Santos Dumont. Área central e parte da Zona Norte de São José dos Campos. Google Earth, 2017.





A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS



PARQUE VICENTINA ARANHA

84,500m²

Criado 2007

Passado Sanatorial Resignificado

Rua Prudente Meirelles de Moraes, 302

Vila Adyana

70 mil visitantes por mês

Horário de Funcionamento: 05h-22h

Administração: AJFAC



PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

960.160.17m²

Criado 1996

Passado Fabril

Av. Olivo Gomes, 100, Santana

Administração: Secretaria de Meio Ambiente

2 mil visitantes por dia

Horário de Funcionamento:

6h - 18h



PARQUE SANTOS DUMONT

46,500 m²

Criado 1971

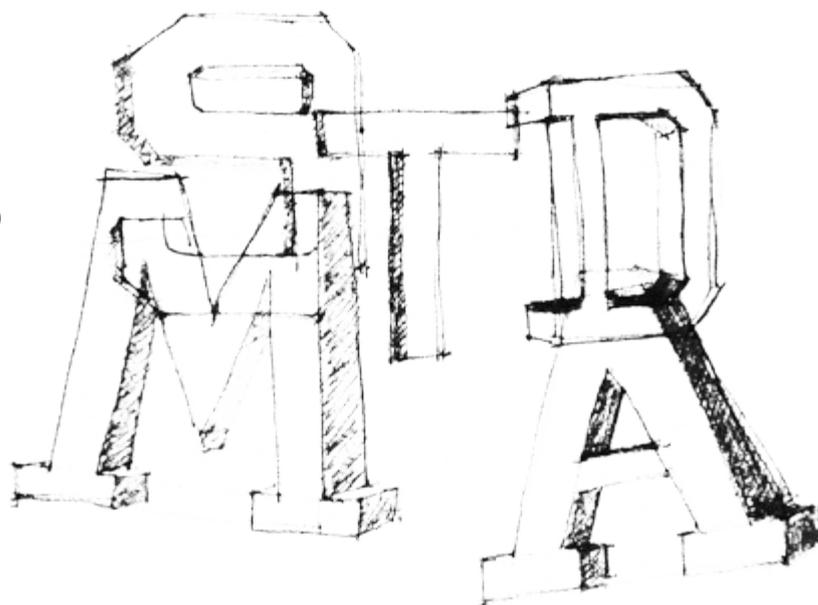
Passado Sanatorial negado em prol da
"Cidade do Avião"

Rua Prudente Meirelles de Moraes, 1000

Vila Adyana

Secretaria de Serviços Municipal

Horário de Funcionamento: 05h-22h



A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

PARQUE VICENTINA ARANHA

O Parque Vicentina Aranha está localizado a cerca de dois quilômetros do Centro Fundacional e é parte do terreno do antigo Sanatório de mesmo nome, marco principal do período sanatorial. Sua área abrange 84,5 mil metros quadrados, aproximadamente a décima parte do terreno original do sanatório. Aberto ao público em 2007, oferece atividades de esporte, cultura e lazer diariamente.

HISTÓRIA

O sanatório Vicentina Aranha foi criado em 1924, a partir de iniciativas filantrópicas da Sra. Vicentina Aranha, dama da sociedade paulistana e expoente de ações filantrópicas em favor dos enfermos de tuberculose. Este foi o maior estabelecimento do gênero na América Latina durante seu período de funcionamento. Sua presença na cidade atraiu doentes de todo o Brasil, influenciando a criação de uma série de muitos outros sanatórios nas décadas seguintes.

O projeto das instalações é do arquiteto Ramos de Azevedo e as obras foram executadas pelo engenheiro Augusto de Toledo. Percebe-se que os pavilhões foram projetados para receber a melhor insolação e ventilação, já que estas eram diretrizes importantes no tratamento da tuberculose, enfermidade sem cura conhecida na época. Os jardins foram inspirados pelo paisagismo francês, marcado por geometrização e simetria.

A partir do declínio das atividades sanatoriais em consequência do encontro da cura temível doença, parte do seu terreno foi loteada para o uso



Vista Aérea Parque Vicentina Aranha

residencial. Outra parte das instalações foi cedida ao antigo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), que ali funcionou até abril de 1990, quando passou a ser utilizado como hospital geriátrico, tendo esta função até 2004. Nos anos que se seguiram, chegou-se a discutir a venda da área para os setores imobiliários, freada pela manifestação pública. Este processo culminou na compra do terreno pela prefeitura municipal em 2006 e subsequente abertura como parque público em 2007.

CONTEXTO URBANO

Durante a fase sanatorial, o medo do contágio pela tuberculose se traduziu espacialmente. O Estado tentou regular, na medida em que podia, a presença de tísicos no meio urbano, através das leis de zoneamento. Estas passaram a determinar que

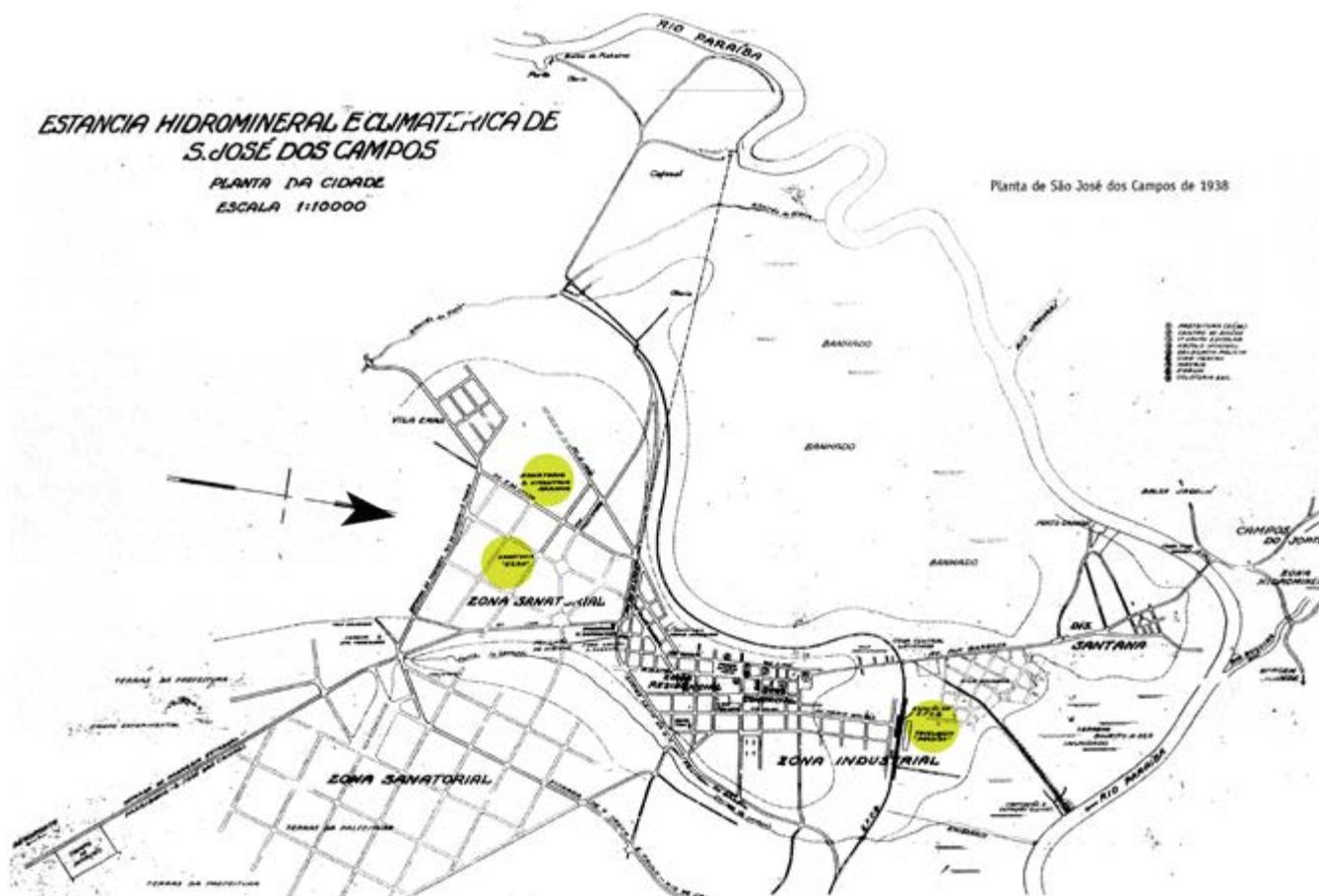
os usos incômodos, como industriais e sanatoriais, deveriam localizar-se em regiões específicas, preferencialmente longe das então áreas ‘nobres’ da cidade (CHUSTER, 2010). No plano de 1938 (ver próx. pág), é possível identificar a marcação de dois sanatórios “Vicentina Aranha” e “Ezra”.

Com o fim da fase sanatorial e a chegada das indústrias estrangeiras, as áreas que apareciam na legislação urbanística como ‘zonas sanatoriais’ passaram a receber novos usos, sendo repartidas entre usos residenciais e comerciais. Foi o momento do surgimento de bairros planejados inspirados nos conceitos da cidade-jardim, fortemente influenciados pela tipologia dos bairros da classe média alta paulistana. Dentre eles destacam-se Jardim Nova América, Jardim Europa e Jardim Esplanada I (COSTA, 2007).

A chegada das indústrias internacionais trouxe um novo fluxo de pessoas para a cidade, em sua maioria pertencente à classe operária que vão ocupar os bairros no eixo da via Dutra, localizando-se mais próximos dos postos de trabalho. Mas também os administradores dessas empresas e suas famílias, muitas vezes estrangeiros, assim como pesquisadores e cientistas, que vão optar pela ocupação das antigas áreas sanatoriais, locais com inserção privilegiada e herdeiros de todo o aporte de infraestrutura urbana da fase sanatorial.

Atualmente, a concentração de renda nesta região ainda é bastante perceptível, embora hoje haja um eixo de expansão de empreendimentos de alto padrão em direção à zona oeste, agora com tipologias que acompanham tendências do mercado imobiliário contemporâneo, como grandes conjuntos verticalizados e condomínios.

As antigas áreas sanatoriais, marcadas historicamente pela estigmatização e segregação espacial durante a época do *contágio*, são hoje áreas altamente valorizadas e dotadas de invejável infraestrutura urbana. Definem o que é chamado de centro expandido, apresentando grande densidade populacional, setor de serviço e comércio bastante diversificado, edifícios residenciais e corporativos, equipamentos culturais, além de hospitais e colégios particulares.



Planta de São José dos Campos, 1938. Fonte: OLIVEIRA, 1999. Edições feitas pela autora.

SITUAÇÃO ATUAL

O Parque Vicentina Aranha é administrado pela Associação Joseense para o Fomento da Arte e da Cultura desde 2011, através de uma parceria com a prefeitura municipal. A AJFAC é pessoa jurídica de direito privado, constituída na forma de associação civil sem fins lucrativos e qualificada como Organização Social de Cultura pela Prefeitura de São José dos Campos. Há que se dizer aqui que esta parceria configura-se como uma exceção, já que todos os outros pontos de fruição cultural municipais são administrados pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

Durante estes anos, a associação tem apresentado uma gestão alinhada ao mercado cultural contemporâneo, baseado-se nos conceitos

da Economia Criativa. Sua prática de gestão cultural busca atualizar o conceito de saúde do passado sanatorial para a cultura contemporânea. Para isso, são promovidas uma diversa gama atividades culturais, educativas e esportivas gratuitas. Muitas delas, inclusive, são fruto de parcerias com o setor privado.

O restauro das antigas instalações tem sido realizado lenta mas continuamente. Em grande parte, pelo investimento público, mas também através editais, premiações e patrocínio. É necessário assumir no entanto, que sua inserção é bastante favorável: a visibilidade da região, que é uma mais tradicionais da cidade, assim como a concentração de uma importante classe consumidora, aumentam o

interesse dos patrocinadores e parceiros que incluem convênios médicos, colégios particulares, academias esportivas e indústrias.

Esta iniciativa tem gerado grande impacto na questão de ressignificação de espaços de memória na cidade. O papel que o Parque Vicentina Aranha está tendo para questão da educação patrimonial é importante, pois revela a possibilidade da vivência de um patrimônio histórico através de seu uso cotidiano. Além disso, a retomada e ressignificação desse espaço, principalmente depois décadas de rejeição da memória sanatorial, é um alento para os que valorizam as questões patrimoniais.

Todavia, se faz necessário refletir as diferenças administrativas que permitem uma desenvoltura maior em comparação aos outros parques públicos, assim como os riscos que elas podem apresentar. A exceção administrativa oferecida ao Parque Vicentina Aranha, que permite uma maior autonomia e flexibilidade na captação de recursos, soma-se à sua inserção privilegiada para resultar num ciclo de valorização das áreas lindeiras que segue em regime de retroalimentação.

O viés fortemente institucionalizado resultante desta parceria, pode representar o risco de uma possível elitização desses espaços públicos, que ocorre não pela cobrança de ingresso, mas por meio de um elevado controle de condutas, que pautada inicialmente por questões de segurança, cerceia a liberdade que é comum aos espaços públicos: regras de convívio como a proibição de que se deite nos bancos do parque, demonstram o cerceamento da liberdade e forte rigor no controle das condutas sociais.




 Associação Joseense
 para o Fomento da
 Arte e da Cultura
AJFAC



Vicentina Aranha: Pavilhão restaurado. Clube de leitura para crianças. Programa Ciência no Parque (parceria com o INPE). Palestras e Show gratuitos (Programa Música no Parque - ocorre aos domingos pela manhã). Fonte: Redes Sociais do Parque Vicentina Aranha.

O Parque Vicentina Aranha é cercado por altos gradis e conta com o serviço de seguranças particulares com a função de zelar pelo patrimônio, garantir o cumprimento das regras de convívio e a segurança dos usuários. Entretanto, o que pode gerar a sensação de segurança para alguns, sendo visto como aspecto positivo, para outros pode ser um *convite às avessas*.

A escalada da desigualdade social e o consequente aumento da violência urbana, exerce influência não só nos espaços privados. Situações como as descritas acima, demonstram o avanço dos espaços de seleção e controle mesmo dentro de

contextos públicos, expondo o constante medo do contato com o outro na cidade contemporânea.

Dentre os parques comparados neste estudo, o Vicentina Aranha é o que teve a mais recente abertura ao público, completando onze anos em 2018. Durante estes anos, o parque tem tido uma constante evolução. Garantida não somente por financiamento mas pela parceria dos setores públicos com uma associação responsável exclusivamente este local. A partir do sucesso e a visibilidade cada vez maior dessa iniciativa, o Parque aparece como o reduto da economia criativa na cidade.

A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

PARQUE SANTOS DUMONT

A área em que hoje se localiza o Parque Santos Dumont, era ocupada anteriormente pelo Sanatório Ezra, voltado ao público judeu, que por razões culturais e religiosas tinham demandas específicas a serem atendidas durante o tratamento.

Inaugurado como Parque em 23 de outubro de 1971, o Santos Dumont foi o primeiro parque público joseense. Com grandes áreas destinadas à recreação infantil, fez parte da infância de diferentes gerações e é um dos locais mais queridos da cidade.

O Parque está localizado entre dois eixos de grande importância para o sistema de transporte público municipal, as avenidas Adhemar de Barros e José Longo. E se situa a apenas algumas quadras de distância do Parque Vicentina Aranha, compartilhando com este questões de inserção urbana bastante similares.

Este local é um elemento importante para a compreensão das questões de memória e representação em São José dos Campos pois sua criação se enquadra no contexto de rejeição da memória sanatorial. Sua abertura como parque é contemporânea à chegada da indústria aeronáutica na cidade. Este fato evidencia que os discursos que objetivavam a reescritura de uma nova narrativa para a cidade não utilizaram-se apenas de símbolos oficiais, como apresentou-se no capítulo anterior, mas também de espaços da cidade.

Carregando o nome ilustre brasileiro inventor do avião, o parque possui uma réplica da aeronave 14 bis, o protótipo do avião Bandeirante



e maquetes de foguetes da família Sonda, mas nenhuma referência presença do antigo sanatório Ezra e/ou à memória deste local.

Embora seja pertinente ao trabalho a problematização das questões que envolvem a representação de memória, ela não torna este parque desinteressante ou menos querido pela população.



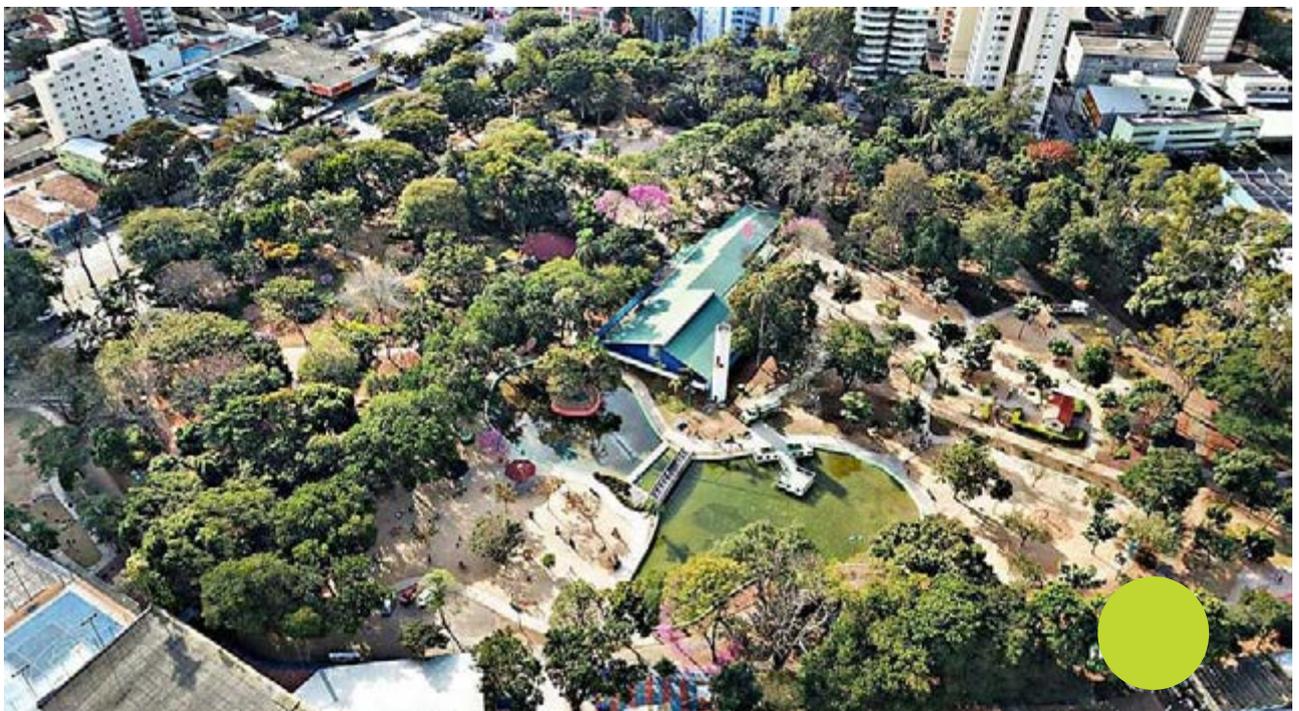
Durante participação na Palestra São José de 4 tempos - data - que tinha como tema a memória sanatorial foi relatado por uma senhora judia presente no evento, a iniciativa de alguns residentes e relacionados à história do Ezra, de colocar uma referência desta memória no espaço do Parque - “uma placa que fosse”, segundo ela. Mas que por algum motivo não tinha sido levada adiante pelos órgãos responsáveis, demonstrando mais uma vez a intenção de apagamento dessa memória.

Um dos elementos que marcaram a história do Parque foi este tobogã. O brinquedo não existe mais, porém segue presente na memória dos moradores da cidade. Meu conhecimento sobre este elemento aconteceu através de relatos de meus familiares. Esta foto foi postada por Edu Santos em um grupo de compartilhamento de memórias da cidade nas redes sociais. Grupo Resgatando São José dos Campos.

O Parque Santos Dumont não possui uma programação de atividades (assim como a grande maioria dos parques joseenses), porém sua localização, conformação e equipamentos são altamente favoráveis para atividades cotidianas, fazendo com que ele esteja sempre ocupado. Sua tipologia se assemelha à das praças. Há grandes áreas de recreação para crianças, pistas de corrida, quiosques, lagos artificiais e pista de skate. O Parque está localizado ao lado da unidade do SESC SJC e apesar destes locais possuírem natureza distinta, suas funções se apoiam e se completam.

Sobre a relação com o espaço urbano, esta ocorre através de gradis baixos. As portarias, quando fechadas, recebem uma corrente que sinaliza a não permissão de acesso. A guarda do Parque é realizada por policiais civis, como em outras áreas públicas da cidade.

A manutenção é bastante satisfatória e tem melhorado nos últimos anos com reformas sequenciais. Há a presença de uma escola pública de educação infantil que contribui para a dinâmica do parque. Também é comum observar a presença de funcionários em horário de almoço, moradores locais, jovens dos colégios do entorno durante o contraturno. Sua escala não permite a sensação bucólica de se estar longe da cidade, mas oferece fácil acesso ao um espaço aberto de qualidade.



Vistas aéreas do Parque Santos Dumont. Primeira imagem: canto superior esquerdo é possível identificar o SESC SJC (elemento vertical azul). Através das imagens verifica-se a predominante presença das áreas de recreação infantil. Fonte: Perfil Comercial Fábio Drone.

A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

O Parque da Cidade Roberto Burle Marx é o maior parque público de São José dos Campos, com uma área de 960.160,17m². Transformado em parque em 1996, sua história remonta à primeira fase de industrialização da cidade. A área em que localiza era originalmente parte da fazenda-sede do complexo da Tecelagem do Parahyba e possui ainda muitas edificações que tiveram ligações com essa atividade.

Parte dos jardins do Parque da Cidade foram projetados pelo paisagista brasileiro Roberto Burle Marx, ainda no período de atividade do grupo Parahyba. No momento de sua inauguração como parque público, a cidade homenageia o paisagista autor de parte da belíssima paisagem presente, cedendo-lhe o nome.

Desde então, este local sedia os principais eventos comemorativos da cidade e é um de seus espaços públicos mais característicos: seus marcantes eixos de palmeiras imperiais são um dos cartões postais joseenses. Sua vasta área demarca ainda a importância de sua dimensão ambiental. A área que ocupa é parte das várzeas do Rio Paraíba do Sul e se localiza próximo à outros corpos verdes que fazem parte deste sistema.

Dentre os parques apresentados, este é o que localiza mais próximo do centro fundacional, a cerca de um quilometro a norte da Igreja Matriz. Das suas faces urbanizadas, uma é delimitada pela linha de trem da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e outra é demarcada pela Avenida Olivo Gomes (onde se localiza a portaria do parque).



Residência Olivo Gomes (anos 2000). Projeto: Rino Levi.
Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico da FCCR.



Campos abertos e eixos de palmeiras imperiais. Acervo pessoal.

HISTÓRIA

A Tecelagem Parahyba foi criada em 1925, a partir das isenções de impostos promovidas pela administração pública com o objetivo de atrair indústrias para a cidade. A fábrica instalou-se ao lado da então recém criada Estação Ferroviária da Rede Ferroviária Federal, nas terras mais baixas entre o centro e o bairro de Santana.

A presença da Tecelagem Parahyba como primeira grande fábrica foi motivadora dos primeiros movimentos de êxodo rural na região (OLIVEIRA, 1999). Muitos dos novos moradores que se estabeleceram nas zonas industriais nesta época vieram da região do sul de Minas, sendo esta raiz cultural ainda bastante marcante em Santana.

A área que corresponde ao atual Parque da Cidade, era parte da fazenda de propriedade do grupo Parahyba, conforme o sucesso dos negócios

do Sr. Olívo Gomes, diretor-proprietário da empresa. Houve a diversificação das atividades, que passaram a incluir a produção agrícola e de laticínios.

O crescimento e diversificação dos negócios criaram demandas por novos espaços. Foram convidados o então jovem arquiteto Rino Levi e o paisagista Roberto Burle Marx para a realização do projeto dos ambientes de moradia e lazer para a Família Gomes, bem como equipamentos de apoio à indústria de laticínios, um hangar e uma vila operária, todos dentro das dependências da fazenda.

Embora o projeto não tenha sido construído em total sua integridade, área foi pontuada por emblemáticas obras do modernismo brasileiro, algumas delas permanecendo até hoje como patrimônio da cidade.

Durante seu funcionamento, a Tecelagem chegou a dominar 70% do mercado nacional de cobertores, exportando para os Estados Unidos e Canadá. No entanto, dinâmicas econômicas internacionais somadas à questões de organização interna fizeram com que a empresa se endividasse, passando por uma concordata 1983. (PLANO DIRETOR PARQUE DA CIDADE)

Em 1993, o grupo Parahyba entregou parte de seus bens para o Governo do Estado, reservando uma parte de suas instalações para a COOPERTEXTIL, cooperativa de funcionários que se demonstraram interessados em continuar o legado da Tecelagem e que segue em funcionamento até os dias atuais. Em 1996, parte da fazenda-sede foi aberta como parque público sob o nome de Parque da Cidade Roberto Burle Marx.

Desde então, os outros prédios industriais ali presentes passaram a sediar órgãos administrativos do Estado de São Paulo e do município, ou permaneceram vazios. Dentre os órgãos municipais instalados destaca-se a Fundação Cultural Cassiano Ricardo, que utiliza alguns edifícios para o desenvolvimento de atividades culturais e administrativas.

Em 2017, o governo do Estado anunciou a saída de seus órgãos administrativos e a definitiva passagem da área das antigas instalações fabris para a municipalidade. Ao que parece, ainda não há nenhum projeto de restauro ou sugestão clara para o uso das áreas desocupadas, algumas já bastante comprometidas pelos processos de deterioração.

Este conjunto, além de registrar um momento histórico importante para a região, possui qualidades



Ruínas da Cerâmica Weiss, Av. Rui Barbosa. Acervo pessoal.

arquitetônicas e espaciais particulares e se localiza num espaço de uso público, com grande potencial cultural e paisagístico. Outros registros da primeira fase de industrialização perderam-se durante o desenvolvimento da cidade ou permanecem como ruínas abandonadas, tornando cada vez mais urgente a discussão sobre as possibilidades da incorporação destes espaços ao uso cotidiano.

CONTEXTO URBANO

Apesar da proximidade com o centro histórico, o Parque da Cidade se localiza em área classificada como zona norte pela administração municipal. Nesta zona o bairro de Santana configura uma centralidade que se ramifica em direção à zona rural, onde se encontram regiões com as maiores declividades já se aproximando da Serra da Mantiqueira.

Santana é o bairro mais antigo da cidade depois do centro fundacional. Seu surgimento data ainda do século XIX, quando a área sobrevivia através dos entrepostos comerciais com o Sul de Minas e a Serra da Mantiqueira, apoiados especialmente pela proximidade com o Rio Paraíba do Sul, que delimita a face norte do bairro (OLIVEIRA,1999).



As três imagens acima: Tecelagem Parahyba, condição atual, acervo pessoal.

COMPARATIVO

Nota-se a existência da Vila Maria como bairro consolidado ao sul do complexo já na década de 1960. E que a área ainda apresenta configuração bastante parecida com as décadas anteriores. A comparação das imagens também demonstra a regeneração da mata (cantos superior-esquerdo), que anteriormente era área de produção agrícola do Grupo Parahyba.



1960

Vista Oeste-Leste da área. À esquerda na década de 1960, e à direita a situação atual. Marcação em laranja representa a linha férrea como ponto de referência.

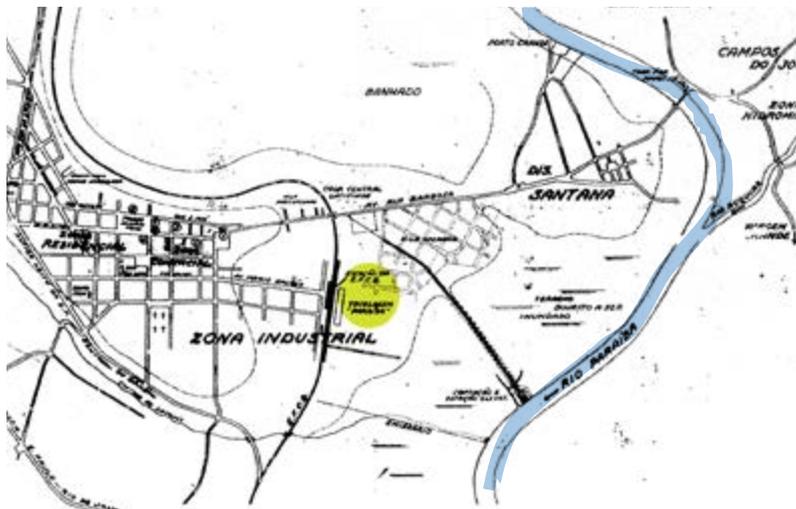
O Parque Roberto Burle Marx se encontra no trecho transição entre as áreas periféricas do centro e o Bairro de Santana, área que foi classificada pelo plano de zoneamento de 1938, como zona industrial. A partir chegada das fábricas, em especial a Tecelagem do Parahyba em 1925, Rhodosá S. A. e Cerâmica Weiss na década de quarenta, estes locais se configuraram como bairros operários.

Durante século vinte, a evolução urbana desta área ocorreu a partir de dois condicionantes: a Tecelagem do Parahyba, que criava vetor de atração populacional; e linha de trem que configurava um limite para o avanço do tecido urbano. Com a expansão urbana provocada pelo segundo ciclo de industrialização, outras áreas da cidade passam a ser povoadas, sendo que a paisagem deste do miolo onde se insere o atual Parque, a Tecelagem e a Estação Ferroviária, permaneceram de certa forma congeladas após os anos 1960, como pode ser verificado pela comparação das imagens.

Atualmente as áreas adjacentes ao parque apresentam baixa densidade populacional, o que



2017



▶
1938

Planta de São José dos Campos, 1938. Fonte: OLIVEIRA, 1999.
Santana - Marcações feitas pela autora (Tecelagem e Rio Paraíba do Sul).

VILA MARIA

A presença da Tecelagem Parahyba foi determinante para a expansão urbana do centro em direção à zona norte. Na primeira metade do século, a fábrica fomentou o crescimento da Vila Maria, bairro formado em grande maioria por trabalhadores da fábrica.



▶
1952

Planta de São José dos Campos, 1951. Fonte: OLIVEIRA, 1999.
Santana - Marcações feitas pela autora (Tecelagem e Rio Paraíba do Sul).



▶
2017

Google Earth, 2017. Edições feitas pela autora. (Tecelagem e Rio Paraíba do Sul).

Primeira imagem: vista aérea dos lagos, Residência Olívo Gomes (Rino Levi) e seus jardins (Roberto Burle Marx).
Abaixo da esq. para dir.: sacada da Residência Olívo Gomes, eixo de entrada em um sábado e gramados vazios com animais soltos durante a semana. Acervo pessoal.

SITUAÇÃO ATUAL

O parque da cidade é hoje o maior espaço público de São José dos Campos. Seu desenvolvimento histórico permitiu uma sobreposição de camadas - naturais e edificadas - que formam um rico patrimônio para o usufruto da população.

Este patrimônio inclui paisagem de grande beleza, formadas por maciços verdes, lagos, eixos arbóreos e pelo paisagismo moderno de Roberto Burle Marx. A presença de setores com mata regenerada e sua localização dentro do ecossistema das áreas várzea do Rio Paraíba do Sul representam ainda, a importância de sua dimensão ambiental.

A conformação paisagística do parque permite aos usuários uma experiência bucólica de contemplação da natureza. Sua vasta área e seu tratamento paisagístico determinam a configuração de extensos campos divididos por eixos arbóreos de especial beleza. Tais campos representam espaços de grande liberdade para os visitantes. Liberdade esta que é perceptível a partir da observação da diversidade da apropriação destes espaços, que dão lugar a piqueniques, pequenas festas de aniversário, treinos esportivos, aulas de fotografia, práticas de yoga, entre muitas outras.

Há, ainda, o patrimônio edificado formado pelo complexo fabril desativado e as edificações remanescentes desta atividade; e o conjunto formado por arquitetura e paisagismo modernista. Deste último destacam-se a Residência Olivo Gomes e seus jardins, de autoria de Rino Levi e Roberto Burle Marx, respectivamente. Estas obras formam

um conjunto de plena integração entre arquitetura e paisagem sendo reconhecidas internacionalmente e tombadas a nível municipal e estadual.

Parte do patrimônio edificado fabril abriga atualmente setores administrativos municipais e a Fundação Cultural Cassiano Ricardo. Esta última oferece um programa de atividades que ocorre principalmente aos finais de semana nos espaços livres do parque. Nos espaços culturais existentes em alguns prédios da antiga fábrica, ocorrem atividades como aulas de dança, canto e teatro, muitas vezes de modo improvisado devido à precariedade das instalações.

Infelizmente, as edificações modernistas como a Residência Olivo Gomes e o Galpão Gaivotas, ambas de autoria de Rino Levi, se encontram subutilizadas. A residência permanece fechada para visitação, sendo possível o acesso apenas para a sacada através da escada caracol presente no jardim. O Pavilhão das Gaivotas, que configura uma grande área coberta, recebe eventos ocasionalmente, mas permanece vazio durante a semana.

Apesar das qualidades paisagísticas apresentadas pelo parque, as questões de inserção e conexão com a cidade, fazem com que este se classifique como programa de final de semana, quando o usuário vai dedicar um tempo maior de permanência, acessando-o, na maioria dos casos, com o automóvel. A localização da única portaria na Avenida Olivo Gomes dificulta o acesso das populações de outras regiões pelo transporte público,



pois este eixo é utilizado preferencialmente pelas linhas de ônibus que vão em direção à zona norte. E embora esteja bastante próximo do centro, o caminho pelo qual é preciso passar para chegar ao parque é cortado por eixos de trânsito rápido e vazios urbanos. O uso pendular descrito acima ocasiona na sensação de esvaziamento e insegurança durante os dias de semana.

A administração do Parque da Cidade é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMEA), sediada dentro de suas dependências, e os serviços de manutenção são realizadas pela Secretaria de Serviços Municipais (SSM). Não há atualmente nenhum órgão com responsabilidade exclusiva pela administração do parque, o que ocasiona grande dificuldade de implementar melhorias e fazer a captação de recursos para a manutenção e conservação do

patrimônio (fabril, modernista e paisagístico). Como agravante, apresenta-se ainda a escassez de investimentos, a burocratização e morosidade do setor público e recorrente descontinuidade das ações governamentais, que dificultam a criação de estratégias de desenvolvimento a longo prazo.

Percebe-se a importância do Parque Burle Marx para a cidade de São José dos Campos em sua dimensão ambiental, cultural e de lazer, assim como a de registro das atividades que influenciaram o desenvolvimento da região em que está inserido. Entretanto fica evidenciado que seu patrimônio paisagístico e edificado não tem sido considerado em sua total potencialidade e que devido a uma série de questões que envolvem a sua relação com a cidade, este não tem um uso intensivo como é o caso dos outros parques apresentados.

A QUESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

CONCLUSÕES

A partir do estudo das realidades em que se inserem os principais parques urbanos de São José dos Campos, conclui-se que:

São José dos Campos tem uma notável diversidade de parques públicos em sua área central e cada um deles apresenta uma dinâmica de funcionamento específica. Suas características se completam para formar uma gama de opções gratuitas de lazer e entretenimento que poderia estar melhor conectada por trechos caminháveis e ciclovias, aproveitando ainda a paisagem formada pelo Banhado para esta integração (os planos municipais para a estrutura cicloviária já apontam para esta solução, mas que ainda não foi implementada).

No que concerne à relação dos espaços tratados com a memória urbana, percebe-se a existência concomitante de práticas diversas quanto ao passado sanatorial. O Parque Vicentina Aranha é um exemplo da retomada deste passado, agora ressignificado, que culmina num processo de valorização ainda maior de uma área já bastante privilegiada, enquanto Parque Santos Dumont é prova da tentativa de negação da memória para dar respaldo a um novo ciclo produtivo.

O Parque da Cidade Roberto Burle Marx representa outro contexto de memória, neste caso, a memória fabril e rural. Como foi apresentado, a presença da Tecelagem Parahyba teve grande influência no desenvolvimento da área em que está inserida. Ainda que existam órgãos culturais com sede na área, as tentativas de ressignificação deste passado e a incorporação do patrimônio edificado às práticas cotidianas demonstraram-se aquém



Mapa: possível interligação dos Parques Roberto Burle Marx, Vicentina Aranha, Santos Dumont e Concha do Banhado. Área central e parte da Zona Norte de São José dos Campos. Google Earth, 2017.

do potencial apresentado pelas obras e espaços presentes.

Ainda, a comparação da inserção urbana dos três parques demonstrou que fatores como localização, conexão com transporte coletivo e densidade populacional impactam diretamente no uso desses espaços públicos. Como foi apresentado, os parques com histórico sanatorial se encontram delimitados eixos estruturadores do transporte coletivo municipal, o que facilita o acesso da população das diferentes áreas da cidade. A densidade destas áreas garante seu uso durante a semana.

No caso do Parque da cidade, sua abertura como parque público, que já ultrapassa duas décadas, gerou uma demanda por investimentos das mais diversas dimensões - programática, administrativa,

de transporte - que ainda não foi completamente atendida pela administração pública, resultado da escassez de investimentos e de uma não priorização da democratização do acesso aos espaços públicos de lazer.

O Parque da Cidade ainda não apresenta a mesma intensidade de uso dos outros dois parques analisados e não possui uma infraestrutura que determine um modo específico de apropriação, permitindo maior flexibilidade e resiliência. A ampla área que abrange e sua paisagem destacam-se como neste caso como diferencial. A presença de um patrimônio edificado diverso e parcialmente subutilizado, representa hoje um horizonte aberto de possibilidades para a cidade. São estas possibilidades que o trabalho pretende explorar adiante.

PARQUE DA CIDADE

Este capítulo é definido pelo aprofundamento das questões que envolvem o Parque da Cidade, recorte espacial do trabalho, afim de clarificar e detalhar a situação introduzida no capítulo anterior.





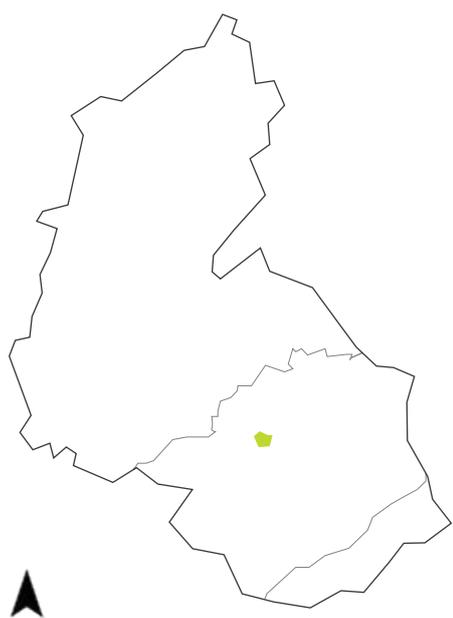
PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

LOCALIZAÇÃO

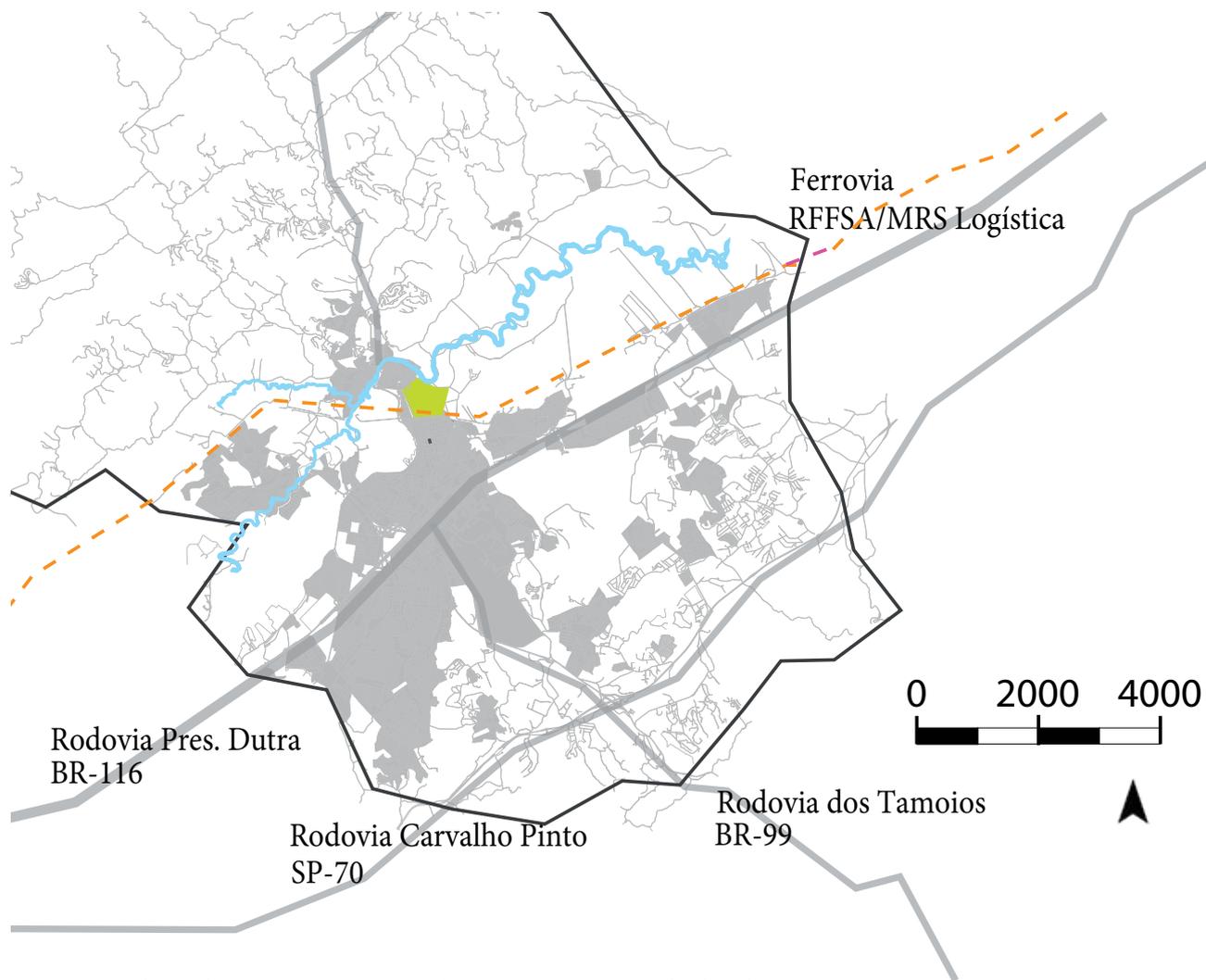
O Parque da Cidade Roberto Burle Marx se localiza na Zona Norte de São José dos Campos, no Bairro de Santana, a cerca de um quilômetro do centro fundacional.

E está incluído na na Zona de Preservação Histórica instituída pela Lei 7338/04 (linha pontilhada no mapa ao lado). Esta zona de preservação abrange uma área de 1.777.669,42m², que envolve não somente o Parque da Cidade (marcado pelo polígono em verde), mas toda a área do complexo formado pela antiga Tecelagem Parahyba e pela Fazenda Santana do Rio Abaixo. Nesta Zona de Preservação estão presentes a Residência Millán (Casa de Cultura Caipira Zé Mira) e a Capela Nossa Senhora da Conceição, a Usina de leite e anexos.

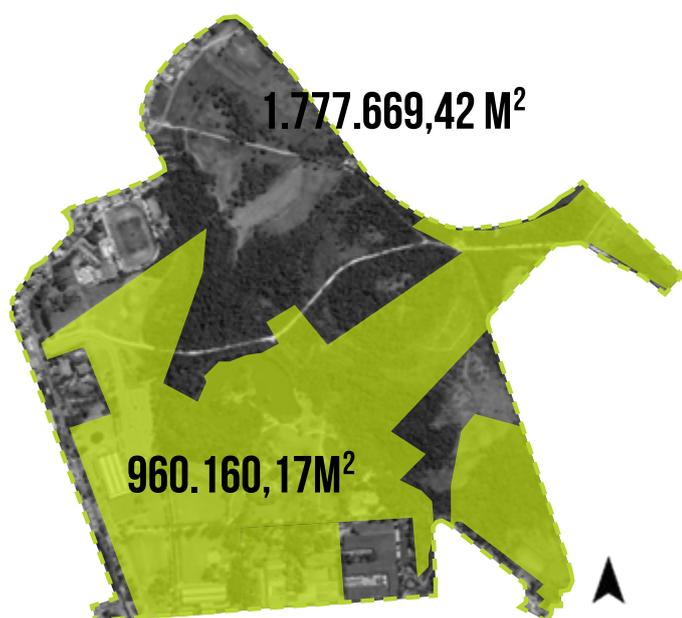
Embora alguns temas tratados aqui envolvam toda a Zona de Preservação (linha pontilhada verde), serão considerados para o estudo os quadrantes oeste e sul delimitados pelo Plano de Manejo do Parque da Cidade (PLANO DE MANEJO, 2008), onde se localizam a maioria dos equipamentos existentes hoje no parque. Atente-se que o quadrante sul é composto pela pelas instalações industriais da Tecelagem Parahyba e uma faixa de terra que não faz parte dos limites do parque, pertencente a antiga Rede Ferroviária Federal S. A.



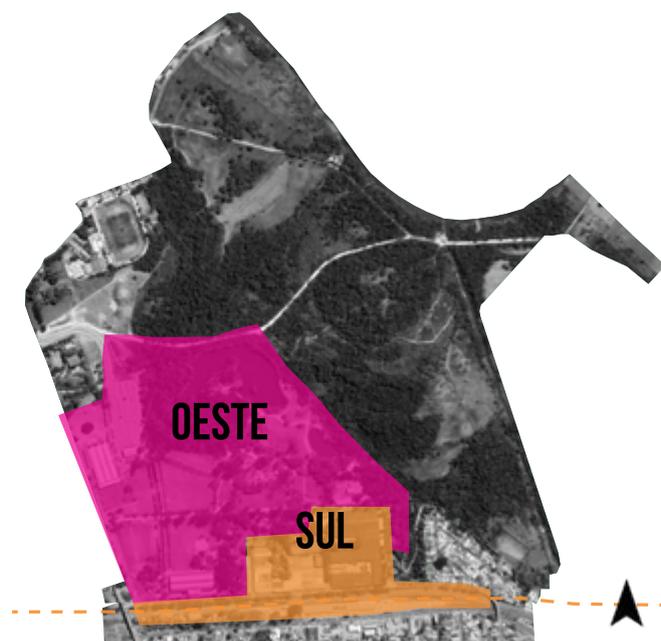
Mapa de São José dos Campos e delimitação de sua Zona Urbana. Localização do Parque da Cidade marcada em verde.



Mapa Zona Urbana, elementos importantes: Rodovias, Ferrovia, Rio Paraiba do Sul e Rio Jaguari. Localização do Parque da Cidade marcada em verde.



Delimitação da Zona de Preservação Histórica e Perímetro Oficial do Parque da Cidade Roberto Burle Marx



Quadrantes determinados pelo Plano de Manejo de 2008 que serão considerados para o estudo.

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

LINHA DO TEMPO

1920

1940

1960



Primeira fase de industrialização

1925 - Tecelagem do Parahyba

1933- Assume à presidência Olívo Gomes

Casa da Gerência (edifício da década de 1920 – Museu do Folclore), Casa da Ilha (provável construção na década de 1930)



Cobertores Parahyba



Sucesso dos negócios permitem a diversificação das atividades, que passam a incluir a produção agrícola e de laticínios.

Rino Levi e Roberto Burle Marx são convidados para projetar novas instalações da fazenda.

Tecelagem chega a dominar 70% do mercado de cobertores. Porém, sua administração familiar, não conseguiu no competir com a modernização do mercado, perdendo espaço para a concorrência internacional

Residência Olivo Gomes (1951), Anfiteatro (1966), Viveiro (anos 1950), Galpão de Máquinas e Equipamentos, “Gaivotas” (1957), Usina de Leite

1980

1993 - A fábrica encerra suas atividades.

1995 - A Fundação Cassiano Ricardo ocupa alguns dos prédios da antiga fábrica. Outros são administrados pelo Estado de São Paulo.

1996 - Parte da Fazenda Santana do Rio Abaixo é aberta como Parque Público Roberto Burle Marx.

2000

2010 - A manutenção do Parque da Cidade fica a cargo da Secretaria Serviços Municipais (Decreto 14.085/10)

2014 - Ocorre a tentativa de remover a FCCR e vender as instalações por parte do Estado. Após reações populares e o Estado passa para a municipalidade a responsabilidade do conjunto.

2017 - O Estado de SP retira seus órgãos administrativos do prédio

2018

2018 - A maioria dos prédios se apresentam sem uso, em proceso de deterioração.

Estado pede para FCCR desocupar prédio da antiga Tecelagem Parahyba

Secretaria da Fazenda do Estado informou que pretende vender o imóvel

REGIAO

April 12, 2016 - 12:04

Com a cessão da Tecelagem, restauro ficará com município

REGIAO

March 27, 2016 - 08:35

Complexo da antiga Tecelagem Parahyba corre risco de ruir

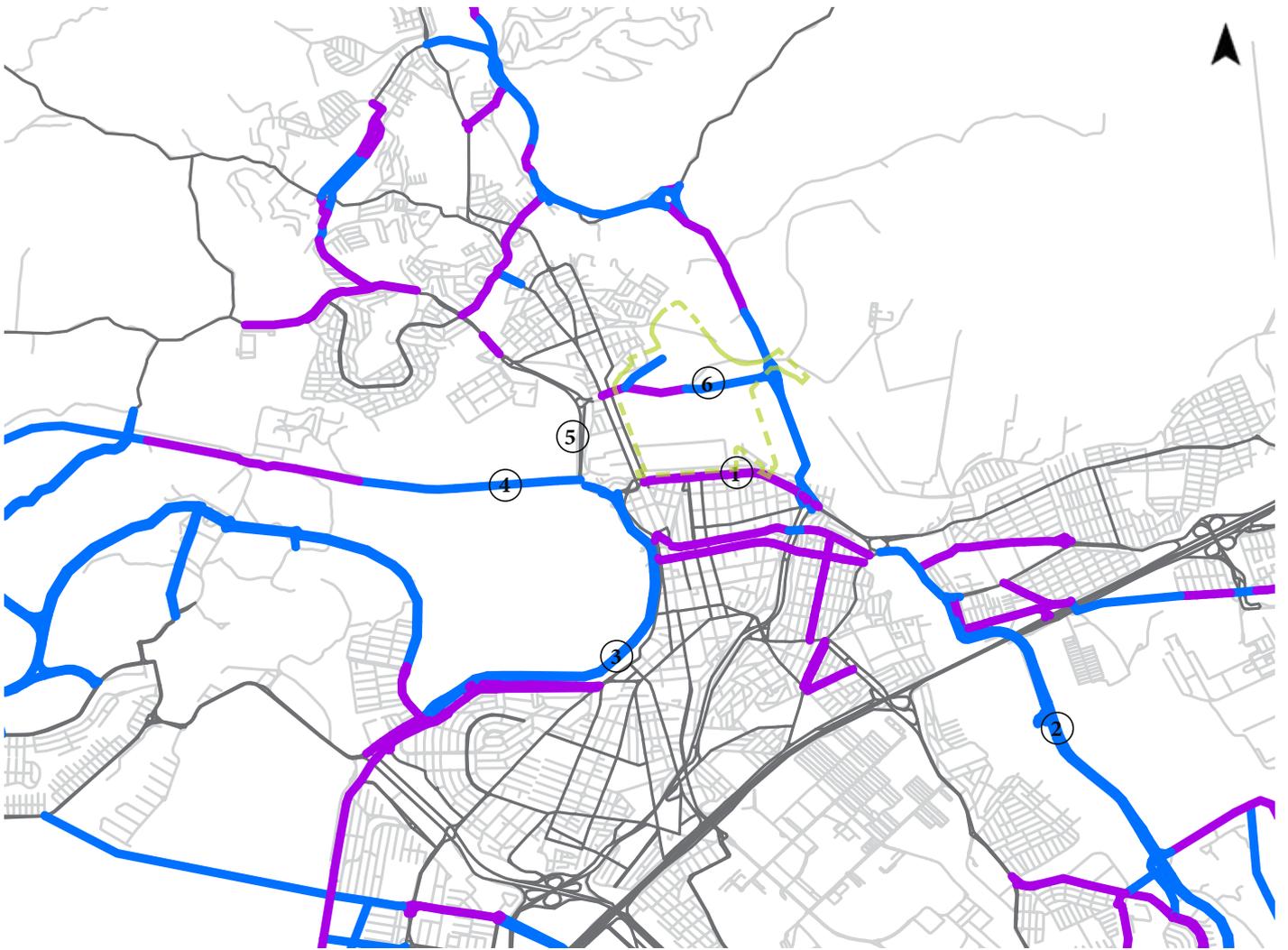
PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

PLANOS URBANOS E FUTURO DA REGIÃO

A Zona de Preservação apresentada anteriormente, se localiza numa área que aparece como entroncamento da estrutura viária central que se delineia para a cidade. O Plano de Macro Estrutura Viária apresentado pelo Plano de Mobilidade (PlanMOB SJC, 2015) indica a criação de eixos arteriais que se conectariam pela Avenida Sebastião Gualberto (1). A partir de então esta área conectaria vias arteriais de grande importância como a Via Cambuí, Via Banhado, Eixo Via Férrea e Via Parque.

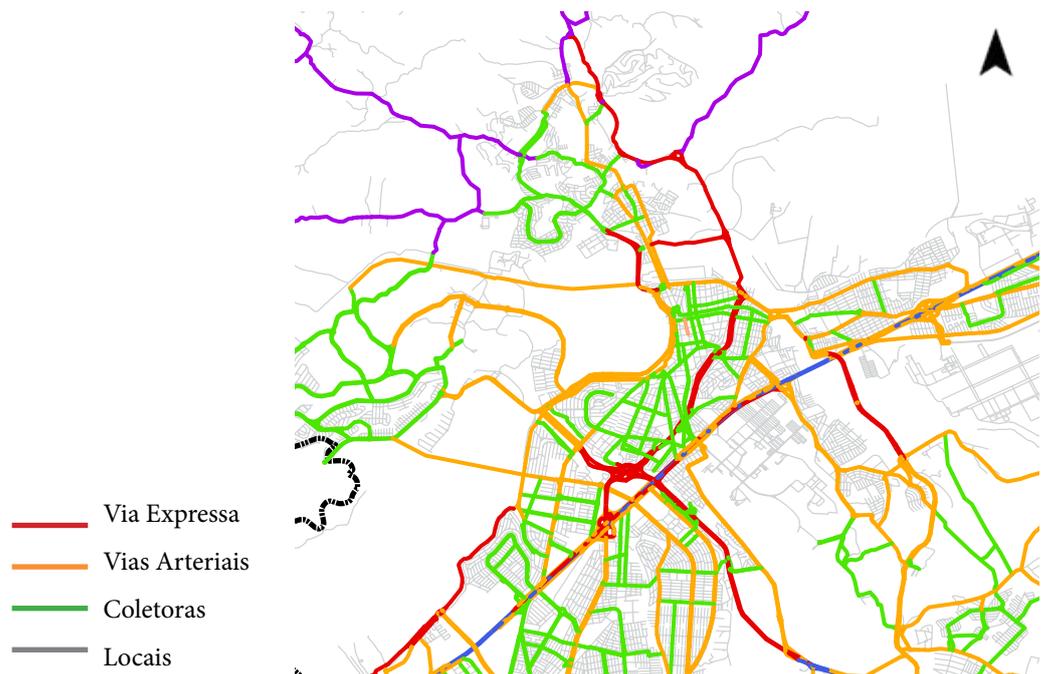
Para além das críticas em relação à contínua priorização do automóvel e às ameaças ambientais que estas vias representariam para as áreas de várzea do Rio Paraíba do Sul (cada vez mais pressionadas pela expansão urbana), a realização das ações previstas neste plano tendem a gerar um processo de ocupação maior em torno do Parque, que pode representar uma possível urbanização de glebas e aumento da verticalização.

A criação destes eixos viários poderia levar a um incremento da densidade dessas áreas, aumentando o potencial de uso do parque, o que por esta perspectiva, poderia ser encarado como desdobramento positivo.



Macroestrutura Viária. Fonte: Anexo II- Macroestrutura Viária para o ano de 2036. PlanMOB SJC/2015

- | | | |
|----------------------|---------------------------|---------------------------|
| — Vias Modificadas | ① Av. Sebastião Gualberto | ④ Eixo Via Férria (Oeste) |
| — Vias Projetadas | ② Via Cambuí (Sudeste) | ⑤ Via Norte (existente) |
| — Vias Estruturantes | ③ Via Banhado | ⑥ Via Parque |



Hierarquia Viária 2036. Fonte: Anexo II - Hierarquia de Vias prevista para 2036. PlanMOB SJC/2015

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

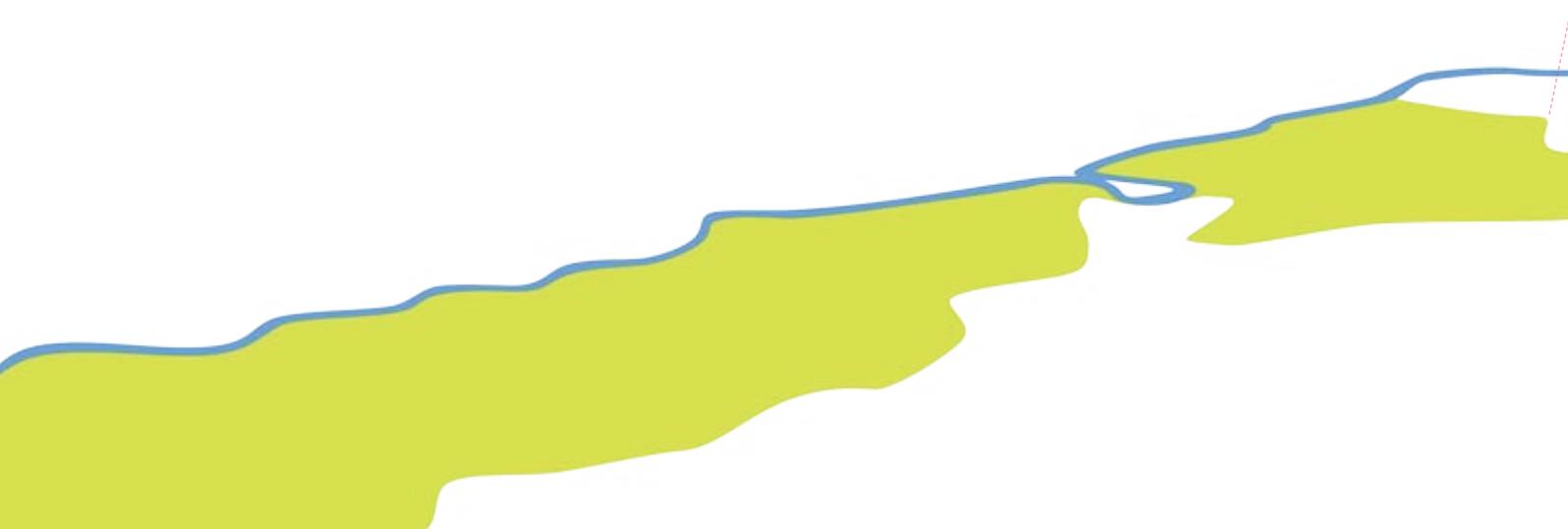
IMPORTÂNCIA AMBIENTAL

Ainda que o foco do trabalho não seja a questão ambiental, dada as dimensões do Parque e da Zona de Preservação (ZP) em que está inserido, é conveniente considerar a importância de sua função ecológica.

Após o fim das atividades agroindustriais nesta área, a regeneração da mata foi intensa, formando grandes maciços. Esta é uma das principais áreas de remanescente florestal dentro do perímetro urbano, segundo os mapas temáticos do Plano Diretor da Prefeitura Municipal

A zona de preservação histórica em que se encontra o Parque Roberto Burle Marx faz parte das áreas de várzea do Rio Paraíba do Sul, protegidas por legislação municipal e estadual. Porém por se tratar de um parque urbano, este não se enquadra no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A macrofauna e a microfauna frequentadoras da área são constituídas, por mais de cem espécies de aves, diversos répteis, alguns mamíferos – como a capivara e o esquilo –, peixes, aracnídeos e insetos. (PLANO DIRETOR PARQUE DA CIDADE, 2015)





RIO PARAÍBA DO SUL

CÓRREGO LAVA-PÉS

Mapa: Zona de Preservação Histórica, Rio Paraíba do Sul e Áreas de Mata Regenerada, criado pela autora com base na Figura 7 (Remanescente Florestal) do caderno de mapas temáticos do Plano Diretor SJC.

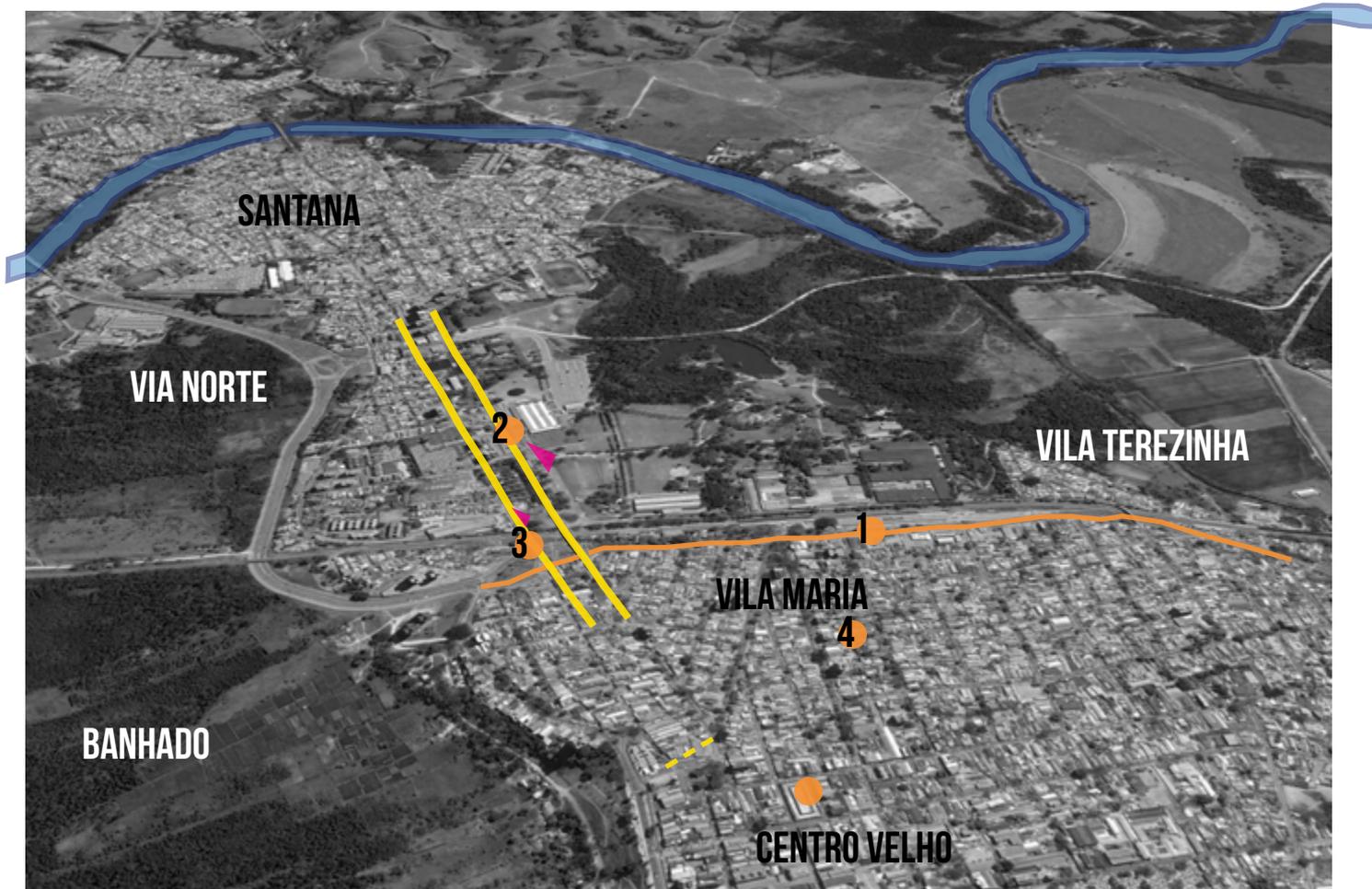
PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

ENTORNO

O Parque da Cidade faz divisa, pelo lado Sul, com a Estrada de Ferro Central do Brasil (1), paralela à Avenida Sebastião Gualberto; pelo Oeste, com a área urbanizada da Avenida Olivo Gomes (2); pelo Norte, com a Fazenda Santana do Rio Abaixo e com o Rio Paraíba do Sul; e, pelo Leste, com áreas da Mantiqueira S/A Agropecuária e um pequeno trecho do bairro Vila Santa Terezinha.



3 Vista oeste da Ponte da Avenida Rui Barbosa



- ▶ acesso principal
- ▶ acesso alternativo

Parte dos bairros que formam as áreas contíguas ao Parque da Cidade concentram uma das populações mais antigas da cidade, como Santana e Vila Maria (face Sul), este último com tipologia arquitetônica bastante característica dos bairros operários. Sua origem está relacionada à Tecelagem Parahyba como foi apresentado no capítulo anterior. Esta é uma área de baixa densidade populacional e com alta concentração de idosos.

A Vila Terezinha é um bairro com população em estado de vulnerabilidade social, com maior presença de jovens e crianças. Na Avenida Olivo Gomes se concentram alguns edifícios verticalizados de origem e relativamente recente e a população tem com configuração etária mais diversificada. Nesta Avenida concentram-se ainda equipamentos institucionais, como escolas, centros culturais e centro esportivo.

4 VILA MARIA



PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

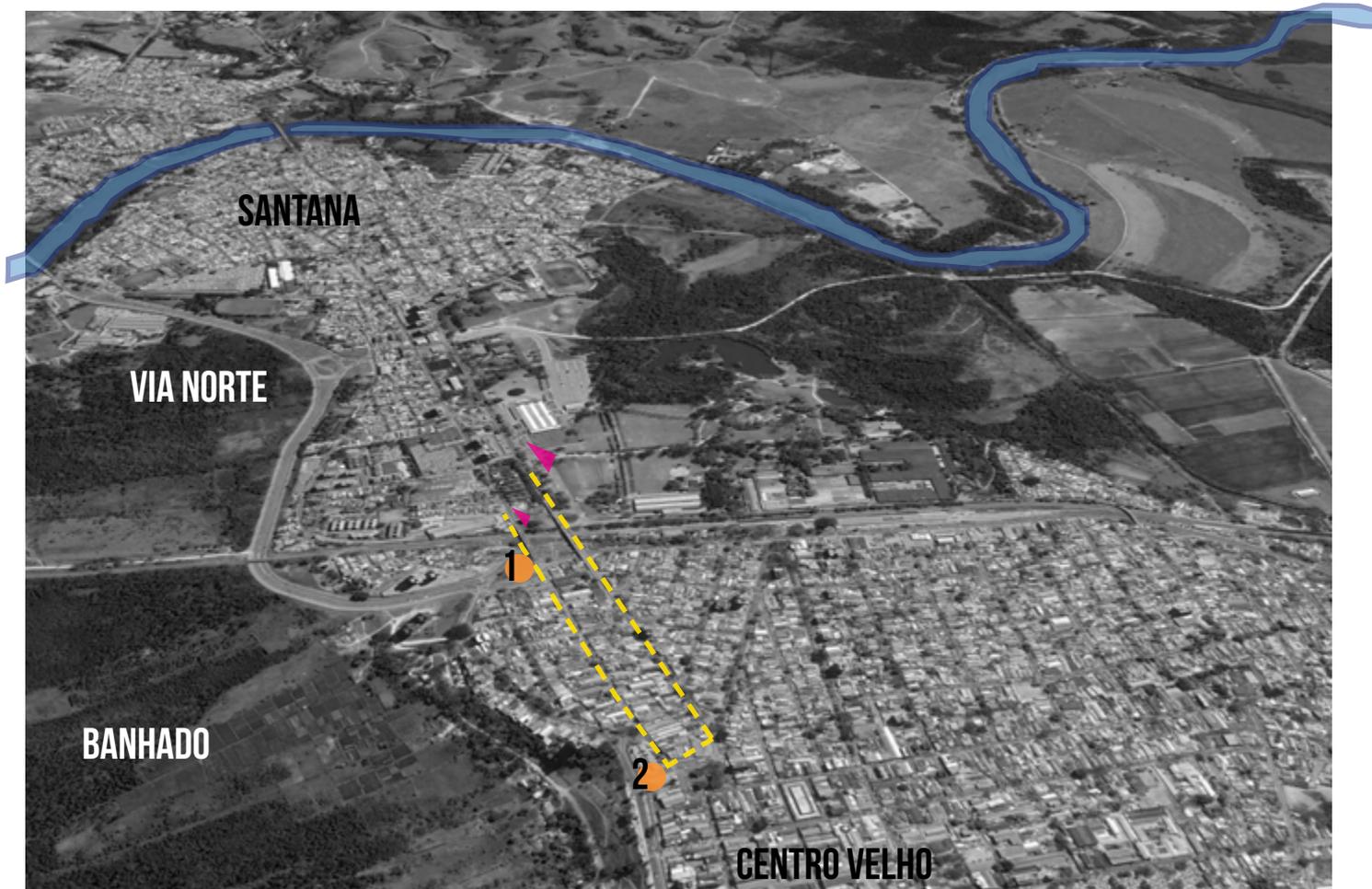
CONEXÕES DISTÂNCIA DO CENTRO E TRANSPORTE PÚBLICO



- 1 Área de transição entre Centro e Zona Norte: Encontro de eixos viários criam grandes vazios.



- 2 O Parque da Cidade se localiza a cerca de 1km da Igreja Matriz e do Terminal Central.



- ▶ acesso principal
- ▶ acesso alternativo

----- possíveis caminhos desde o Terminal Central.

Transporte Coletivo

O sistema de transporte coletivo de São José dos Campos segue o modelo de circulares que fazem o percurso bairro-centro. São poucas as linhas que ligam as diferentes zonas da cidade. A Avenida Olívo Gomes, onde se localiza a portaria, é um dos eixos principais das linhas de ônibus da Zona Norte. Devido à dimensão e a baixa densidade populacional desta região, há um número menor de linhas nesta direção da cidade. Isto significa que os moradores de outras zonas precisam, na maioria das vezes, pegar duas conduções para acessarem o parque pela portaria principal.

Felizmente a proximidade com o Terminal Central é uma alternativa de acesso com apenas uma condução. Do Terminal Central há a possibilidade de caminhar pela Avenida Rui Barbosa e acessar o Parque por uma entrada

alternativa ou atravessar o viaduto da Avenida Olívo Gomes e acessar a entrada principal. Entretanto, o caminho pelo qual é preciso passar para chegar neste trajeto é cortado por eixos de trânsito rápido, calçadas mal conectadas e pouca arborização, o que gera um ambiente não amigável e pouco convidativo ao pedestre.

Assim, a defasagem das conexões do Parque com o sistema de transporte representa uma limitante para sua apropriação pelos habitantes de áreas mais distantes. Embora este trabalho não se proponha a resolver este problema de maneira prática, considera-se esta questão como imprescindível para a democratização deste espaço.

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

BORDAS E ACESSOS

● 1. AV. OLIVO GOMES



Avenida Olivo Gomes e Entrada Parque da Cidade. Acervo Pessoal.

▶ PRINCIPAIS ACESSOS



Portaria Principal (Av. Olivo Gomes)



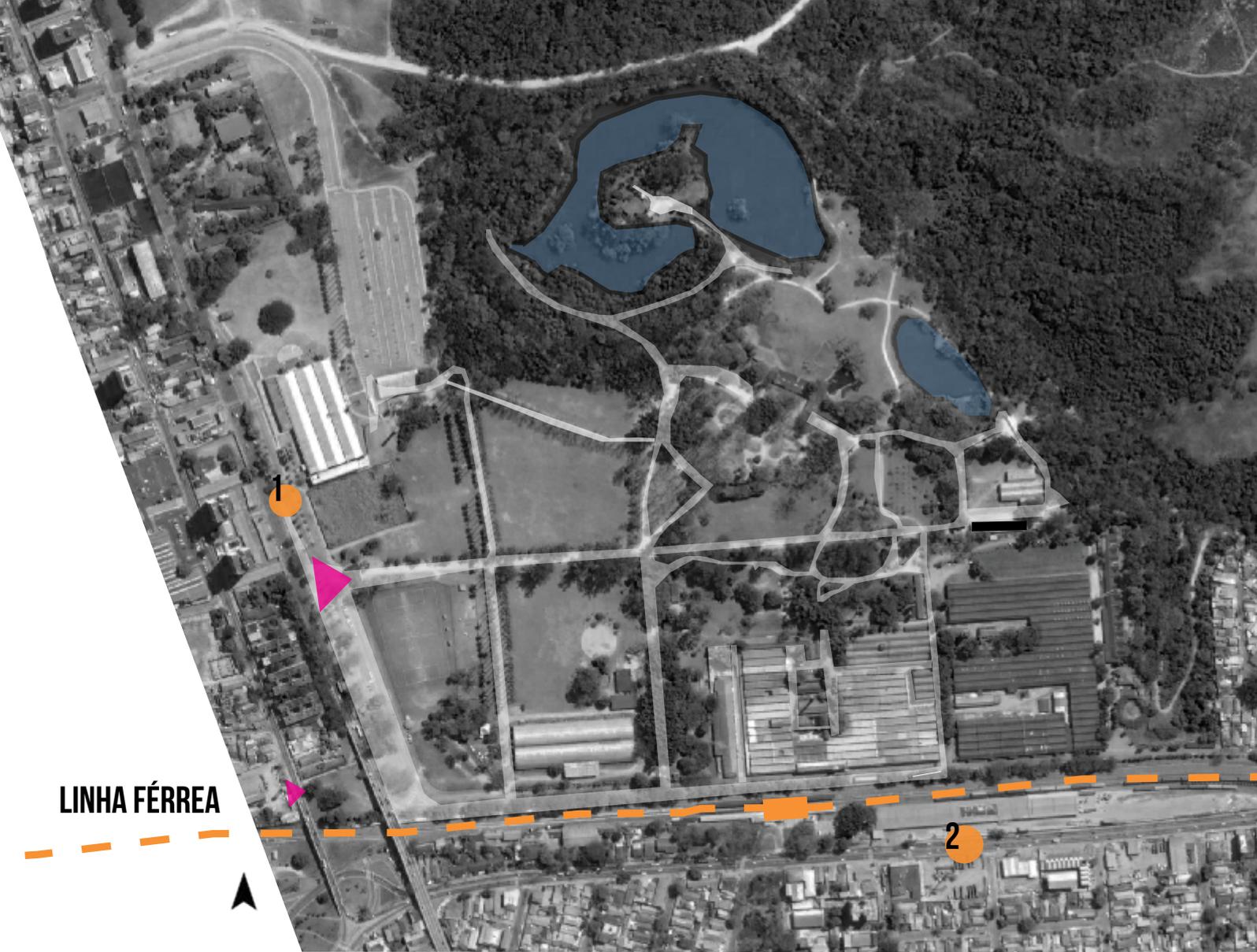
Acesso alternativo (Av. Rui Barbosa)

Das faces urbanizadas que fazem divisa com o Parque, uma é delimitada pela linha de trem da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil (paralela à Avenida Sebastião Gualberto) e outra é demarcada pela Avenida Olivo Gomes.

Atualmente, o Parque possui apenas uma portaria, localizada na Av. Olivo Gomes. Há ainda um acesso alternativo em escala de bairro na Av. Rui Barbosa. O número limitado de acessos, influencia na capacidade de apropriação cotidiana pela

população dos bairros do entorno, principalmente durante a semana.

Além disso, a única portaria está localizada em um ponto de estreitamento da malha urbana (ver mapa pág. anterior), apresentando assim uma menor quantidade de moradores em seu raio de abrangência. Há que se atentar ainda para o fato de que grande parte do extenso perímetro do parque se encontra fechado visualmente, o que prejudica sua própria legibilidade nos espaços da cidade.



LINHA FÉRREA

-  acesso principal
-  acesso alternativo

-  Av. Olivo Gomes
-  Av. Sebastião Gualberto
-  Estação Ferroviária SJC

2. AV. SEBASTIÃO GUALBERTO



Remanescente de Vilas Operárias. Acervo Pessoal.



Avenida Sebastião Gualberto, vista oeste-leste. Acervo Pessoal.



Estação Ferroviária, criada em 1935. Acervo Pessoal.

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX BORDAS E ACESSOS

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA



Até a década de 1920, a estação ferroviária da cidade situava-se no platô central, próxima a atual Av. 9 de Julho. Devido a um grave acidente, decide-se transferir a Estação para as áreas mais baixas, entre o centro e o Bairro de Santana. Assim, a nova Estação Ferroviária foi inaugurada em 1925. Sua presença atraiu as primeiras fábricas, o que posteriormente determinou a configuração desta região como a primeira zona industrial.

Hoje, esta se encontra desativada para o transporte de pessoas, porém a linha férrea segue em funcionamento para o transporte de cargas, sendo operada sob regime de concessão pela MRS Logística S.A desde 1998. Dentro deste acordo, foi cedido o uso da Estação Ferroviária de São José dos Campos para as atividades empresa. O mapa da página seguinte apresenta o trecho operado pela MRS S.A. Este tem ligações com o Minas Gerais, Rio de Janeiro e com o Porto de Santos.

Tombados a nível municipal, a estação e seus jardins permanecem fechados para o público. Os jardins são formados por árvores antigas e frondosas e atualmente são cercados por gradis e portões.



Mapa do trecho operado pela MRS Logística S.A. Agência Nacional de Transporte Terrestre, ANTT, 2018. Disponível em: <http://appweb2.antt.gov.br/concessaofer/mrs/print/mapa_mrs_print.asp>.





Vistas para Jardim a Oeste da Estação Ferroviária de São José dos Campos. Acervo da autora.

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

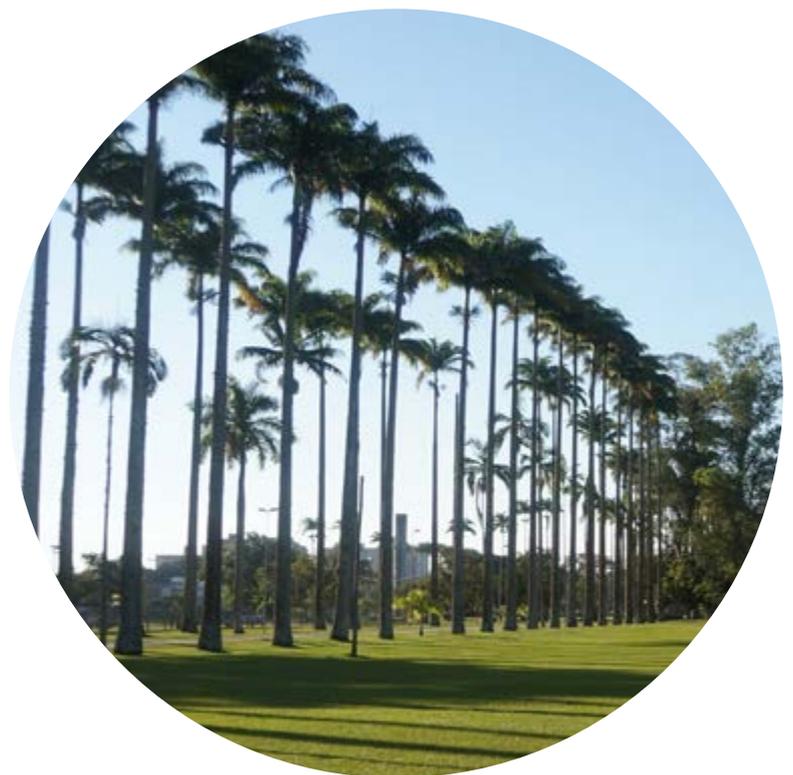
PAISAGISMO

Além dos jardins da Residência Olivo Gomes (tombados pelo CONDEPHAAT e COMPHAC), o paisagismo do Parque da Cidade inclui os seguintes elementos:

- Maciço arbóreo do lago que é composto por áreas de mata regenerada.
- Alinhamento de palmeiras imperiais (Tombados como Patrimônio Ambiental pelo COMPHAC)
- Árvore da Chuva (Tombada como Patrimônio Ambiental pelo COMPHAC)
- Gramados
- Alamedas arborizadas, dentre estas destacam-se a Alameda dos Ombus e a das Figueiras.
- Lagos



Lago Norte e Ilha.



Lago Norte e Ilha.



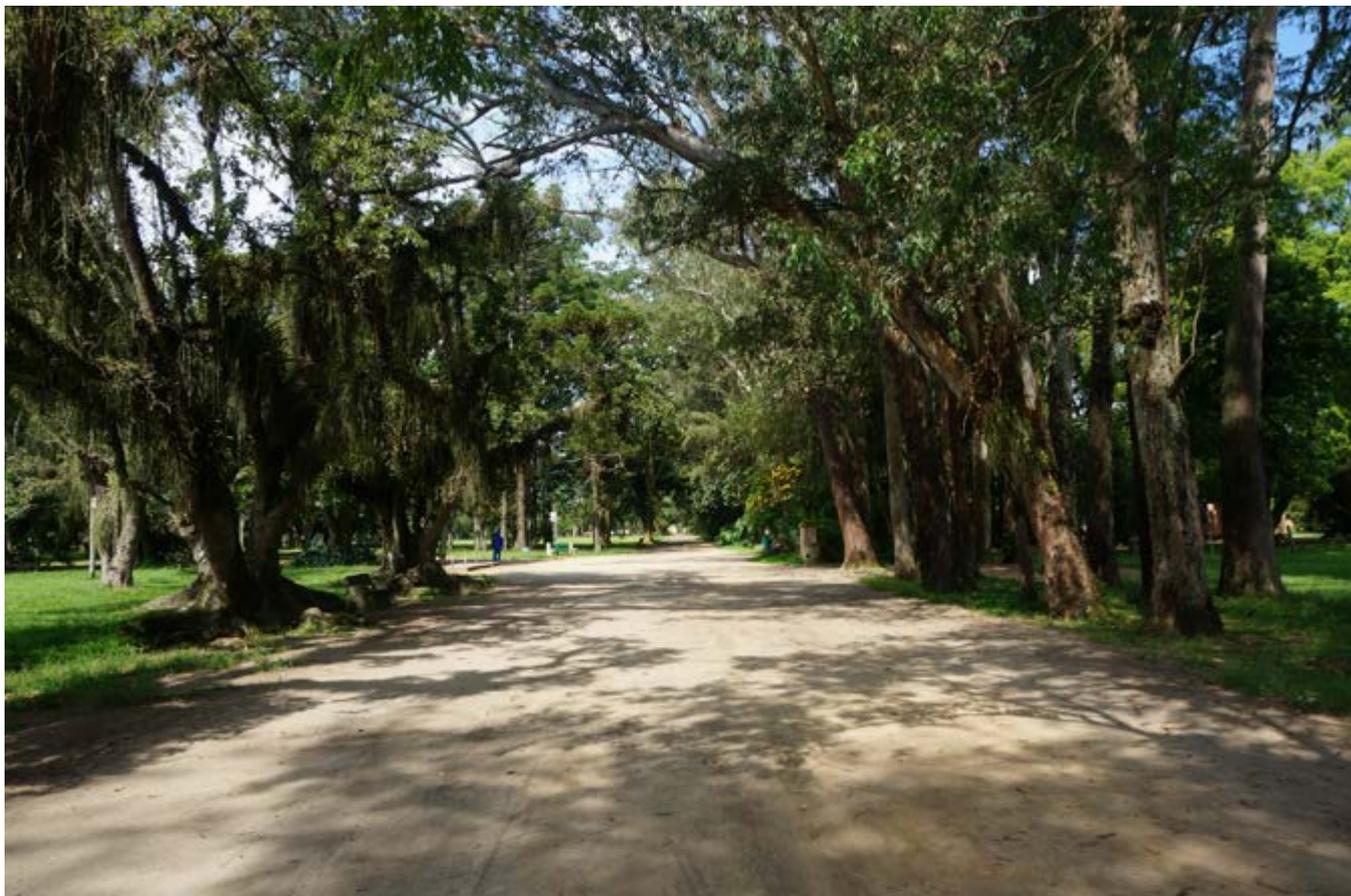
- 1 Eixo de Palmeiras Imperiais
- 2 Alameda dos Ombus
- 3 Alameda das Figueiras
- 4 Jardins da Residência Olívo Gomes
- 5 Árvore da Chuva



Árvore de Chuva

A árvore da Chuva um espécime arbóreo centenário localizado próximo ao Centro de Estudos e Formação de Educadores (CEFE). Com o nome científico de *Samanea saman*, esta árvore é conhecida popularmente como “árvore da chuva” ou “chorona”.

Este exemplar tem copa extensa e frondosa, atingindo 30 metros de diâmetro e 10 metros de altura e é o único desta espécie registrado no município.



- 2** Alameda dos Ombus. Eixo de Entrada do Parque. As raízes das árvores desta espécie são retorcidas e conformam um espaço de brincadeira para as crianças. Fonte: Acervo Pessoal.



- 3** Alameda das Figueiras. Eixo que se dispõe perpendicular à alameda dos Ombus. Devido à questões de fluxo e atrações, este eixo não é tão explorado. Entretanto, apresenta grande beleza, com árvores de copa densa, o que promove uma atmosfera bucólica e por vezes, misteriosa. Fonte: Acervo Pessoal.

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

PATRIMÔNIO FABRIL/RURAL

Ruínas Galpão de Ordenhas



Administração do Museu do Folclore



Estas ruínas tem conformação particular. Seu bloco principal tem características do momento rural e fabril, que se apresenta sem a cobertura. Há ainda a presença de um anexo com linhas modernistas e um pergolado de concreto armado, demonstrando ser esta própria arquitetura depositária da história do lugar.



- 1** Ruínas Galpão de Ordenhas
- 2** Museu do Folclore - antiga Casa da Gerência - 1920
- 3** Administração do Museu do Folclore
- 4** Sede da Secretaria de Meio Ambiente - Casa do Café - 1930
- 5** Casa da Ilha (provável construção na década de 1930)
- 6** Portões da Fazenda
- 7** Instalações da antiga Tecelagem Parahyba

Portões da Antiga Fazenda



Há em diversos pontos do quadrante sul a presença porteiras da época da fazenda. Esta é uma da que se encontra em melhor estado de conservação e que se localiza de frente para a alameda das figueiras. Entretanto não configura-se atualmente como um acesso ao

7 INSTALAÇÕES DA ANTIGA TECELAGEM PARAHYBA

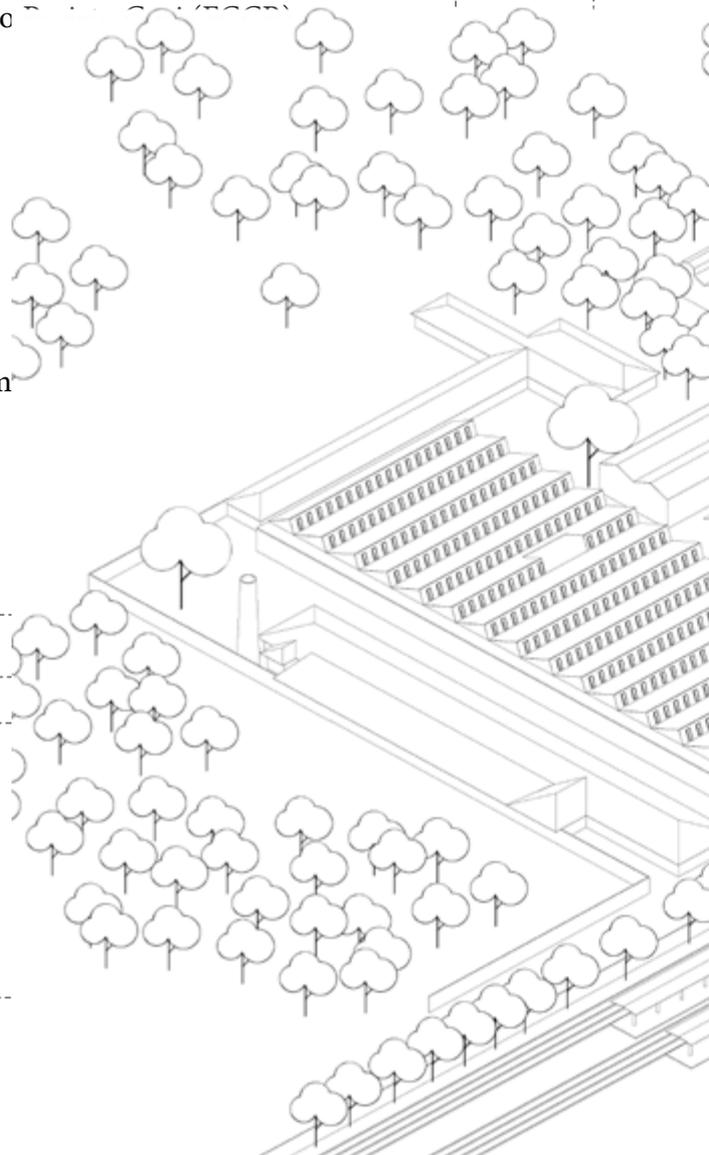
Centro Cultural Clemente Gomes (FCCR)
Algumas salas de dança estão interditadas.



Arquivo Público Municipal (FCCR)
Salas do ... (FCCR)

Estacionam

O antigo refeitório, da década de 1940, é hoje ocupado pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo (FCCR)



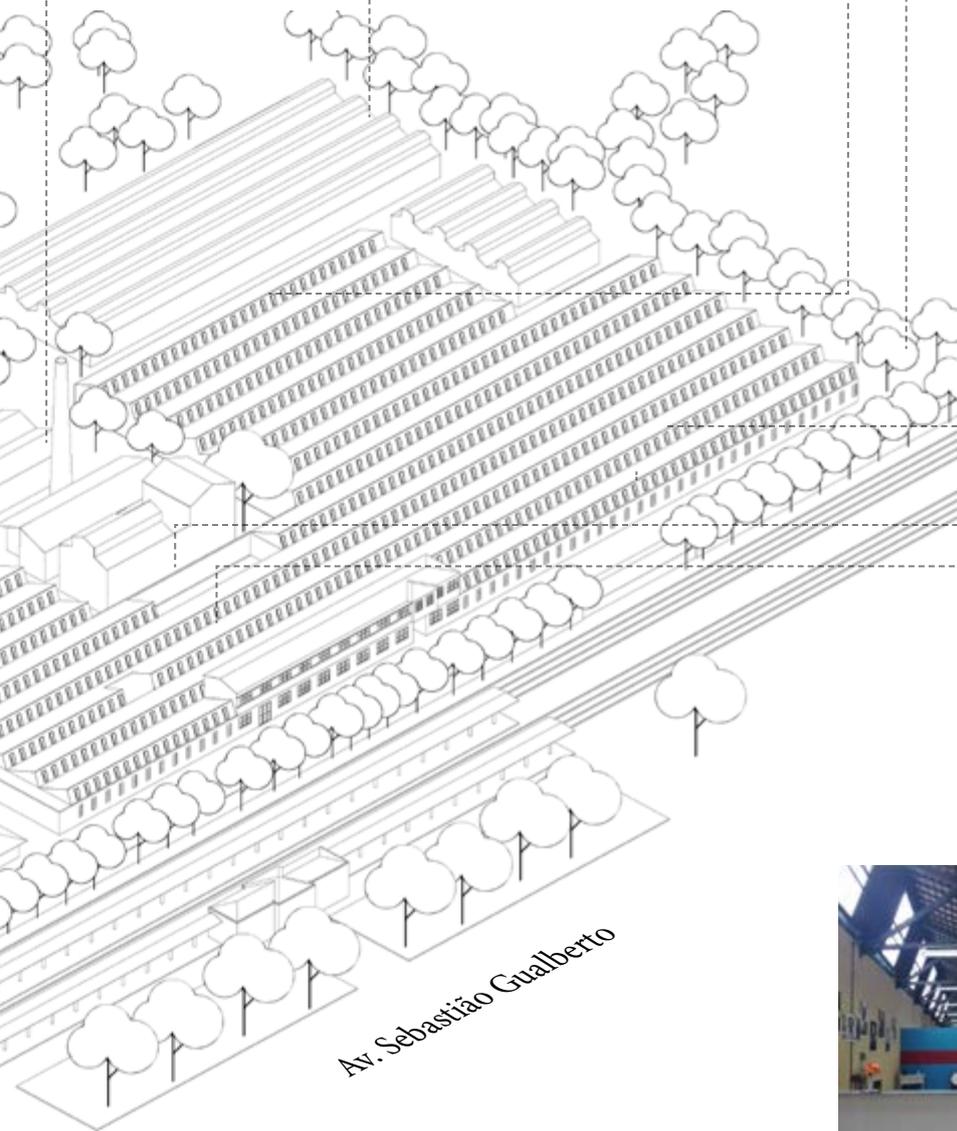


Espaço Piraquara

Manutenção

Sem uso

Estacionamento



Depósito Sec. Educação

Fundo Social Municipal



PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

PATRIMÔNIO MODERNISTA EDIFICAÇÕES E PAISAGISMO



Residência Olívo Gomes.

A residência segue fechada para visitação desde a abertura do parque. A permissão do acesso à sacada pela escada do jardim já demonstra o interesse e curiosidade que este elemento gera na população. A sacada funciona como mirante para a paisagem e é um dos locais mais fotografados do parque, demonstrando o carinho e admiração da população pelas obras.



No Parque há três painéis de autoria de Roberto Burle Marx. Dois deles na Residência Olívo Gomes e um em uma das fachadas no Pavilhão das Gaivotas.



Painel Pav. Gaivotas
Roberto Burle Marx
(1960)

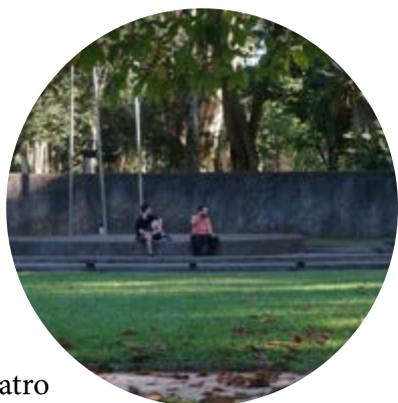


Pav. Gaivotas - Antigo Galpão de Máquinas e Equipamentos (1957)
Parte do projeto de Rino Levi para as instalações agroindustriais, o espaço foi construído para abrigar máquinas e equipamentos agrícolas. No bloco fechado encontravam-se os depósitos, sanitários e um posto de abastecimento de combustível onde está um painel de azulejo esmaltado de Burle Marx. Em regular estado de conservação, é utilizado para eventos em geral, principalmente feiras comerciais, porém passa os dias de semana bastante vazio, resultado da regulamentação proibitiva.



- 1** CEFE - Centro de Formação do Educador - antigo Depósito de Produtos Acabados. [Rino Levi]
- 2** Pavilhão das Gaiotas (EP-2) - antigo Galpão de Máquinas e Equipamentos [Rino Levi, 1951]
- 3** Residência Olívo Gomes (EP-1) [Rino Levi]
Conjunto Formado por Paisagismo [Burle Marx, 1962] e Residência (Condephaat, 2013)
- 4** Viveiro [Rino Levi, anos 1950]
- 5** Anfiteatro [Burle Marx, 1966]

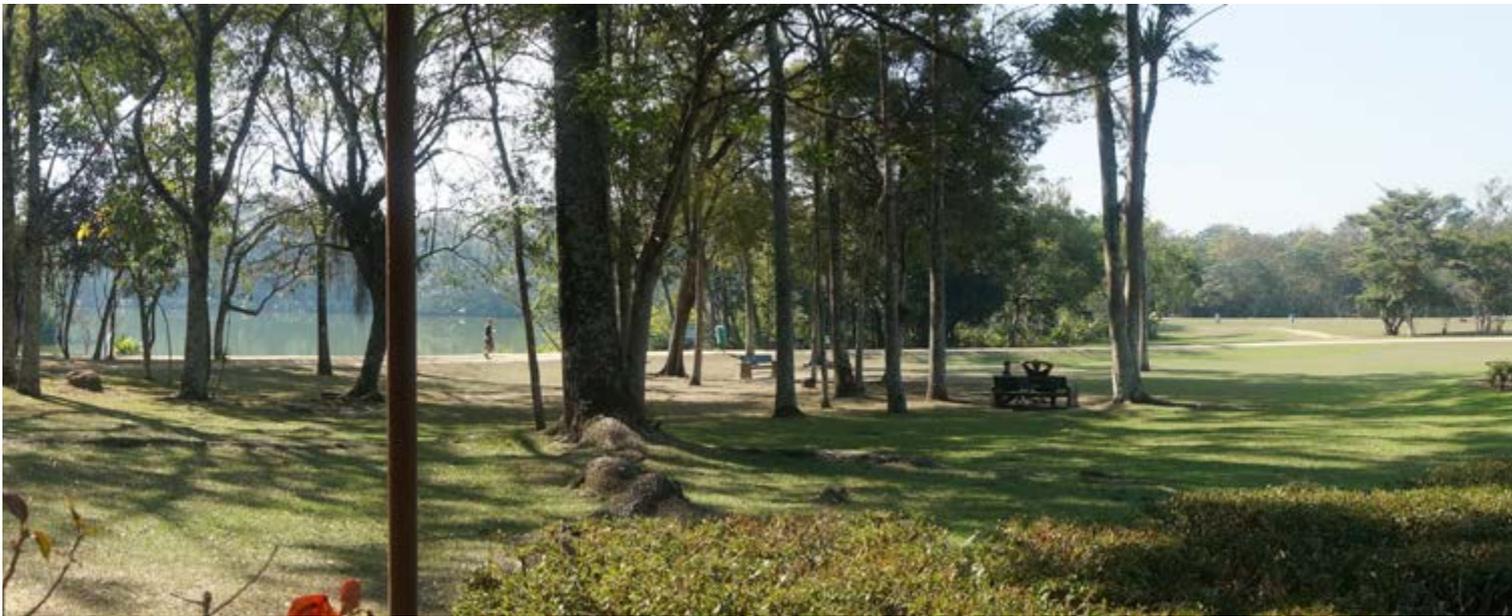
O paisagismo da Residência Olívo Gomes tem duas delimitações bem definidas: a parte sudeste, próxima a garagem da casa, marcada pelas formas orgânicas dos canteiros. E o jardim das áreas de lazer da família, a nordeste, se organiza a expandir-se em direção a paisagem e contrapõe a horizontalidade da arquitetura pela verticalidade das árvores.



Anfiteatro



Vista parcial
Jardim sudeste





Vista para os jardins e a Residência Olívoo Gomes

PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

PATRIMÔNIO MODERNISTA EDIFICAÇÕES E PAISAGISMO

RESIDÊNCIA OLÍVO GOMES

“Foi no projeto da residência Olívio Gomes, na Fazenda Sant’ana em São José dos Campos que Rino Levi e sua equipe realizaram seu melhor exemplo de síntese das artes. Nada é supérfluo: desde o paisagismo e os painéis de azulejo e mosaico, feitos por Burle Marx, até o cromatismo das paredes, o mobiliário e a iluminação, tudo se articula organicamente, desempenhando alguma função no partido do projeto.”
(Anelli, 2001 : p. 144)

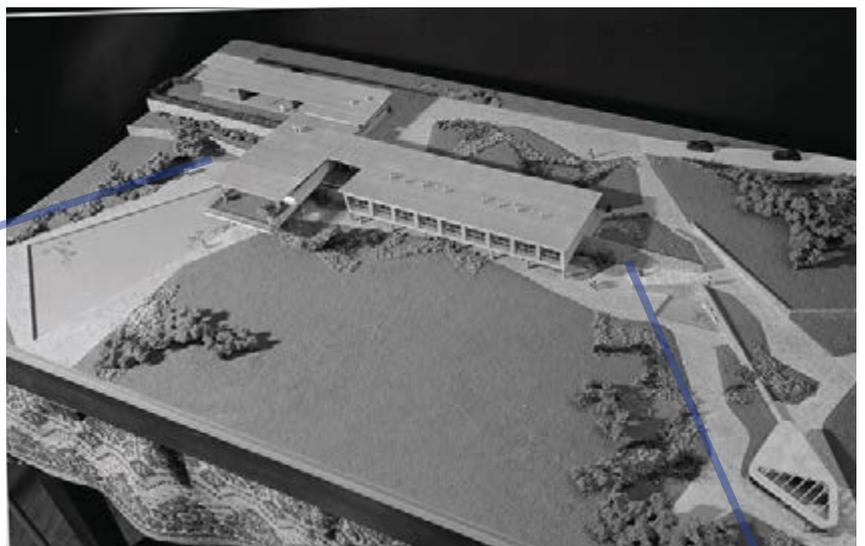


Na foto, Rino Levi e Sr. Olívio Gomes.
A Residência marcou o início de
uma parceria e amizade que se
desenvolveria por longos anos.



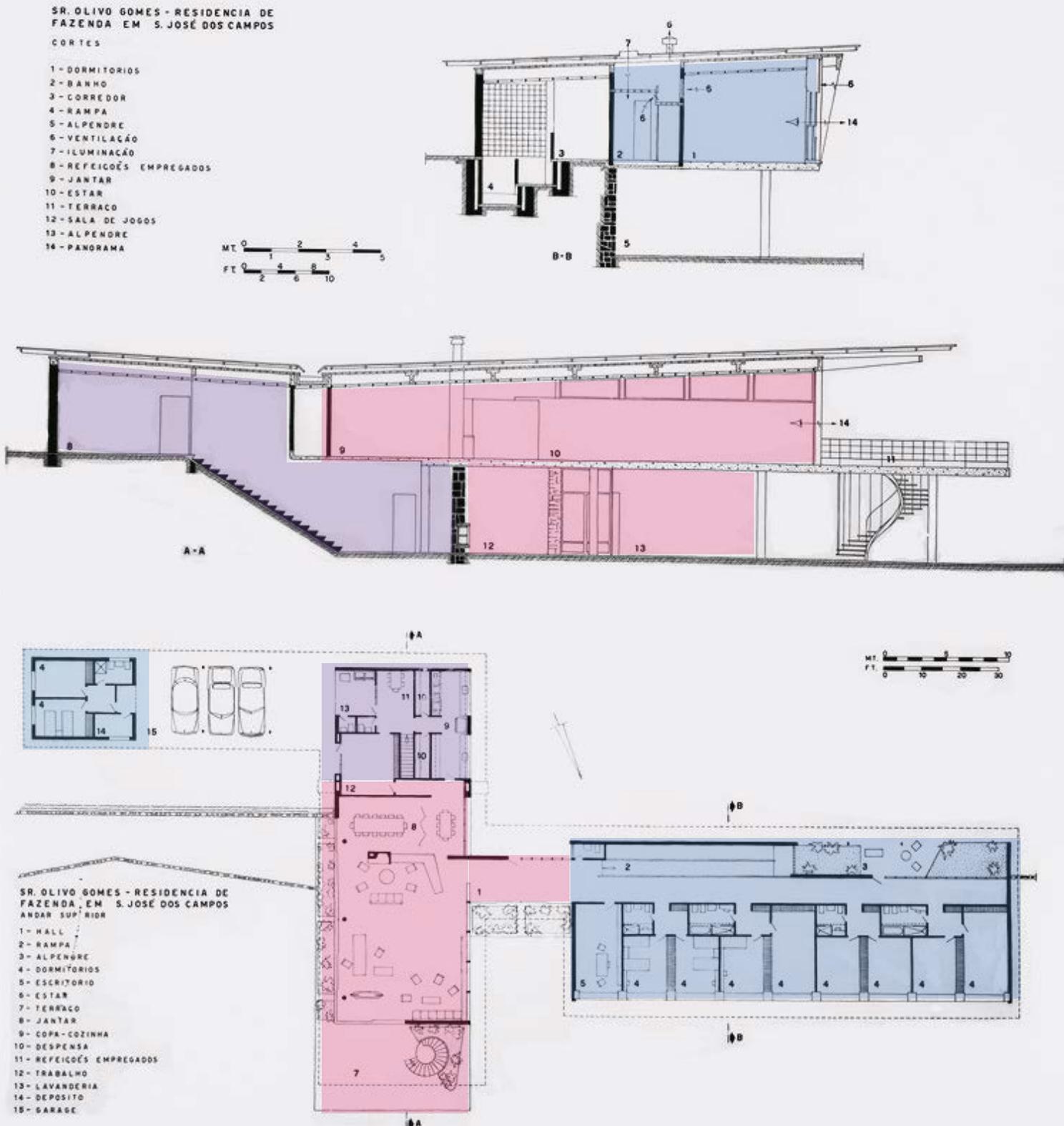
Cromatismo das paredes de autoria do pintor Rebolo, jardins e painéis de Burle Marx assim como os móveis e tapeçaria, todos estes elementos tem função no partido da casa.

“A casa foi idealizada como posto de observação da paisagem. Seus ambientes, sociais e privativos, se abrem para a vista principal. (ANELLI, 2001)



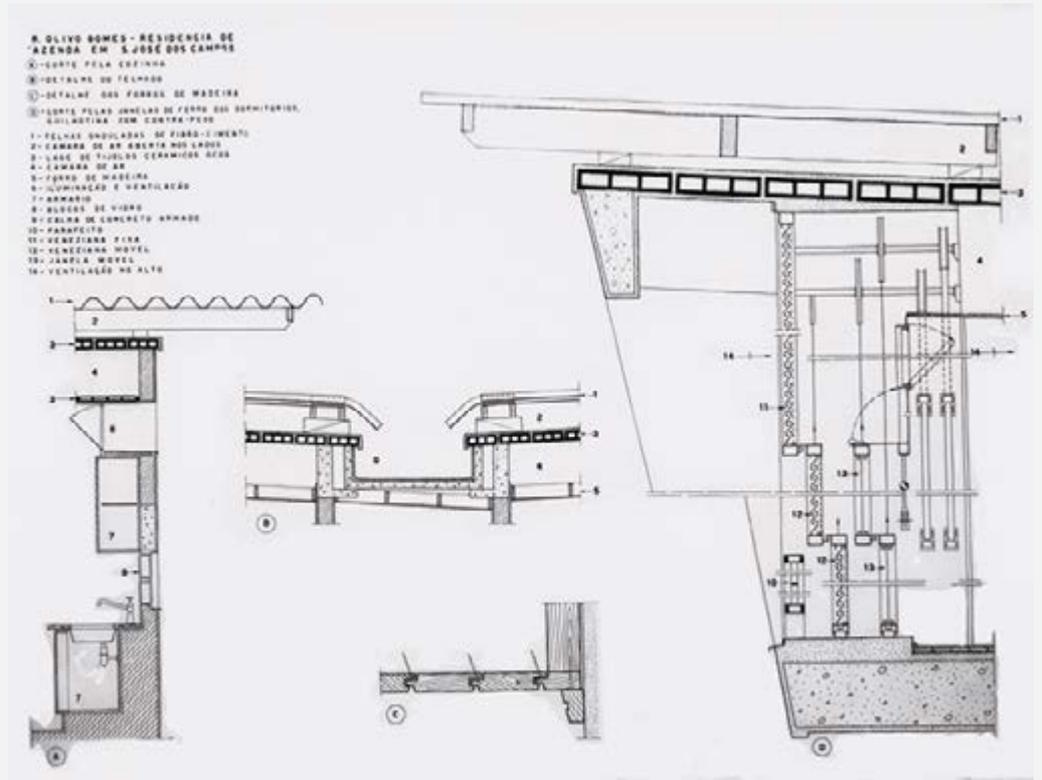
Percebe-se que o desenho do jardim, acompanha o partido da casa, marcando a expansão em direção à paisagem.

Concebida para receber grande número de pessoas, a Residência tem como característica uma divisão muito clara entre os ambientes comuns e os de uso privado da família. Demarca-se nesta divisão, ainda, a hierarquia social: o dormitório dos empregados se localiza separado do volume do corpo principal da casa.





“Os pormenores construtivos também encontram aqui uma sofisticação sem precedentes na obra de Levi. Para abrir completamente os dormitórios para a paisagem, as folhas das janelas são elevadas por um sistema de contrapesos que as embute completamente na testada da casa.” (ANELLI, 2001 : p.163)





Nelson Kon. Vista da face sudeste da Residencia. Painel de azulejos de Rino Levi.



Nelson Kon. Vista interna do Salao de Jogos localizado no térreo. Painel de Roberto Burle Marx



Nelson Kon. Relação Paisagem-Arquitetura.



Nelson Kon. Escada Helicoitadal e Jardins.



Nelson Kon. Vista da fachada nordeste. Painel de Roberto Burle Marx.



Nelson Kon. Composição paisagística e Fachada Nordeste.

VÁRZEA DE RIO >> FÁBRICA E

REGENERAÇÃO DA MATA FORMANDO GRANDES MACIÇOS

ESPAÇOS RESIDUAIS / EM TRANSIÇÃO

FAZENDA

>> PARQUE

CASA DE CAMPO DE FAMÍLIA ABASTADADA

ADIÇÃO DA ESTRUTURA ESPACIAL MODERNISTA // JARDINS

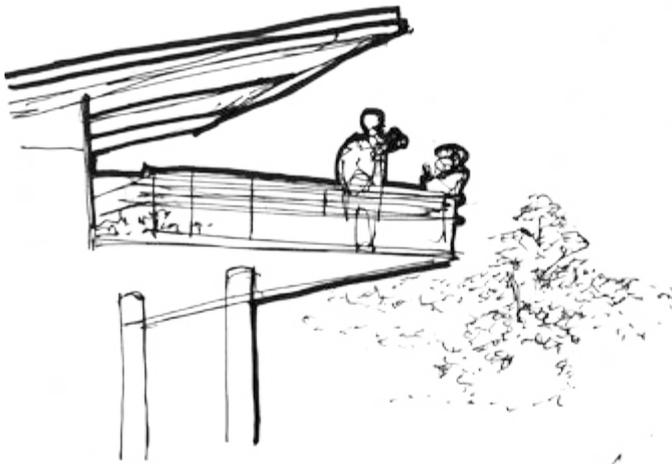
A interação entre sistema natural e as práticas sociais desenvolvidas sobre o território permitiram a sobreposição de diferentes camadas que formam a paisagem atual do Parque da Cidade. Em cada fase, houve uma herança e uma marca, criando assim um lugar onde convivem reminiscências rurais e um complexo fabril, elementos modernistas que dividem espaços com arquiteturas tradicionais e os antigos espaços privados de uma aristocracia local que ganham dimensão pública em sua condição de parque.

-> Espaços de transição e de diversidade.

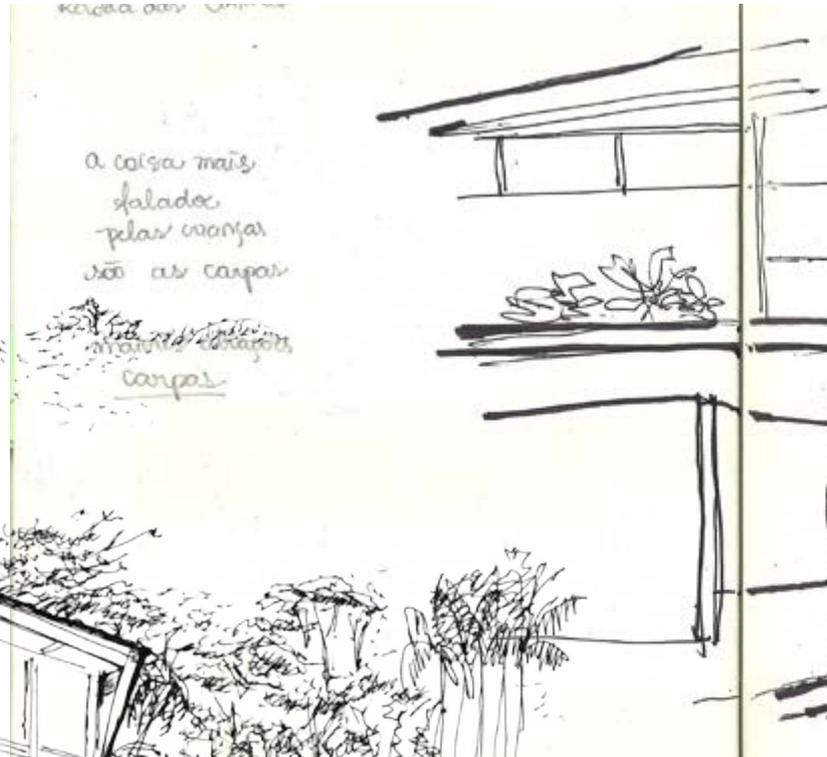


PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

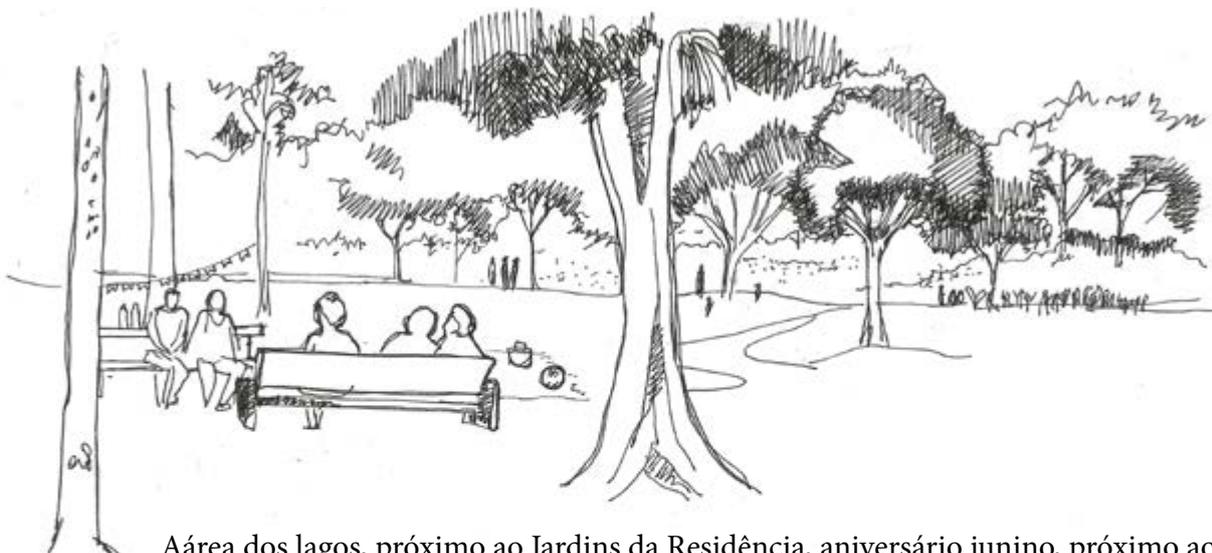
ESTUDOS DE OBSERVAÇÃO



Sacada da Residência Olívo Gomes, um dos locais mais fotografados do parque.



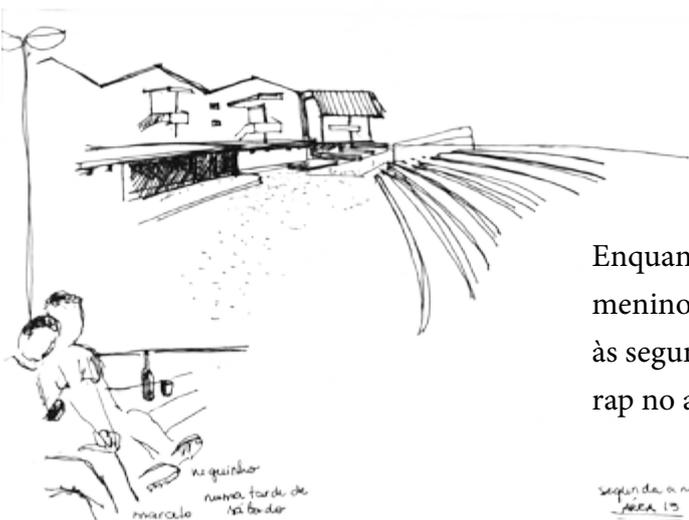
Residência Olívo Gomes



A área dos lagos, próximo ao Jardins da Residência, aniversário junino, próximo aos lagos: “até a vovó pulou corda. Teve corrida do saco, bola, bandeirinhas, lanche....”. Os grandes espaços abertos permitem a livre apropriação pelos visitantes



Interação das pessoas com o espelho d'água da Residência Olívio Gomes. As crianças gostam dos peixes e da escada.



Enquanto eu desenhava, os meninos me contaram que às segundas tem batalha de rap no anfiteatro do CEFE.

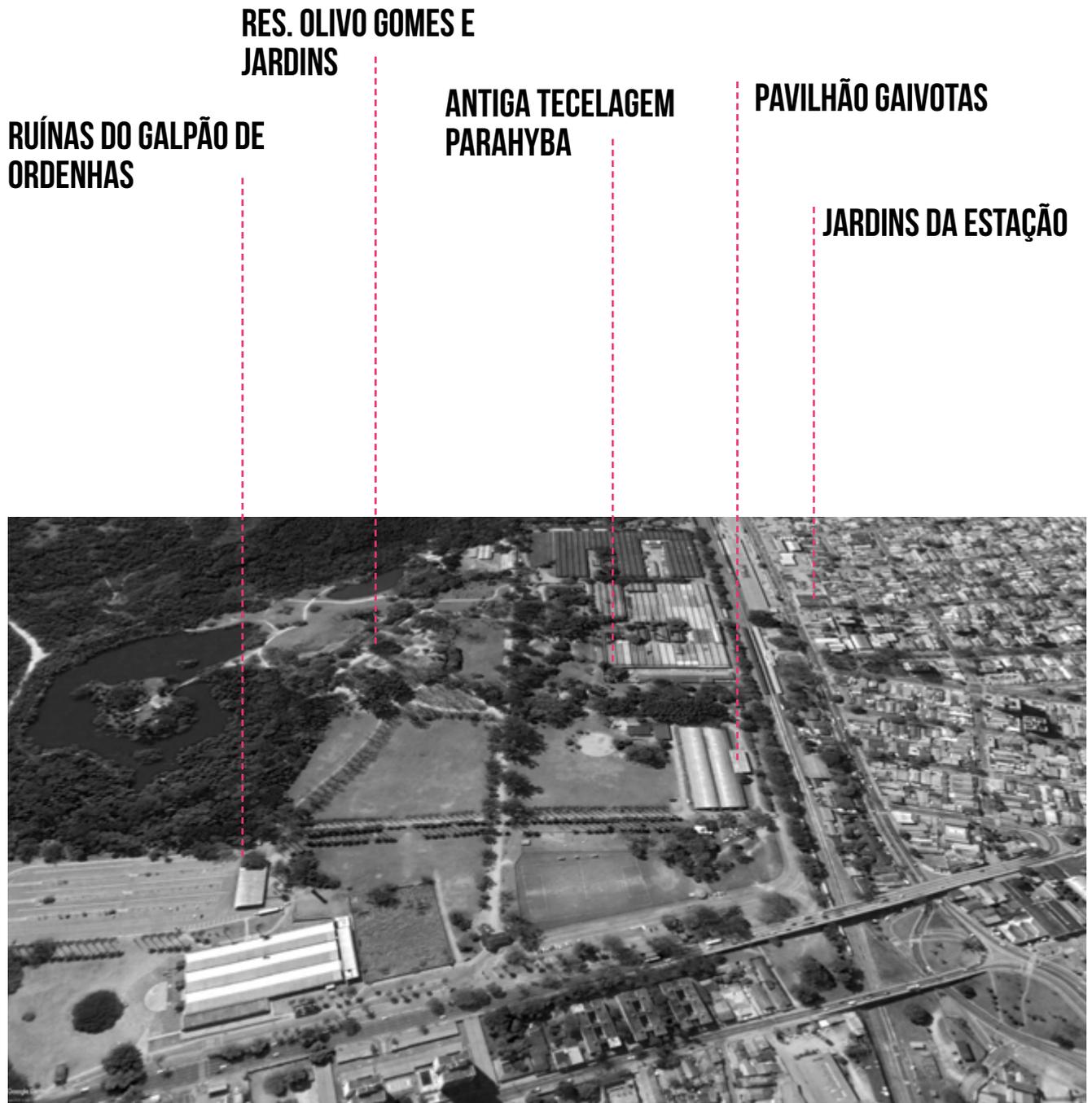
PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

ESPAÇOS POTENCIAIS

A partir deste debruçar-se sobre o Parque da Cidade, ficou evidenciado que este possui uma rica diversidade de ambientes e de paisagens. Porém, devido à algumas questões de sua relação com o entorno e a cidade, seu uso não é tão intensivo quanto poderia ser.

A partir da condição atual de subutilização de muitos espaços potenciais, busca-se a partir daqui pelas possibilidades de novas apropriações oferecidas por estes, através de pequenas modificações, tomando o existente como a oportunidade de revelação de um valor particular. Nesta perspectiva, serão consideradas principalmente ações de curto e médio prazo que poderiam representar a irradiação novas mudanças.

Será considerado para isso, algumas questões como a problemática do esvaziamento em dias úteis que pode gerar ambientes inseguros, sobretudo para mulheres e a questão da conexão com o entorno; a valorização das qualidades dos espaços existentes e a maneiras de aproveitar estes locais como forma de responder à atual insuficiência das infraestruturas de apoio (como sanitários, bebedouros, pontos de informação).



PARQUE DA CIDADE ROBERTO BURLE MARX

JARDINS DA ESTAÇÃO



RUÍNAS DO GALPÃO DE ORDENHAS



ANTIGA TECELAGEM PARAHYBA



PAVILHÃO GAIVOTAS

RES. OLIVO GOMES E JARDINS



ENSAIOS PROPOSITIVOS

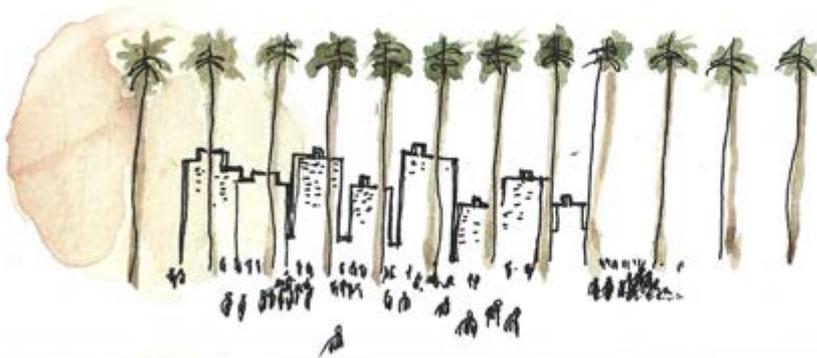
FUTUROS POSSÍVEIS PARA O PARQUE DA CIDADE

CONVITE À IMAGINAÇÃO

Os ensaios apresentados aqui buscam imaginar futuros possíveis para os espaços que surgem da análise anterior como potenciais. Em alguns momentos, estes demonstram uma intenção projetual, que se traduz na imaginação de mudanças físicas nestes espaços; em outros, revelam um olhar curatorial sobre o existente pela alusão às possibilidades de novas apropriações.

Tomando o existente como substrato fértil para o imaginário, propostas abertas são sugeridas. A partir da aquarela, técnica artística dotada de uma expressão espacial subjetiva - e até imprecisa - inexistente no desenho técnico, compartilho qualidades apreendidas e desejos sobre os espaços contemplados.

A imaginação se apresenta aqui não como devaneio desligado da real, mas como dimensão do possível. O convite à imaginação procura os primeiros passos para iniciar um processo coletivo e aberto de construção do futuro.



CONVITE À IMAGINAÇÃO: NOVAS CONEXÕES

PARQUE-REGIÃO TRANSPORTE FERROVIÁRIO

A linha férrea existente atualmente opera só para o transporte de cargas. A existência desta estrutura que conecta São José dos Campos ao Vale do Paraíba e outras regiões do país, representa a possibilidade de que esta permita conexões regionais para o transporte de pessoas, potencializando, inclusive o uso pela região.

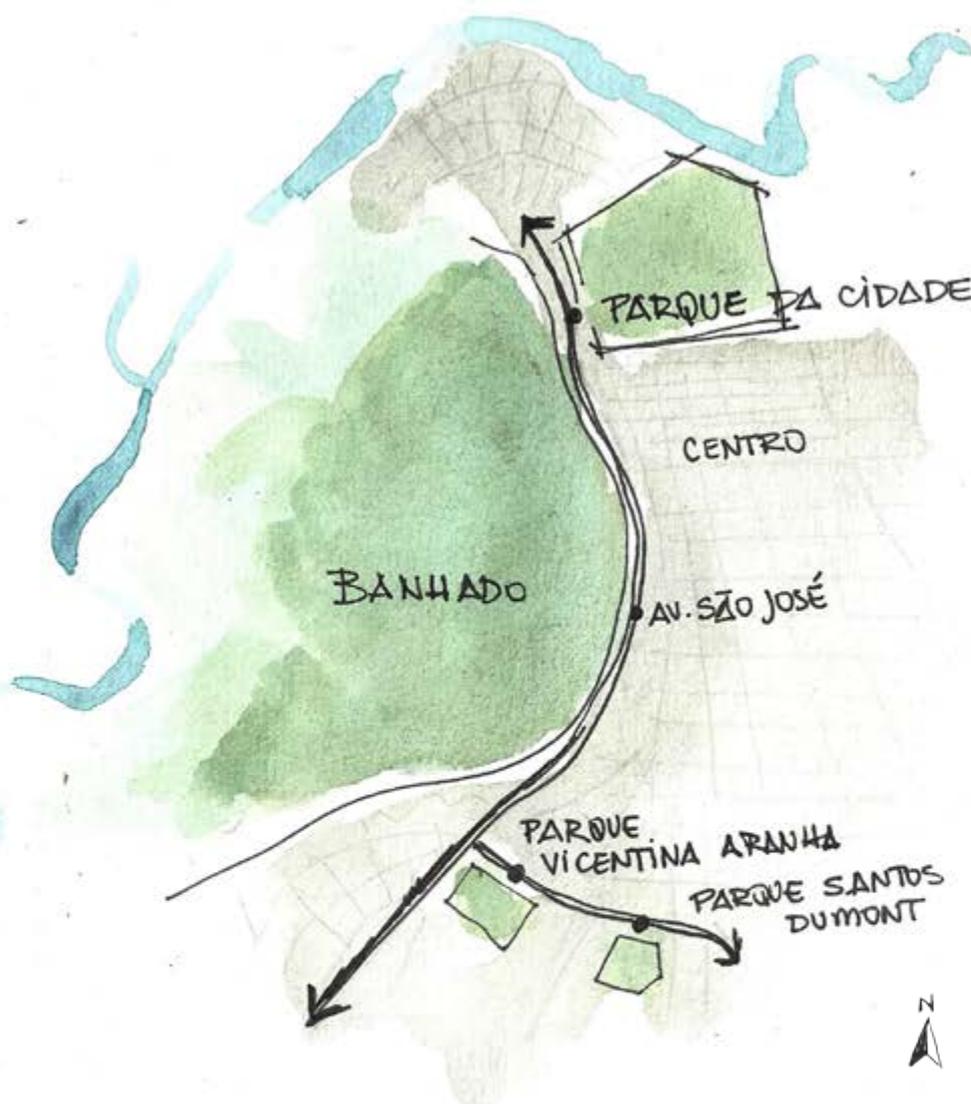


PARQUE-CIDADE TRANSPORTE PÚBLICO

Para garantir uma melhor conexão com as diversas áreas da cidade, seria necessário que houvesse a criação de novas linhas de ônibus passando pela Avenida Sebastião Gualberto.

PARQUES

A proximidade entre os três principais parques de São José dos Campos permite que estes sejam conectados por eixos pedonais e ciclovias. Parte desta estrutura já existe na Avenida São José, sendo necessário que seja continuada até os parques. A vista para o Banhado, grande corpo verde que marca a paisagem das áreas centrais, completaria com mais um elemento a experiência do percurso.



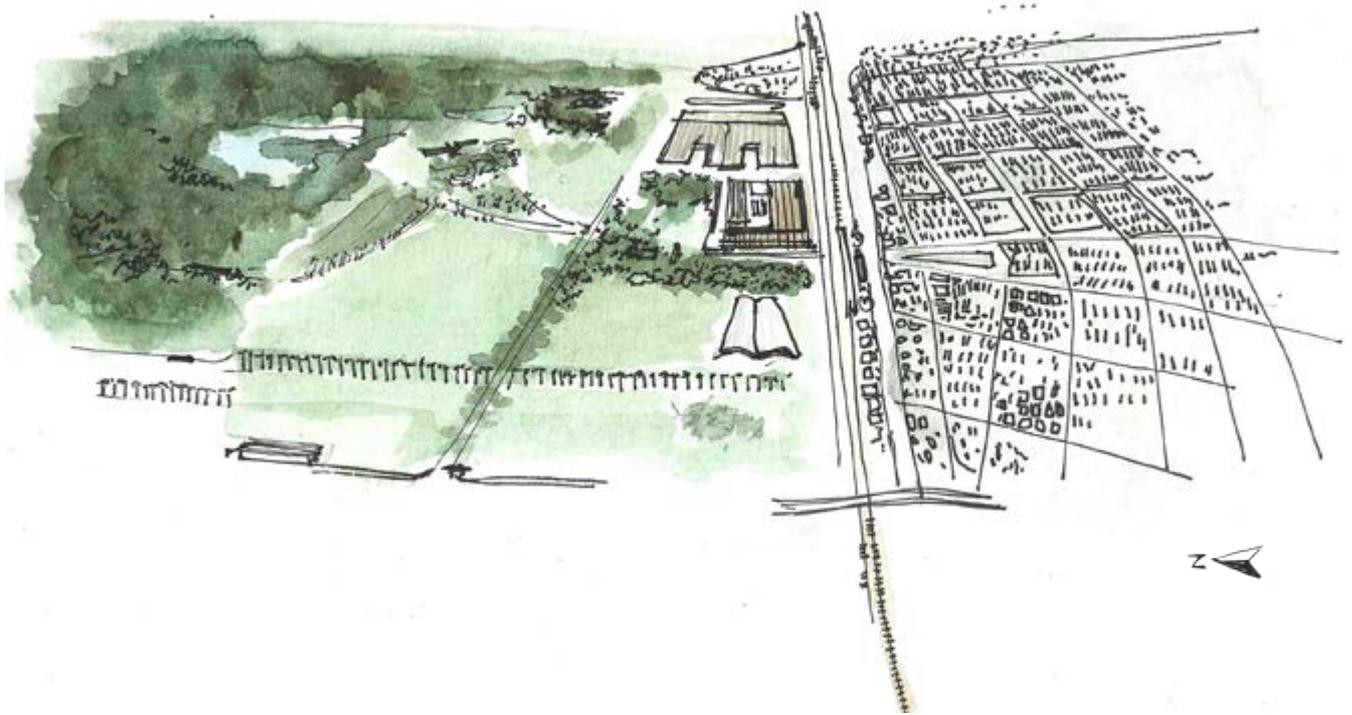
CONVITE À IMAGINAÇÃO:

NOVAS CONEXÕES PARQUE-BAIRRO

Jardins da Estação e Nova Portaria
(Av. Sebastião Gualberto)

Atualmente o Parque da Cidade apresenta um uso pendular. É altamente utilizado aos finais de semana e permanece bastante vazio durante a semana. Isso acarreta em problemas de segurança, assim como influencia na capacidade de envolvimento comunitário com as (possíveis) atividades oferecidas.

O número insuficiente de acessos em relação ao perímetro do parque contribui para este quadro, já que, devido à sua extensão, moradores de áreas bastante próximas necessitam transpor grandes distâncias até a portaria existente.

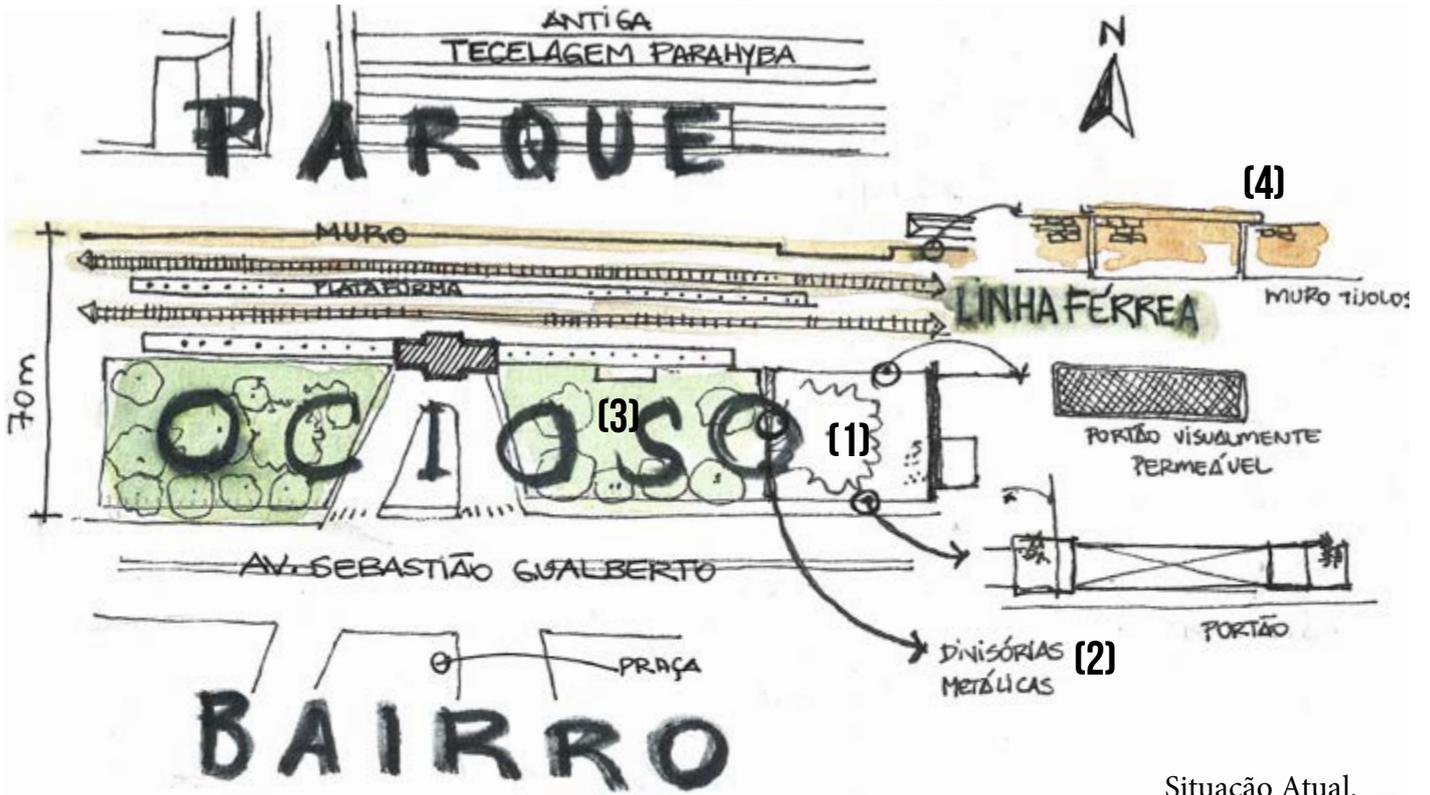


Afim de possibilitar um acesso à distancias praticaveis no dia-a-dia, mitigando a sensação de esvaziamento durante a semana, é sugerida a criação de um novo acesso na face sul do Parque da Cidade e reabertura dos antigos jardins da estação ferroviária - hoje cercados e sem uso - como praça, em escala de bairro.

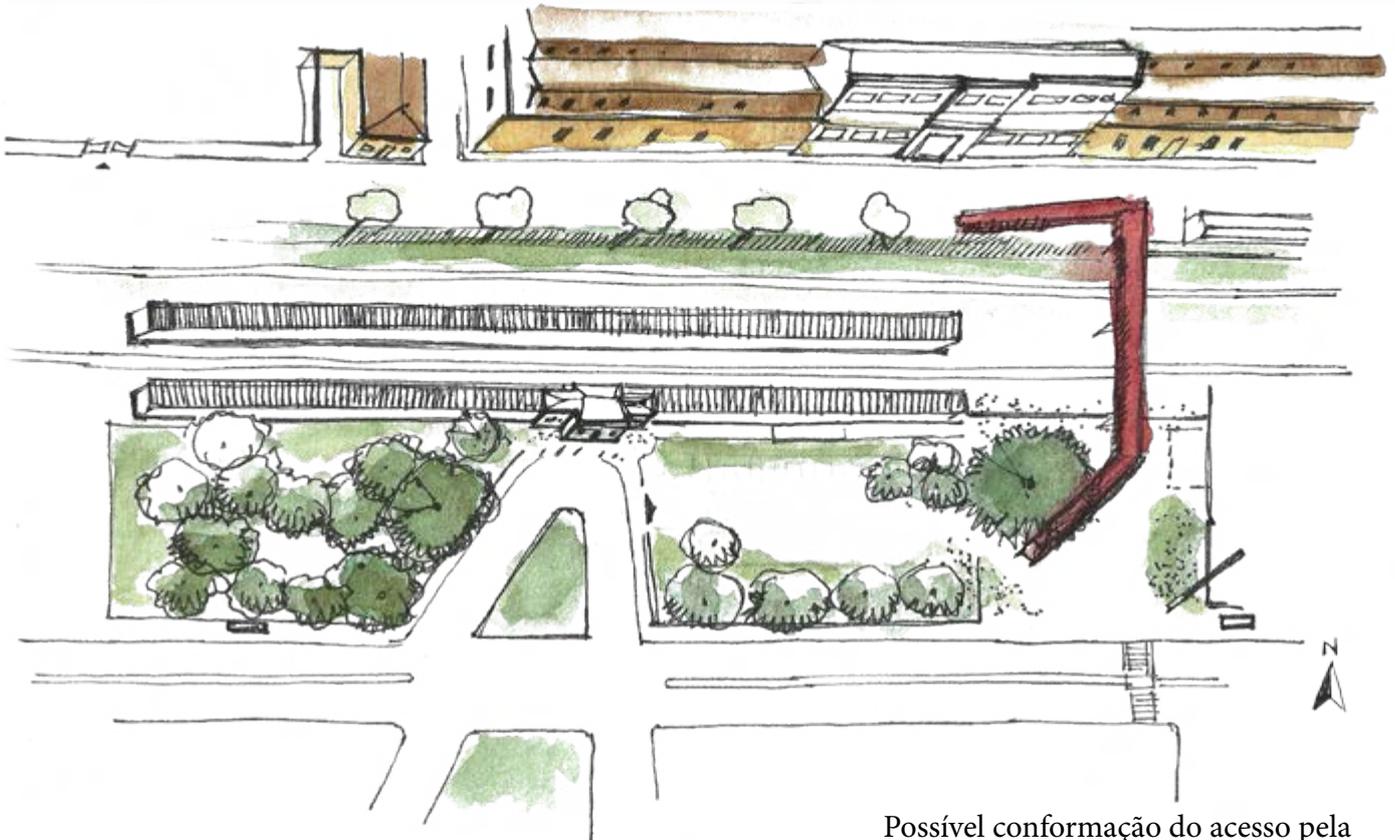
Este novo acesso poderia ser criado a partir do terreno desocupado existente (1). A remoção das divisórias metálicas (2) entre o jardim a oeste (3) e o terreno conectaria estes espaços.

Para melhorar a conexão visual entre parque e cidade, o muro (4) que atualmente separa o parque da linha do trem poderia ser substituído neste trecho por gradis que permitissem uma maior permeabilidade visual.





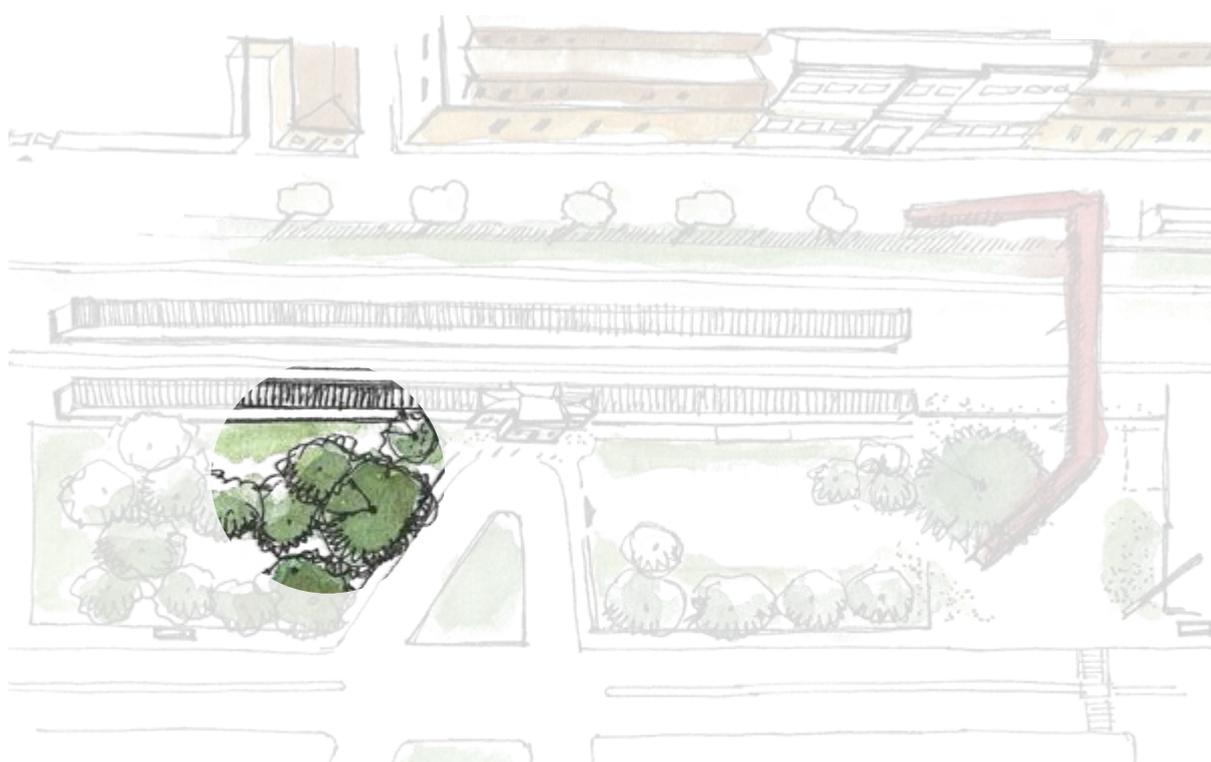
Situação Atual.



Possível conformação do acesso pela Av. Sebastião Gualberto

Jardins da Estação Ferroviária

A partir da abertura dos jardins da Estação Ferroviária como praça, esta funcionaria como um ambiente de transição para o parque. Para a composição paisagística da nova praça, sugere-se ainda a utilização de elementos relacionados à atividade ferroviária como restos de antigos vagões e barras metálicas como mobiliário urbano no jardim a leste da estação. O jardim à oeste possui algumas vagas de estacionamento, que poderiam servir à nova entrada do parque.

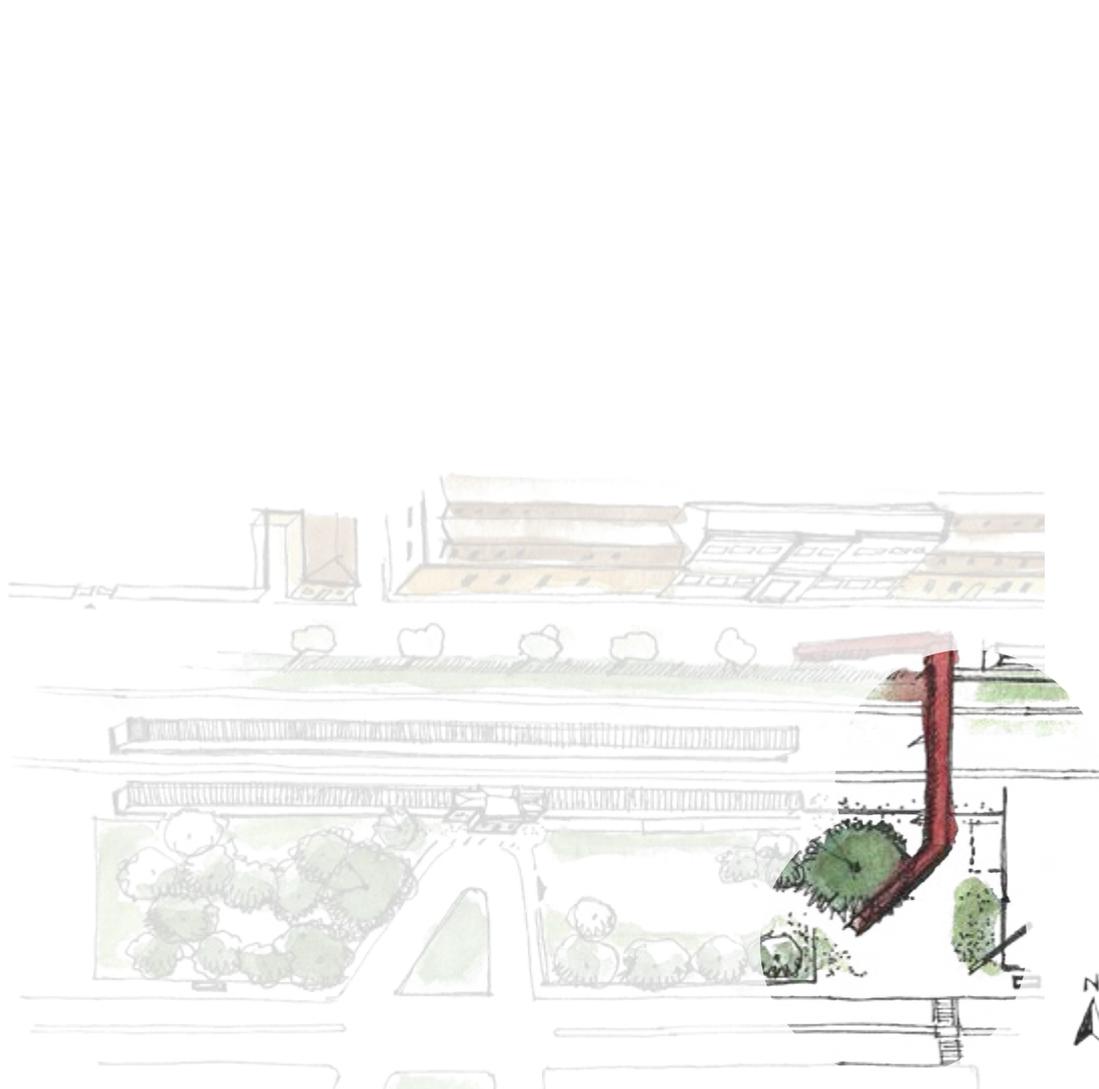


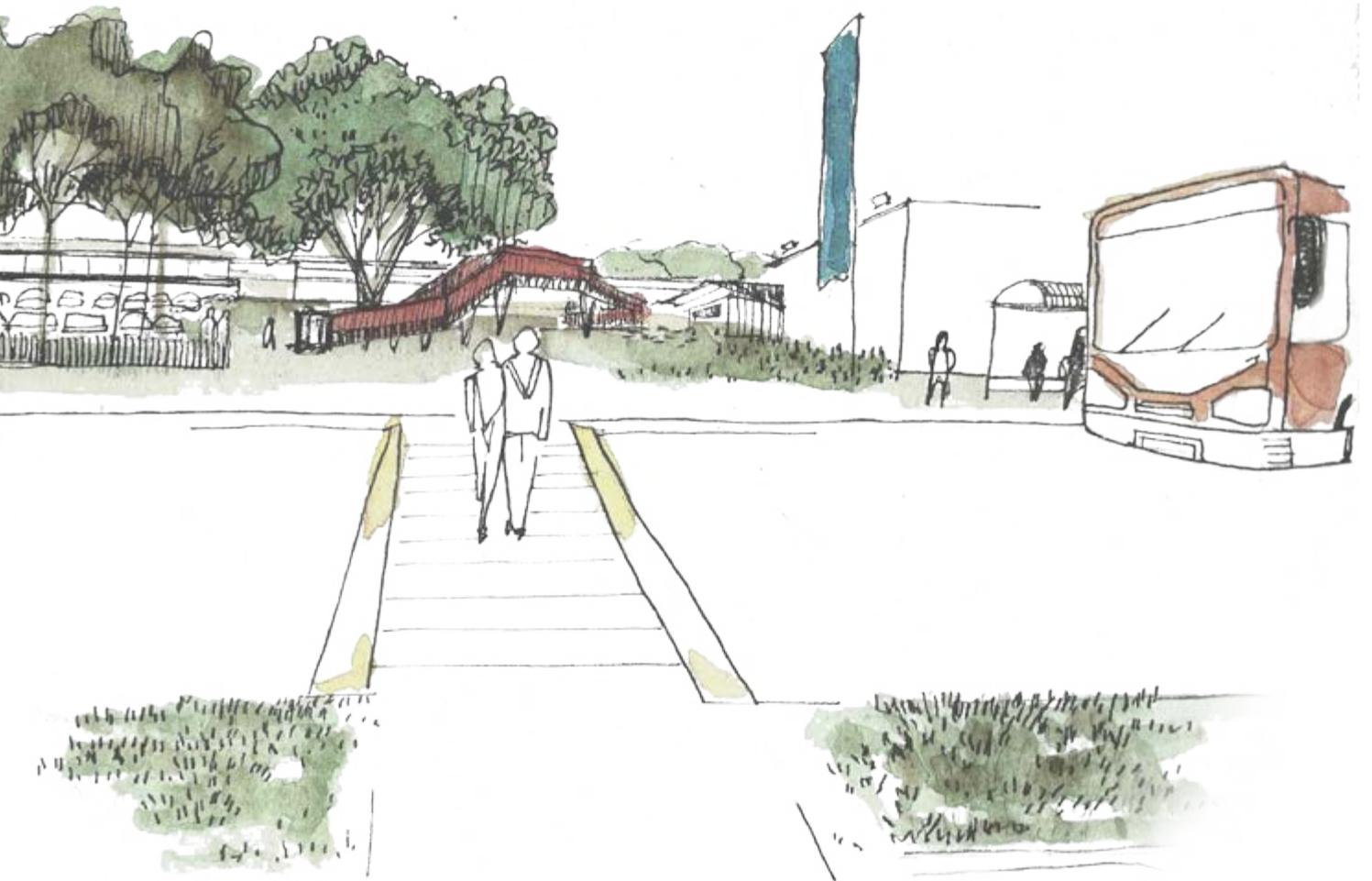


Novo Acesso

Como já foi mencionado, o novo acesso ao Parque da Cidade poderia ser feito a partir da utilização de um terreno desocupado existente ao lado dos jardins da antiga estação.

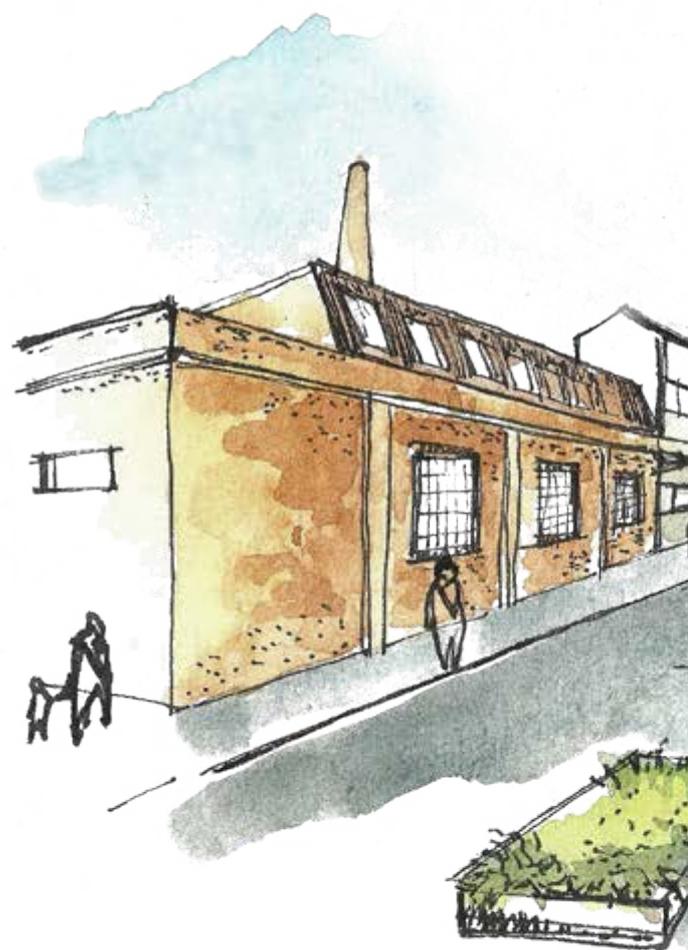
A transposição da linha de trem poderia ser feita por meio de um elemento que, além de garantir segurança para a travessia, marcasse a nova entrada de maneira convidativa. O percurso em nível elevado, permitiria ainda a observação da atividade ferroviária e uma perspectiva privilegiada para as instalações antiga da Tecelagem Parahyba.



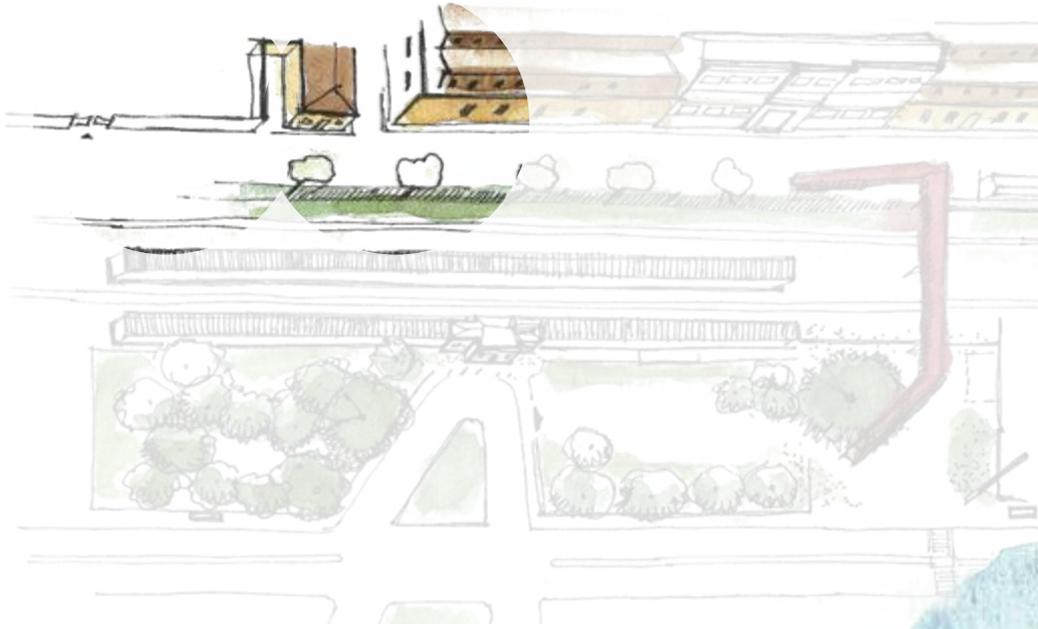




O novo acesso criaria ainda um fluxo no sentido sul-norte dentro do parque. Assim, a Alameda das Figueiras, eixo de árvores de grande beleza, passariam a funcionar como os eixos estruturantes deste fluxo.



A partir desta nova entrada a antiga Tecelagem ganharia um destaque maior no cotidiano do Parque.



CONVITE À IMAGINAÇÃO: PAVILHÃO GAIVOTAS



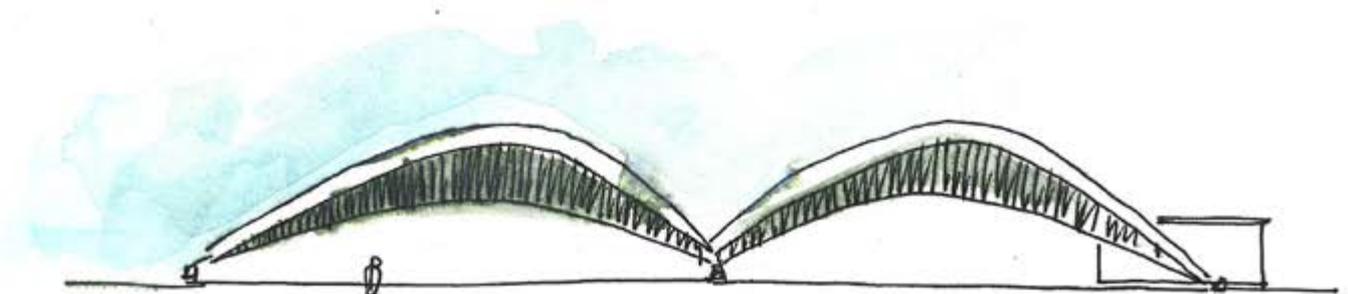
Esta grande área coberta, de autoria de Rino Levi (tombada como EP-2), passa a maior parte dos dias vazias. Parte de suas bordas está cercada por portões e gradis e nelas a placa sobre a proibição do uso de skates e afins.

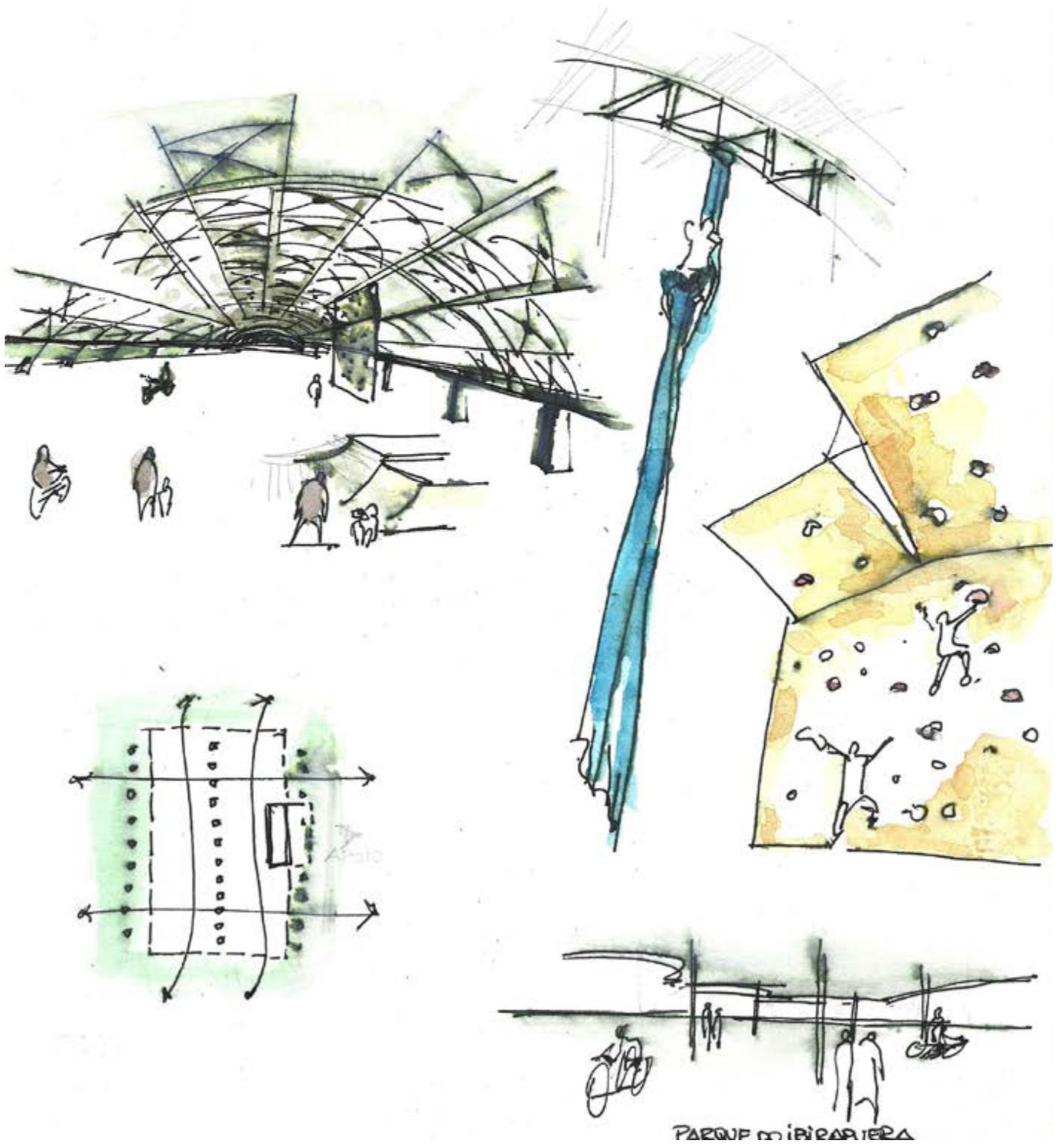
A proibição de tais usos evidencia uma prática de conservação patrimonial que trata o patrimônio como relíquia, objeto a ser exposto e contemplado, acabando por suprimir a incorporação deste às práticas cotidianas.

Neste sentido, a revogação de tais restrições se faz necessária, não apenas para flexibilizar os usos do Pavilhão, mas sobretudo para aproveitar seus potenciais, já que se apresenta como estrutura com qualidades espaciais particulares no parque.

A espacialidade do Pavilhão Gaivotas é definida por grande área livre, plana e coberta, sendo extremamente favorável para o uso de equipamentos como skate, patins e bicicletas. A partir desta característica, este elemento poderia se transformar em ponto de atração do público jovem.

Sua altura permite também a exploração de outros esportes, como escalada e arte circense. Estes podem ser apoiados por estruturas móveis que não inviabilizem a utilização do espaço para os demais eventos já ocorrem ali.









A fachada Sul do Pavilhão das Gaivotas possui um painel de azulejo esmaltado de autoria de Roberto Burle Marx, este é um dos três painéis do paisagista no Parque. Para destacar sua importância, parte do muro existente poderia ser retirada.

CONVITE À IMAGINAÇÃO: RUÍNAS DO GALPÃO DE ORDENHAS

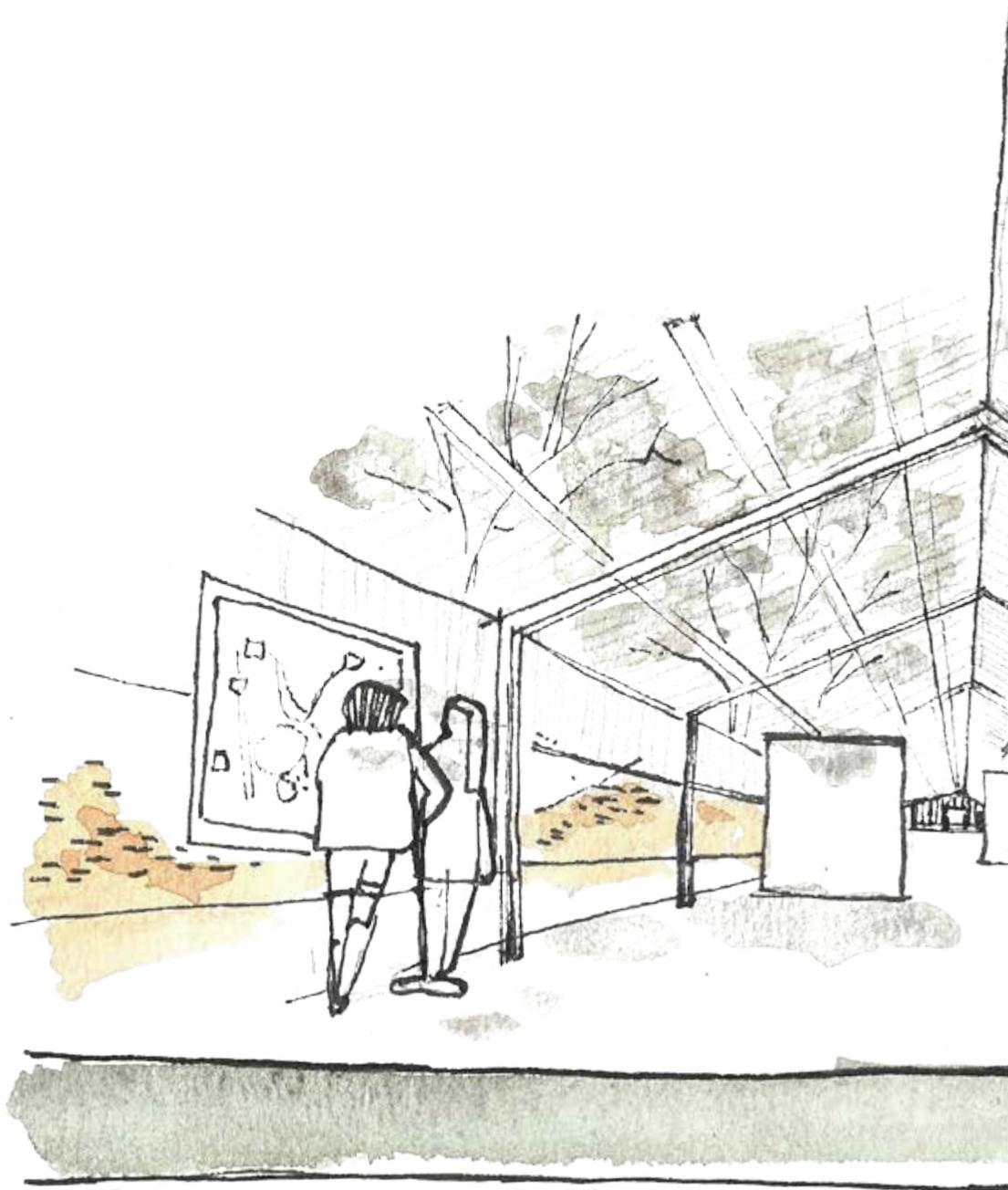
A condição atual deste edifício é resultado da sedimentação de diferentes momentos históricos. Seu volume principal em tijolos é do período fabril. Linhas modernistas foram adicionadas à composição a partir de anexo que liga-se ao volume principal por um pergolado de concreto armado. Seu abandono e conseqüente processo de deterioração, levou à subtração da cobertura do volume principal e a incorporação da vegetação e da paisagem ao espaço construído.

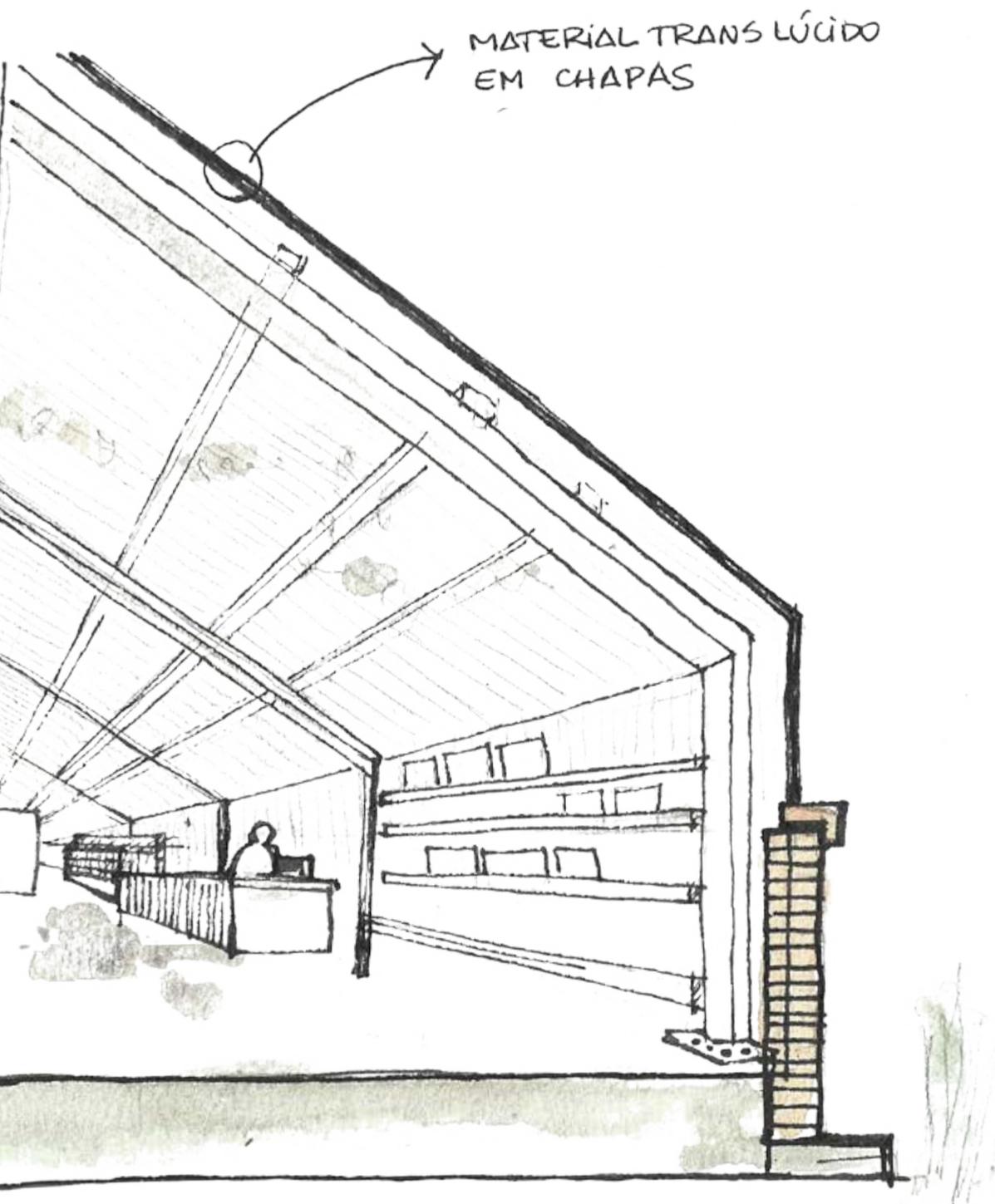
A fim de evidenciar uma outra fase desta arquitetura, uma nova cobertura para o volume principal é proposta. A cobertura seria feita de material translúcido, para que se mantenha a poética do seu momento em ruína, marcada pelas sombras das árvores e do movimento de suas folhas. Conforme as tratativas contemporâneas de preservação patrimonial, esta escolha traduz o desejo de preservar todas fases deste elemento como testemunho de sua evolução no tempo.

Por ser o próprio edifício registro da história do lugar e estar localizado ao lado de um dos estações, ele poderia funcionar como ponto de informação ao visitante. Ali encontraria-se material contendo a programação de atividades, localização das atrações, etc. O anexo seria reformado e utilizado para abrigar infraestrutura de apoio como sanitários e bebedouro, respondendo à uma demanda geral do parque atualmente.









CONVITE À IMAGINAÇÃO: RESIDENCIA OLÍVO GOMES E JARDINS



A Residência permanece fechada para visitação desde o momento da abertura do Parque, tendo sido aberta em alguns eventos comemorativos.





Relato de memória - abril/2017

"A única vez que eu entrei na casa, eu estava com a minha mãe. Era uma exposição em comemoração aniversário da cidade, não lembro de muitas coisas além da rampa e da incrível paisagem para além dos panos de vidro. Minha mãe me contou que o parque antigamente era a fazenda de uma família muito rica e que a sua propriedade se espalhava até muito longe. Eles moravam na fazenda, naquela casa enorme que até então a gente só conhecia pelo lado de fora. A casa tinha uma es-

cada que dava para um jardim e as crianças adoravam subir nela. Lembro de subir nela muitas vezes, mas ao final dos degraus se encontrava uma corrente com um cadeado: não era permitido explorar além daquilo. Lembro ainda com clareza da voz da minha mãe ao entrar e olhar a paisagem que se espalhava pelas janelas me dizendo: Imagina, Maria Eduarda, que felicidade poder acordar todo dia com essa vista!"

A sugestão municipal para o uso da antiga casa da Família Gomes depois de completadas as reformas e manutenções necessárias é de que ela seja transformada em salão nobre, sediando eventos oficiais e encontros com autoridades em visita à cidade, o que demonstra a intenção de um uso altamente elitizado.

Em oposição a alternativa apresentada pela administração oficial, imagino a casa aberta para visita guiada. A casa, que foi projetada como ponto de observação da paisagem, manteria essa função e ganharia novas.

Ao penetrar este ambiente até então misterioso, os visitantes poderiam experienciar a amplitude do espaço modernista, sua integração com o exterior e conhecer mais detalhes da história desta casa e da sua importância para a arquitetura moderna brasileira. A presença do Arquivo Público no Parque permite ainda que a casa funcione como um espaço expositivo deste acervo.







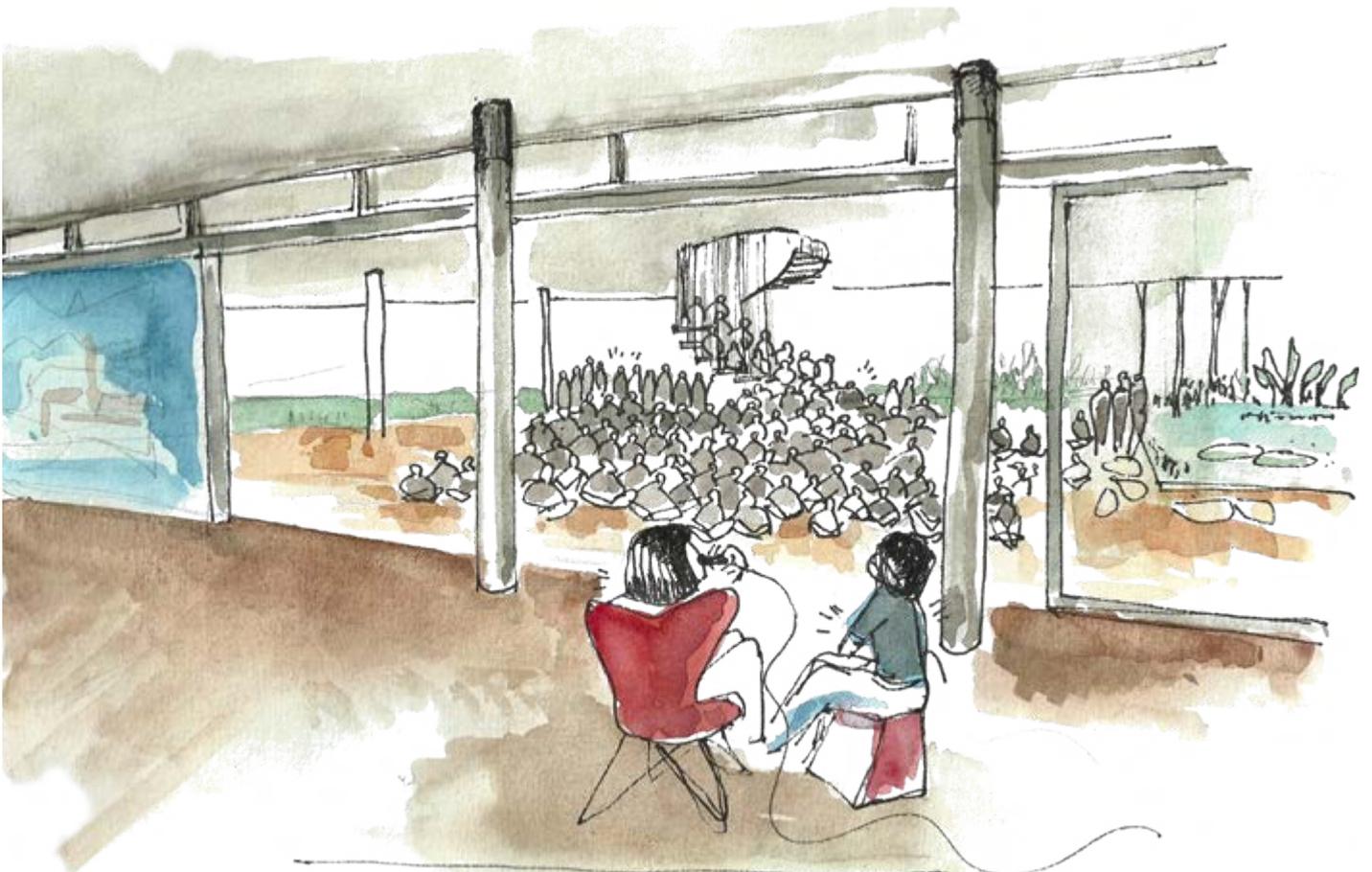
A abertura da ca
visitação é um passo na
dos visitantes com a hist
do parque. As visitas gui
representariam ainda um
educação patrimonial p
da cultura arquitetônica

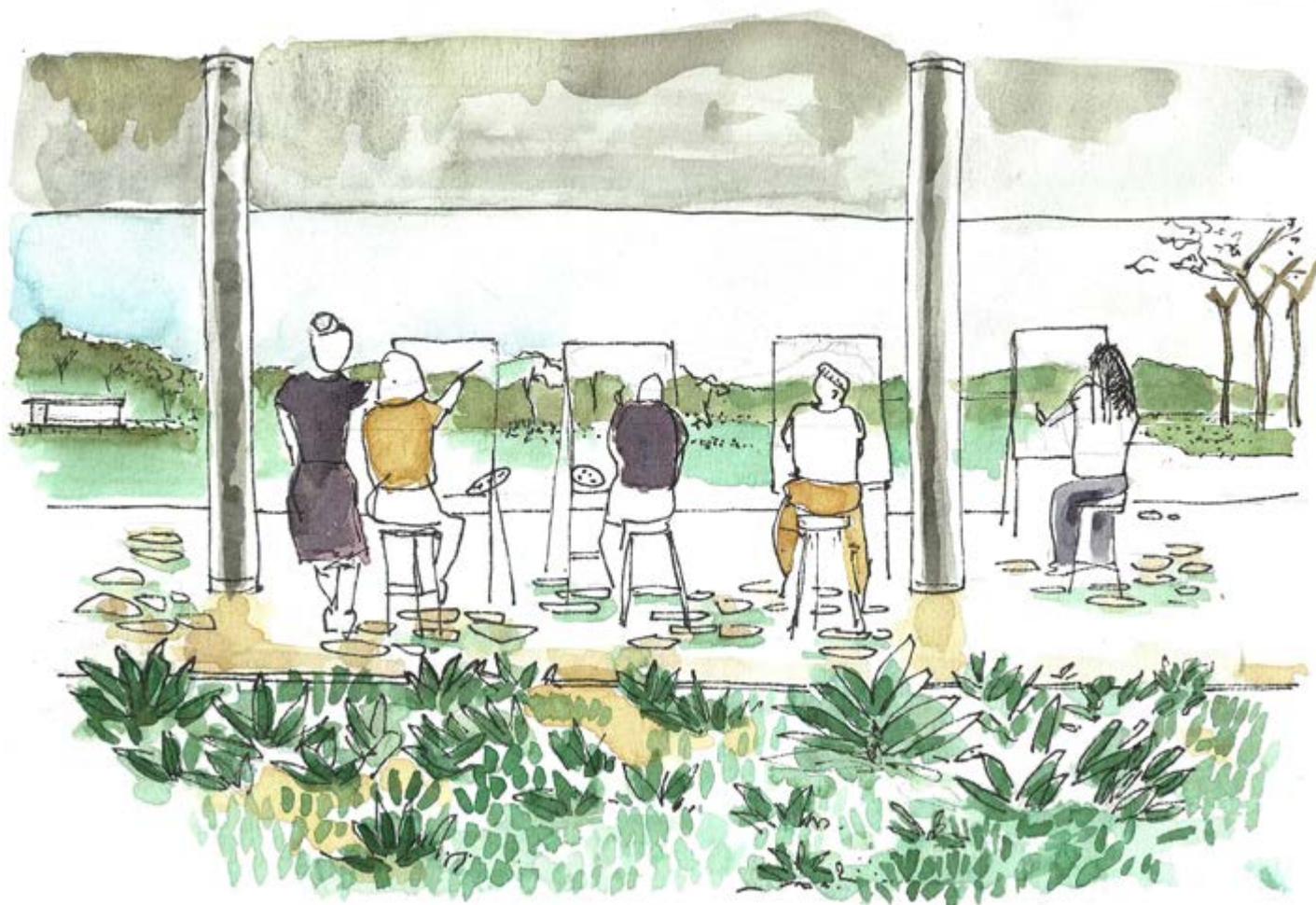


As transições entre espaço aberto e fechado assim como a integração entre arquitetura e paisagem, são característica marcante dos ambientes sociais da casa. Estas qualidades podem permitir novas apropriações.

O programa cultural do parque poderia ser ampliado e fazer uso destes espaços como apoio, fortalecendo o significado patrimonial da obra através de seu uso cotidiano. Esta seria uma alternativa possível mesmo agora que a casa ainda aguarda a finalização de adaptações e reformas.

O Salão de Jogos da Residência Olivo Gomes poderia funcionar como palco de palestras ou pequenas apresentações.





Área coberta criada pelo segundo pavimento e sua interação com os amplos campos do jardim da residência.

A importância desta arquitetura, sua relação com a composição paisagística de Roberto Burle Marx e o satisfatório estado de conservação em que se encontram paisagem e edificação são motivadoras de parcerias com outros institutos relacionados ao patrimônio moderno brasileiro para a promoção de encontros, simpósios e eventos sobre o tema.

CONVITE À IMAGINAÇÃO

Relação Fábrica - Parque Praça da Caixa D'água

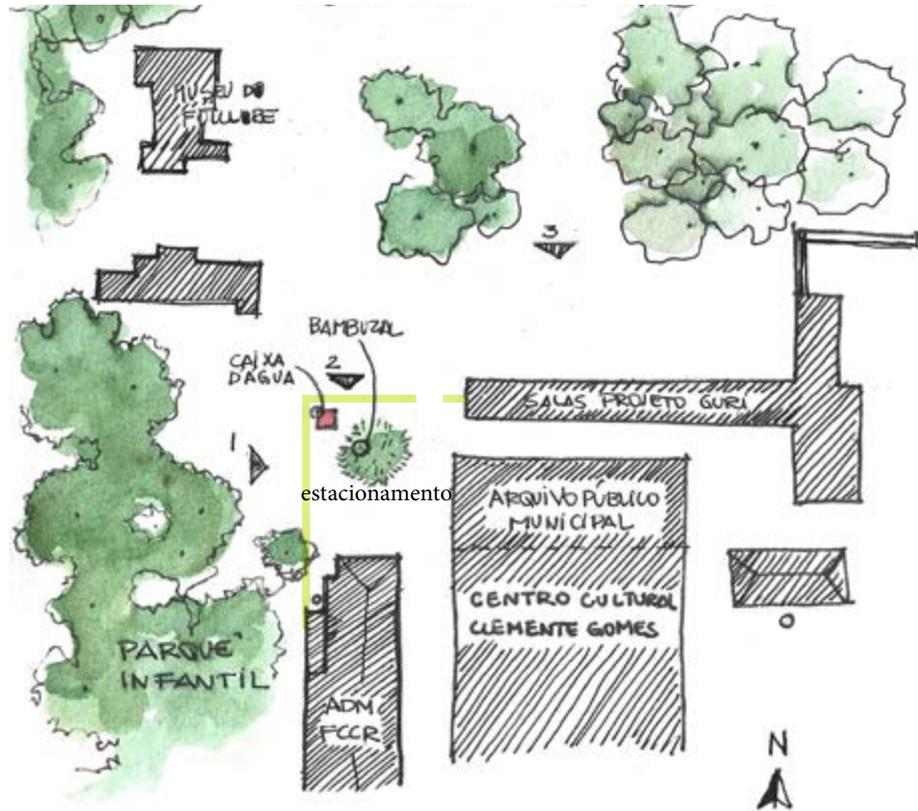
Atualmente, as instalações fabris pouco participam da paisagem do parque. Boa parte de seu perímetro está cercado por muros, vegetação ou por edificações que não tem interação direta com as áreas abertas. A partir da passagem definitiva destas para a municipalidade, pode-se investigar maneiras de integrá-las ao parque.

Como forma de revelar as fachadas fabris e resolver a descontinuidade espacial entre complexo e parque, tornando esta transição mais fluída, sugere-se a remoção de parte dos muros existentes. Esta operação tem, ainda, um tom provocador: estimula os visitantes do parque a explorarem as ruas do complexo.

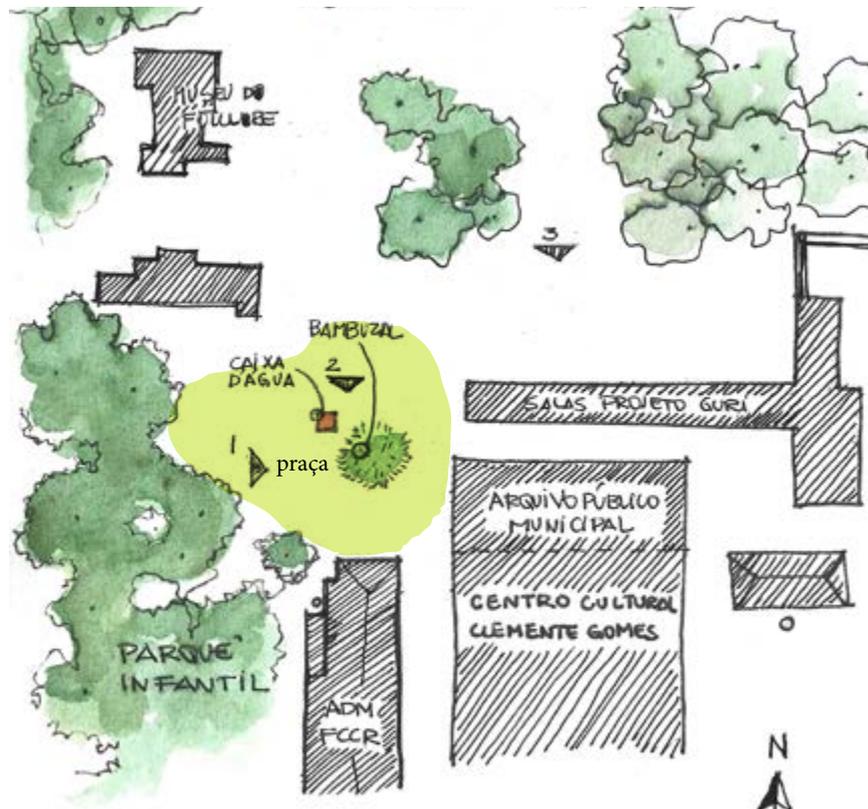
A escolha da retirada do muro neste trecho se dá pela proximidade com o parque infantil que é um conhecido ponto de atração; pela existência de uma área livre utilizada como estacionamento pelos funcionários dos órgãos administrativos sediados na antiga fábrica; e pela presença das edificações e arborização que auxiliam na conformação espacial da nova praça.

A partir da remoção do muro, coloca-se em evidência a caixa d'água. É então sugerida sua pintura em tom vibrante. Assim, este espaço se tornaria um ponto de referência geográfica devido não só à presença marcante deste objeto, mas pela interação cênica de dois elementos característicos da história do lugar: sendo o trabalho paisagístico, consolidado pelo uso como parque público e as instalações da Tecelagem como testemunho de um momento anterior.





O muro que separa as antigas instalações fabris do Parque está demarcado em verde. O acesso às instalações ocorre por um portão, que permanece aberto durante o dia mas denota um uso privado.



Possível conformação da Praça da Caixa D'água

Como alternativas iniciais de integração entre parque e fábrica se apresentam a remoção de parte do muro mas também a realização de atividades que promovam este cenário.

Estas ações tem teriam como objetivo uma aproximação maior da população com os espaços fabris, o que traria à tona maiores discussões sobre o futuro do complexo.





CONVITE À IMAGINAÇÃO

GALPÕES DA ANTIGA TECELAGEM PARAHYBA

As alternativas apresentadas pelo trabalho para a integração das antigas instalações fabris com o Parque da Cidade tem um caráter provocador. Elas buscam despertar na população o interesse por este lugar para que isto se desdobre futuramente no envolvimento comunitário que permita a ressignificação e completa integração destes representantes do passado na vida contemporânea.

Esta abordagem considera que o enraizamento não é construído por projetos instantâneos ou planejados de cima para baixo, mas por processos de adaptação contínua que envolvem a comunidade e permitem o desenvolvimento de um sentido relacional.

Para as práticas tradicionais, espaços como as instalações fabris em processo de ruína aparecem como residuais: necessitam ser restaurados, limpos e esterilizados a fim de que se tornem novamente utilizáveis. Ou finalmente demolidos para dar espaços a novas construções. Dentro dessa perspectiva, em seu estado atual, eles acabam por serem usados como espaços mortos, aguardando por um restauro que um dia virá, habilitando-os finalmente a um uso coletivo.

O questionamento a que este trabalho se propôs a fazer é refletir quais seriam as possíveis apropriações dos edifícios no estado em que se encontram atualmente, aproveitando as características contidas nesta condição, desde a flexibilidade dos espaços, ao cenário que promovem.



Os desenhos da página seguinte demonstram algumas espaço-exemplo e como podem ser usados de acordo com a sua situação e ou em um dado momento no tempo.

Ruínas [espaços sem cobertura ou com cobertura parcial]

-> Intervir o mínimo necessário para garantir segurança e utilizar estes espaços como laboratórios de experimentação, envolvendo profissionais dos campos criativos através de residências artísticas dos mais variados formatos: festivais de arte, instalações, peças de teatro interativo, festas, feiras.

Edifícios em médio ou bom estado de conservação

-> Imagino apropriações de impacto na vida cotidiana. Isto significaria envolver outros além do uso cultural (que já ocorre parcialmente), podendo incluir atividades educacionais e até mesmo comerciais desde que representem um ponto de fortalecimento da comunidade. A partir disso também poderiam ser pensadas alternativas de financiamento para os projetos de manutenção das edificações. Como, por exemplo, o a cessão de uso para pequenos profissionais liberais que ocupariam boxes através de pagamento de aluguéis abaixo do valor de mercado, que seriam investidos na manutenção dos espaços da fábrica ou através de contrapartidas, como a possibilidade dos interessados em usar estes espaços retribuir à comunidade com algum serviço.

Momento das grandes transformações e obras de restauro

-> Aproveitar as qualidades cênicas dos espaços fabris e sua inserção em um local de natureza exuberante para a exploração de usos que explorem combinações improváveis.

Desse modo se aproveitaria em cada uma dessas fases o potencial as construções do antigo complexo da Tecelagem do Paraíba e sua inserção no Parque da Cidade. Tornando-os não só um ponto de ancoragem da memória local, mas um espaço através do qual as relações de pertencimento são estreitadas, a partir disso, ressignifica-se a ideia da fábrica de tecidos para o tecer de um sentido social construído ao longo do tempo.



Galpões parcialmente descobertos poderiam sediar festivais de arte, instalações, peças de teatro interativo, festas, feiras.





Tratamento paisagístico dos espaços em ruína pode transformá-los em locais de estar. Ou qualquer outro tipo de uso que interesse à comunidade.



CONVITE À IMAGINAÇÃO

PARQUE DA CIDADE, UM LUGAR DE ARTE

A importância das obras presentes no Parque da Cidade, sejam a partir do refinamento trazido por Rino Levi ou pela exuberância desenhada por Burle Marx, assim como a sobreposição de camadas históricas, criam um ambiente formidável para o desenvolvimento de Festivais de Arte. A proximidade com São Paulo, um dos principais centros de efervescência artística do país, pode favorecer esta iniciativa.

Neste sentido, vislumbro a possibilidade da criação de um Festival de Arte Ambiental *site-specific* para o Parque da Cidade, apoiado e motivado pela presença da arte e arquitetura moderna assim como a antiga fábrica como espaço de experimentação. Este Festival aconteceria em formato anual ou bienal, no mês de julho (mês de aniversário da cidade).

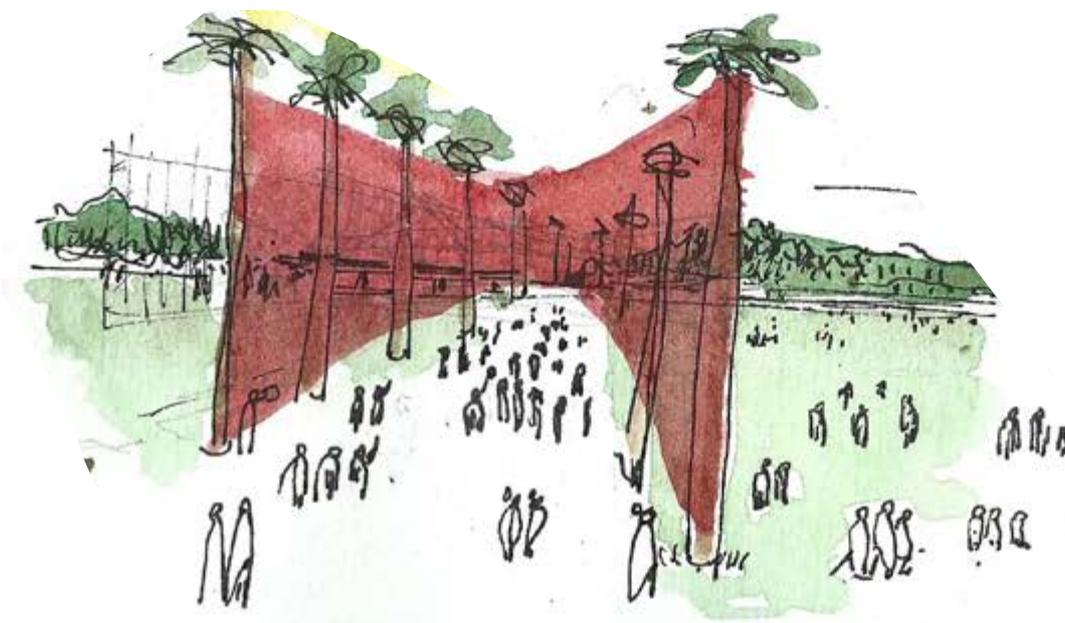
Os festivais poderiam representar ferramentas de fortalecimento e divulgação do patrimônio paisagístico e arquitetônico do Parque, assim como promover um ambiente celebrativo para com a cidade e seus habitantes.

Além disso, a instalação de obras de arte temporárias e a realização de performances nos espaços abertos do parque enseja uma maior democratização do acesso à arte na cidade e região.

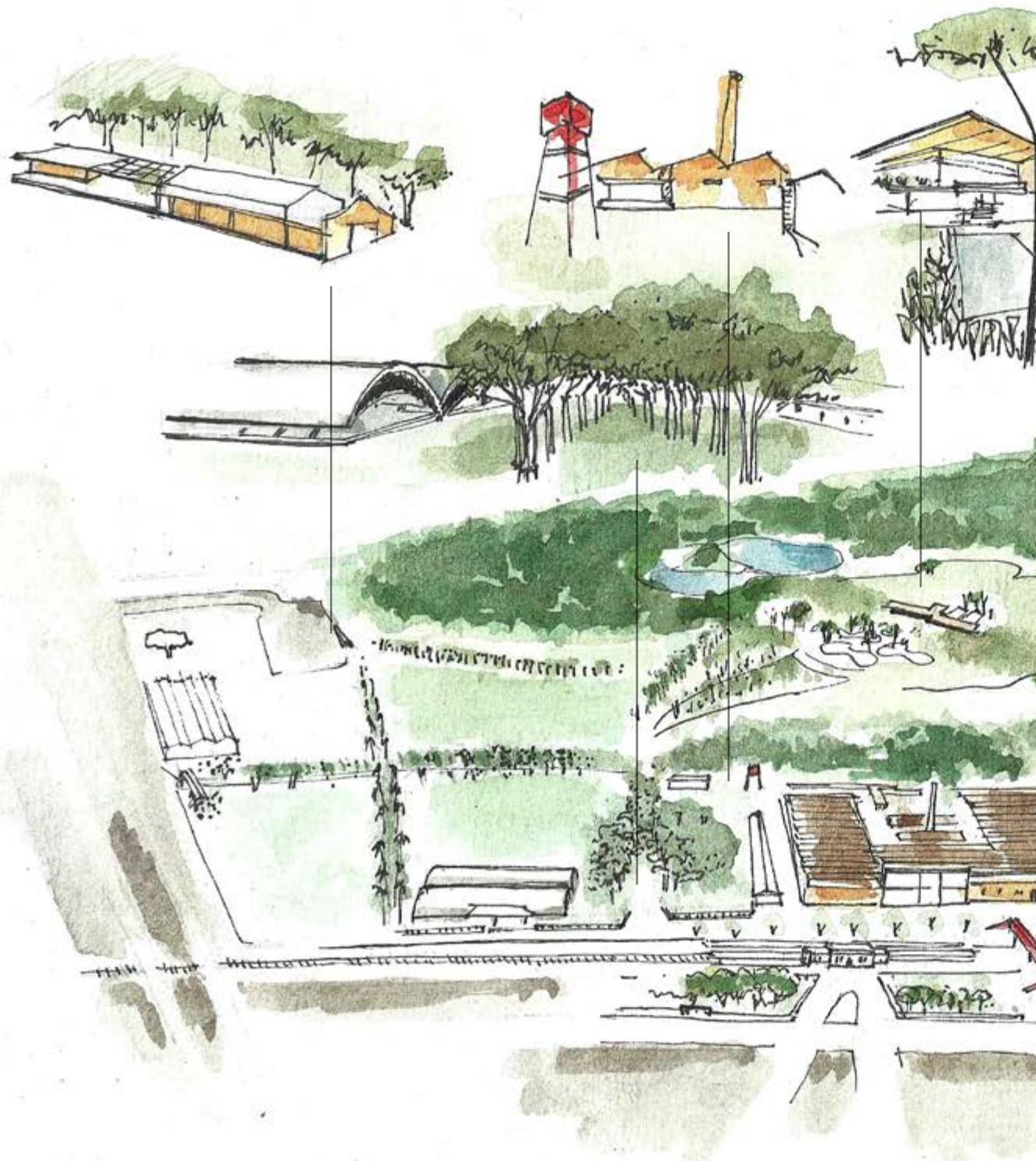
As instalações no espaço aberto simbolizam a dessacrilização da arte, que sai do museu e ganha o mundo real como ponto de partida e display. A partir disso, entra em contato com as pessoas que muitas vezes não se sentem convidadas a ir frequentar espaços ditos *culturais* ou não se reconhecem na posição de consumidoras de arte.



As instalações de arte pública, não estão dentro do museu *caixa branca* se tornam portanto mais democráticas. Muitas delas podem aparecer por acaso a seus possíveis apreciadores.



CONVITE À IMAGINAÇÃO: TODAS JUNTAS





O fato de que a única portaria do Parque se encontra em sua face oeste, determina a compressão espacial a partir deste sentido. Assim o eixo central exerce forte influência nos fluxos atuais. Desse modo, muitos elementos com qualidades específicas, que inclusive são parte importante da história deste lugar, se localizam em áreas encaradas como periféricas.

A partir da abertura de mais um acesso e das mudanças pontuais propostas, a leitura do desenvolvimento histórico da área poderia ser um pouco mais clarificada. Assim, ainda que as propostas não tenham sido pensadas para a criação de um percurso, elas se costuram, revelando elementos que estavam muitas vezes escondidos e que são testemunhos das transformações que este local viveu e viverá.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, V. Z. **Cidade e Identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares**, 2008. 242 f. Tese de Doutorado. Faculdade de História - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2008.
- ANELLI, R. **Rino Levi, arquitetura e cidade**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **O Ar E Os Sonhos - Ensaio Sobre a Imaginação Do Movimento**. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2001.
- CERÁVOLO, Ana Lúcia. **Interpretações do patrimônio: arquitetura e urbanismo moderno na constituição de uma cultura de intervenção no Brasil, anos 1930-60**. 228 p. Tese de Doutorado. Escola de Engenharia - USP São Carlos, São Carlos, 2010.
- CHUSTER, Vitor. **Zoneamento e Urbanização da Cidade de São José dos Campos na Fase Sanatorial**. In: ZANETTI, V.; PAPALI, M. A. (Coord.). **Fase Sanatorial de São José dos Campos: Espaço e Doença**. São Paulo: Intergraf, 2010. cap. 5, p. 133-162.
- COSTA, P. E. O. **Legislação Urbanística e crescimento urbano em São José dos Campos, 2007**. 257 f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007
- DECANDIA, Lidia. **O tempo e o invisível: da cidade moderna à cidade contemporânea**. São Paulo: Margem, 2003.
- FLUSSER, Vilém. **Exílio e criatividade**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 04, p. 50 - 52, 2011.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade. Tradução de Rubens Frias.** Primeira Edição, Editora Moraes, São Paulo. 1991.

LOBÃO, I. G. **O processo de planejamento urbano na vigência do Estatuto da Cidade: os Casos dos Planos Diretores de 2006 de São José dos Campos e Pindamonhangaba.** 372 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, FAU USP, São Paulo, 2007.

MACHADO, P. H. F. **São José dos Campos e a vocação de criar marcas de distinção para a cidade.** In: XX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VI Encontro de Iniciação à Docência, 2016, São José dos Campos, artigo, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, Núcleo de Pesquisa Pró-Memória, 2017, 6f.

OLIVEIRA, J. O. S. et al. **Sant'Anna, São José dos Campos: evolução histórica e diretrizes urbanas.** ed.. J.O.S. de Oliveira, 1999

POHL, E. B. **Hacking into Public Spaces / Hackeando el Espacio Social de los Encuentros.** Arquine, v. 58, p. 87 – 90, dezembro 2011.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Prefeitura Municipal de São José dos Campos. Decreto n. 17.329, de 16 de novembro de 2016: dispõe sobre o **Plano Diretor Parque da Cidade Roberto Burle Marx, 2016.**

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Prefeitura Municipal de São José dos Campos. **Plano Diretor de Mobilidade Urbana de São José dos Campos – PlanMob SJC: Relatório da mobilidade urbana, Diagnóstico e Prognóstico, 2015.**

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade. **Diagnóstico Técnico do Plano Diretor de São José dos Campos, 2017.**

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Secretaria de Planejamento Urbano. **Plano de Manejo**

e Ocupação do Parque da Cidade, 2008.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Prefeitura Municipal de São José dos Campos.

Diagnóstico Síntese do Plano Diretor de São José dos Campos, Dez. 2017:

Elementos da Paisagem Urbana: Sistema Rodoviário, Ferrovia, Hidrografia e Área de Proteção Ambiental Municipal IV, 2017.

SCHEINBERGER, Felix. **Acuarela para urban sketchers**. Barcelona: ed. Gustavo Gili, SL, 2015.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. 4. São Paulo: TM Editores, 2001.

SILVA, Diego F. da. **Utopias e micro-utopias: : Abordagens e práticas criativas para a arquitetura no campo expandido**. 127 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SITES

ALVES, Xandu. **Com a cessão da Tecelagem, restauro ficará com município**. O Vale, São José dos Campos, 12, abril, 2016. Região. Disponível em: <<http://www2.ovale.com.br/2.620/com-a-cess-o-da-tecelagem-restauro-ficara-com-municipio-1.672942>>.

ALVES, Xandu. **Complexo da antiga Tecelagem Parahyba corre risco de ruir**. O Vale, São José dos Campos, 27, março, 2016. Região. Disponível em: <<http://www2.ovale.com.br/2.620/complexo-da-antiga-tecelagem-parahyba-corre-risco-de-ruir-1.667948>>.

Bandeira. Prefeitura de São José dos Campos, 2018. Disponível em: <<http://www.sjc.sp.gov.br/servicos/governanca/sao-jose-em-dados/brasao/>>

Biennale Architettura 2018 - ELEMENTAL. Bienal de Veneza. Veneza:

Biennale Channel, 2018. 3'18". Disponível em: <https://www.youtube.com/>

watch?v=Sq8f7qcgxek&feature=youtu.be

Brasão. Prefeitura de São José dos Campos, 2018. Disponível em: <<http://www.sjc.sp.gov.br/servicos/governanca/sao-jose-em-dados/brasao/>>

Estações Ferroviárias de S. J. Campos. Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 2009. Disponível em: <<http://www.fccr.sp.gov.br/index.php/comphac-sp-27657/bens-preservados/3948-estacao-ferroviaria-central-s-j-campos-2>>.

FRACALOSSI, Igor. *Clássicos da Arquitetura: Residência Olivo Gomes / Rino Levi*. ArchDaily, 20 julho. 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/01-31181/classicos-da-arquitetura-residencia-olivo-gomes-rino-levi>>.

Resgatando São José dos Campos. Grupo no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/resgatandosjc/about/>>

Restauro do Parque Vicentina Aranha. Associação para o Fomento da Arte e Cultura, 2018. Disponível em: <<http://ajfac.org.br/restauro-parque-vicentina-aranha.php>>.

SASSEN, Saskia. **Does the City Have Speech?**. Public Culture, Vol. 25(2), p. 209-221, 2013. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=2846094>>.

